Érika de Moraes

Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos

Representações internacionais sobre o Brasil (em UOL e *Le Monde*)

Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos

ÉRIKA DE MORAES

APLICATIVOS DE NOTÍCIAS, DESTACAMENTO E EFEITOS DE SENTIDOS

REPRESENTAÇÕES INTERNACIONAIS SOBRE O BRASIL (EM UOL E *LE MONDE*)

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

M827a

Moraes, Érika de

Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos: representações internacionais sobre o Brasil (em UOL e *Le Monde*) / Érika de Moraes. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-9546-332-5 (eBook)

1. Jornalismo. 2. Comunicação digital. 3. Aplicativos de notícia. 4. Mídia nacional. 5. Mídia internacional. I. Título.

2019-492 CDD 302.23
CDU 316.774

Índice para catálogo sistemático:
1. Ciências Sociais: Comunicação digital 302.23
2. Sociologia: Mídias digitais 316.774

Este livro é publicado pelo projeto *Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da Unesp* – Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp (PROPG) / Fundação Editora da Unesp (FEU)

Editora afiliada:

Asociación de Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe

Associação Brasileira de Editoras Universitárias

Meus sinceros agradecimentos ao Departamento de Ciências Humanas e à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que possibilitaram a realização desta pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (*Fapesp), que a apoiou financeiramente durante o período de estudo pós-doutoral no exterior, viabilizando sua realização.*

Ao professor Dominique Maingueneau e à Université Paris-Sorbonne (Paris IV), que me acolheram em Paris durante seis meses.

Ao professor Johannes Angermüller, vinculado à École *des Hautes* Études *en Sciences Sociales, de Paris (EHESS), pelo diálogo estabelecido.*

Ao jornal Le Monde, especialmente por meio de seu médiateur Franck Nouchi, pelo contato com o veículo de comunicação.

À *Cité Internationale Universitaire de Paris (CIUP) e* à *Maison du Brésil, onde residi.*

Aos professores Sírio Possenti da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Manoel Luiz Gonçalves Corrêa da Universidade de São Paulo (USP), pela participação determinante em minha formação como analista do discurso.

Aos familiares e amigos e, muito especialmente, ao apoio incondicional de meu marido, Ronaldo José Schiavone.

Sumário

Apresentação

A comunicação digital ampliou a disponibilidade de informações, ao passo que é cada vez mais comum que se leiam apenas os títulos das matérias, que são um aspecto destacado dos assuntos abordados. Nesse cenário, a crescente influência dos aplicativos de notícias – que abastecem instantaneamente o usuário por meio de um *feed*, com recortes de atualidades considerados relevantes – é decisiva para a construção de efeitos de sentidos a respeito dos fatos divulgados e consequentes registros de memória.

Este livro deriva de ampla pesquisa que investigou esses efeitos em notícias veiculadas em dois aplicativos, um nacional (UOL, vinculado a um dos portais mais acessados do país, que divulga conteúdo do jornal *Folha de S.Paulo*) e um internacional (*Le Monde*), com respaldo no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, priorizando as noções de destacamento e destacabilidade (Maingueneau, 2010; 2014).

Com um *corpus* delimitado em torno de notícias sobre o Brasil, a obra permite traçar um *ethos* a respeito da identidade do país e do brasileiro, com base em representações na mídia nacional e internacional, levando em conta a

relação entre a interdiscursividade e a deontologia jornalística no contexto das tecnologias atuais. O recorte é iniciado pelo jornal francês, a partir do qual as notícias são cruzadas com as de divulgação nacional, por entender que a imprensa estrangeira (em relação a nosso ponto de vista) noticia os fatos sobre o Brasil considerados de maior impacto internacional e, por hipótese, de um ponto de vista distanciado. Assim, em última instância, trata-se de uma imagem internacionalizada do Brasil, constituída discursivamente.

Quanto à apresentação desta obra, os dois primeiros capítulos dedicam-se a situar o estudo em seu quadro teórico-metodológico. Os resultados das análises são expostos nos capítulos seguintes. O terceiro capítulo prioriza as análises comparativas entre notícias divulgadas nos aplicativos *Le Monde* e UOL/Folha, a partir de recortes temáticos. A ênfase é dada ao destacamento dos títulos, sem que se deixe de considerar o conjunto das reportagens analisadas. Busca-se esmiuçar a relação entre título e o todo das reportagens e quais efeitos os destacamentos proporcionam.

Os capítulos 4 e 5 enfatizam o funcionamento do jornalismo contemporâneo com base no destacamento e buscam aprofundar a discussão por meio do cruzamento entre as análises realizadas e os modos de produção do discurso jornalístico, sustentado em posicionamentos editoriais. Tal etapa foi complementada a partir de realização de entrevista com o *médiateur* do *Le Monde* e pesquisa sobre o funcionamento das atividades do jornal.

Em seu conjunto, os capítulos do livro permitem o aprofundamento da visão sobre a cobertura midiática a respeito do Brasil em nível internacional. Os resultados demonstram que a constituição de identidades é amplamente afetada pelos modos de funcionamento jornalístico, cuja discursividade pauta-se no que chamamos de uma sintaxe do destacamento.

A pesquisa integra-se ao projeto global de atividades desenvolvido pela docente e pesquisadora na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, no triênio 2016-2018, e foi parcialmente realizada com apoio da Fapesp (Processo 2016/18915-3), que subsidiou o estágio de pós-doutoramento realizado na *Université Paris Sorbonne* (Paris IV), em Paris, França, sob a supervisão do doutor Dominique Maingueneau, no período de março a setembro de 2017.

1
Delimitando o estudo

Com a comunicação digital cada vez mais presente na vida das pessoas, o hábito de ler jornais em papel vem sendo substituído pela leitura online, não só por meio das telas dos computadores, mas muito especialmente pelos dispositivos móveis. Isto, porém, não reduz a importância da chamada mídia impressa, entendida como mídia de aprofundamento, que, ao contrário de perder sua força, reestabelece um *status* de mídia quente, outrora perdido para o audiovisual, ao poder divulgar e atualizar notícias por meio dos sites vinculados aos jornais, atualmente muito acessados em suas versões digitais.

O suporte é indissociável do conteúdo que veicula, conforme defende Maingueneau (2001) ao tratar da relevância do *midium*, e, consequentemente, a comunicação é alterada pelo tipo de leitura que provoca. Evocamos o termo "leitura" porque o usuário não deixa de ser leitor, especialmente se aceitarmos a concepção do leitor imersivo que navega no ciberespaço (Santaella, 2004) e compreendermos, sobretudo, que a leitura se torna cada vez mais complexa.

Santaella (ibidem) promoveu uma densa pesquisa sobre a navegação e os modos de leitura no ciberespaço, considerando a influência do suporte físico (o computador, a tela, o mouse), sem deixar de ser previdente em relação aos novos suportes. Já naquele momento, amparada em especialistas, afirmava que o futuro pertenceria aos "portáteis capazes de se comunicar sem fios" (ibidem, p.182), por isso seu estudo teórico e empírico permanece pertinente: "navegar veio para ficar, pois se trata de uma atividade performativa e cognitiva que não está presa a um único tipo de equipamento" (ibidem, p.183).

Ajustando para os objetivos de sua pesquisa a mobilização de teorias cognitivas, a autora chegou a três perfis de internautas ou leitores imersivos: o errante, o detetive e o previdente, cada um deles associado a modalidades de raciocínio (abdutivo, indutivo e dedutivo, respectivamente). Embora prototípicas, as modalidades de leitura são intercambiáveis e convivem entre si. Ainda que a refinada pesquisa da autora tenha trilhado um caminho diferente do nosso (o viés cognitivo, em seu caso, e o discursivo, no nosso), é interessante notar que suas conclusões são compatíveis com uma compreensão histórica da leitura, que poderia ser mobilizada por uma teoria discursiva.

Conforme já problematizamos em outros trabalhos (a exemplo de Moraes, 2014), não basta (somente) pensar em um mundo que é hoje tal por causa das novas tecnologias, mas as atuais tecnologias também são possibilitadas pelos processos historicamente constituídos. Respaldamo-nos, assim, em Santaella (ibidem, p.181) para afirmar que o leitor do aplicativo é tanto um leitor pós-livro, pós-jornal impresso, pós-computador quanto um leitor influenciado por todos esses e por outros modos de leitura: "o leitor imersivo não surgiu diretamente do leitor contemplativo dos livros. Sua sensibilidade perceptiva veio sendo

gradativamente preparada pelo leitor dos fragmentos de imagens, sons, textos, setas, cores e luzes, no burburinho da vida urbana".

O leitor, ou usuário, hoje com *smartphone* em mãos, é a um só tempo disperso e imersivo; transita pela leitura *scanner* e por outras infinitas possibilidades não lineares. No aplicativo, depara-se com destaques em movimento, geralmente títulos, subtítulos e fotografias legendadas. Ao clicar no link relacionado ao título, é levado tanto à leitura de um texto em maior profundidade como a outras possibilidades intertextuais, como links para matérias relacionadas. Se o leitor, por dispersão, perde um destaque considerado de alta relevância editorial, o aplicativo o retoma, busca fisgar esse leitor de volta, retornando um título de destaque à posição mais alta da rolagem, ou emitindo novos alertas sonoros.

O destacamento é sempre essencial, já que constitui a primeira camada da leitura, o chamariz, e os suportes móveis, por sua vez, favorecem a leitura dos destaques. Nessa realidade em que *tablets* e *smartphones* tornaram-se quase uma extensão do ser humano,[1] torna-se mais relevante refletir sobre os modos de destacamento enquanto processos de direcionamento de leitura e consequente cristalização de memórias na contemporaneidade.

---

1 Isso ocorre de modo ainda mais significativo para a chamada *geração selfie*, aquela que registra e publica seus momentos cotidianos em redes sociais, muitas vezes passando mais parte de seu tempo nessas redes do que interagindo efetivamente com a sociedade. A definição de *geração selfie* é elástica. Remete aos jovens nascidos no auge da comunicação digital (final dos anos 1990 e anos 2000), mas também a todos aqueles que se "adaptaram" a essas tecnologias. Faz referência ao comportamento de tirar fotos de si mesmo para publicar em redes sociais. Filosoficamente, "mais do que uma *geração da imagem de si mesmo*, ela é uma *geração do indivíduo por ele mesmo* em vários sentidos" (Pierre, J. A. *Modernidade da geração selfie*. Disponível em: <goo.gl/FSAOxf >. Acesso em: set. 2016).

Qual seja a posição sobre o espaço digital (interação ou alienação), é sabido que, no atual contexto, há disponibilidade de acesso a infinita quantidade de notícias, sendo comum que se leiam apenas títulos. Se as matérias jornalísticas já são um recorte da realidade, pré-definido de acordo com uma linha editorial, aqueles são um "recorte do recorte", um aspecto particular destacado do assunto abordado, focado em um certo posicionamento. Dessa forma, diversas informações são retransmitidas de modo superficial e, principalmente quando compartilhadas nas redes sociais, recebem comentários e repercutem com base apenas em seus títulos.

Levando em conta essa realidade social e a crescente influência dos aplicativos para dispositivos móveis (os chamados *apps*), a pesquisa que ora se apresenta neste livro propôs discorrer a respeito dos efeitos de sentidos construídos com base nos destacamentos em títulos de notícias que circularam em aplicativos. Tratamos de notícias de dois aplicativos, sendo um nacional (o UOL, que veicula notícias do jornal *Folha de S.Paulo*, além de conteúdo próprio) e um internacional (*Le Monde*, vinculado ao jornal francês de mesmo nome). Trata-se de aplicativos que procuram resguardar o *status* de mídias tradicionais, amparados na apuração jornalística, no atual universo diversificado da comunicação. Optamos pelo aplicativo UOL por ser um dos mais populares no Brasil e ter vínculo com o grupo Folha, responsável pelo jornal *Folha de S.Paulo*, de grande circulação e influência nacional. A opção pelo aplicativo do jornal francês *Le Monde* justifica-se pela sua importância e credibilidade internacional, bem como por sua efetiva proposta de colocar-se como veículo internacional, do que ecoa seu próprio nome, "O Mundo". É sediado em um país em evidência na União Europeia e no mundo, a França, símbolo, ao mesmo tempo, de uma sociedade madura (pertencente ao *velho*

mundo europeu) e de ideais avançados, pautados no lema *liberdade, igualdade e fraternidade*. Essa oposição estereotípica entre *velho* e *novo* mundo faz com que países da Europa representem *um Outro* para o Brasil, constituindo entre ambos uma relação de "olhar exterior".

Ao caracterizar-se como mídia internacional, o *Le Monde* não deixa de partir de uma "visão francesa", como nos pontua, em entrevista, o *médiateur* do jornal, Franck Nouchi[2] – ainda que não represente uma visão total da França, mas de certo recorte, de acordo com a faixa de público que engloba o veículo, e, neste caso, é mais elitizada. De qualquer forma, trata-se de um jornal que é citado como referência, inclusive pelo Brasil, como representativo das abordagens "pela mídia internacional". Assim, suas manchetes sinalizam pontos do que se registra, no Brasil e em outras localidades, como "uma abordagem internacional (de assuntos globais)".

O objetivo da pesquisa foi estudar notícias que tivessem relação com o Brasil e fossem veiculadas tanto pelo aplicativo *Le Monde* quanto pelo UOL, e que fossem notícias exatamente sobre os mesmos fatos ou que contivessem semelhanças temáticas. Metodologicamente, optou-se por iniciar o recorte sempre pelo jornal francês, por entender que a imprensa estrangeira (em relação ao Brasil) noticia os fatos sobre outro país considerados de maior impacto internacional e, por hipótese, de um ponto de vista distanciado, possibilitando perceber as diferenças de abordagem: como nossa realidade é apresentada externa e internamente. Uma das implicações disso é que o leitor brasileiro que acompanhe notícias da mídia internacional (neste caso, francesa) terá, consequentemente,

---

2 A entrevista com o *médiateur* trouxe elementos importantes para o estabelecimento das condições de produção do discurso de *Le Monde*, o que repercutiremos nos capítulos finais.

acesso a uma interpretação de dados exterior, supostamente mais isenta (*supostamente*, ou seja, não se trata de uma verdade, mas de um efeito). Outra implicação é a de que essa visão do exterior, contraposta a um destacamento na mídia nacional, pode demonstrar que a mesma notícia produz efeitos de sentidos diferenciados, conforme os aspectos que são enfatizados, especialmente em seus títulos.

É natural que tais fatos sejam contextualizados de maneiras diferentes pela mídia nacional e internacional, a depender do "leitor modelo" (Maingueneau, 2000) construído pelo jornal. A questão é perpassada pelas formações imaginárias envolvidas: a imagem que o jornal tem de si e de seu leitor e o conhecimento que se pressupõe que o leitor tenha sobre o assunto em questão. Isso posto, a pesquisa tem em vista avançar a compreensão sobre efeitos de leitura influenciados pelos novos suportes, com base especialmente no estudo do destacamento, e, ao selecionar um *corpus* de notícias relacionadas ao Brasil, traz, como questão adjacente, uma reflexão sobre memórias discursivas que se cristalizam a respeito de nossa identidade nacional.

Não ignoramos o fato de que o rompimento de barreiras territoriais faz com que, cada vez mais, a mídia estrangeira, por sua vez, aproprie-se do olhar do país de cobertura (inclusive por meio de trabalho realizado por jornalistas *freelancers* locais, em substituição a correspondentes estrangeiros). Ainda assim, consideramos produtiva a expansão de olhares-leitores por meio da abrangência de fontes de informação, ou seja, por mais heterogênea que seja a delimitação de uma "cobertura internacional", o acesso a veículos de localidades e culturas diversas é enriquecedor.

Feitas essas considerações, ressaltamos que o objetivo geral da pesquisa é analisar efeitos de sentidos em cobertura de notícias tidas como internacionais, tomando

como *corpus* notícias relacionadas ao Brasil, veiculadas nos dois aplicativos de notícias aqui mobilizados, UOL e *Le Monde*, com respaldo no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) francesa, priorizando as noções de destacamento e destacabilidade (idem, 2010; 2014).

Consideramos a necessidade de um *corpus* variado a fim de focalizar a discussão na *circulação* de discursos que pusessem em evidência nosso país e, consequentemente, nossa identidade, e não em um tipo de discurso específico (o político, por exemplo). Sobre os desafios de constituição de um *corpus* de pesquisa, pondera Angermuller (2016, p.32):

> Com efeito, se o discurso não tem fronteiras interiores ou exteriores estáveis, é impossível apresentar uma formação com o apoio de amostras representativas ou ao delimitar um *corpus* natural. A constituição de um *corpus* se dá por meio da construção de um processo de pesquisa, construção que define em larga medida os resultados a serem atingidos.

O material analisado foi coletado nos dois aplicativos de notícias em questão, UOL e *Le Monde*. Como ponto de partida, buscamos notícias relacionadas ao Brasil que circulassem nos dois veículos, fosse de forma similar ou aproximada. De acordo com o respaldo teórico-metodológico da AD, a definição precisa do *corpus* deu-se ao longo da pesquisa, de modo a favorecer o aprofundamento das noções mobilizadas, como o funcionamento do destacamento no jornalismo e, de forma complementar, a constituição da memória discursiva sobre as identidades.

Nosso *corpus* de trabalho ampliado compreende o cruzamento de notícias sobre o Brasil divulgadas em *Le Monde* e UOL/*Folha de S. Paulo* desde dezembro de 2015 até julho de 2017, considerando os principais acontecimentos que adquiriram visibilidade midiática. Na

presente obra, apresentamos cinco análises comparativas, definidas por recortes temáticos que dialogam entre si e, eventualmente, com outras notícias constituintes do *corpus* ampliado. O estudo permite apresentar uma metodologia que possa vir a ser constantemente atualizada por meio de novas análises, ao mesmo tempo em que a própria metodologia é reciprocamente enriquecida pelo olhar sobre novos *corpora*. Dado que as possibilidades de análises mostraram-se inesgotáveis, optamos por esse recorte, que serviu de parâmetro para a etapa consequente, de aprofundamento a respeito do estudo do funcionamento do discurso jornalístico.

A escolha pelo estudo dos aplicativos de notícias, conectada com a contemporaneidade, não desconsidera que esses aplicativos vinculam-se a nomes próprios de veículos jornalísticos pautados em linhas editoriais específicas. É, sobretudo, de cobertura jornalística internacional que se trata.

Cabe, ainda, uma consideração a respeito do entendimento a respeito da mídia "impressa" (entendida metaforicamente como mídia de aprofundamento jornalístico, que pode estar "impressa" em uma tela). Ao contrário de substituir o jornalismo impresso, as mídias digitais permitiram sua revalorização como mídia de atualidade quente, com o advento dos jornais online. Nas palavras de Ringoot (2014, p.85)[3], "por tempos, destronada pelas mídias audiovisuais, pelo que concerne a rapidez e imediatismo da informação, a imprensa pode então rivalizar nesse terreno, desde que ela se desenvolveu na Internet". Ainda concordando com Ringoot, a imprensa escrita é a que detém o maior peso, a fim de se apreender notadamente como uma informação, entre todas no "fio da

3 A tradução dos trechos citados de originais em francês é de nossa responsabilidade.

atualidade" e pode se tornar elegível para um tratamento mais consequente. Ou seja, a imprensa alcança um novo *status*, outrora perdido para os meios audiovisuais (o imediatismo, conquistado com a possibilidade de atualizar conteúdos online e ser reposicionada como "imprensa quente"), e ainda reforça o seu anterior, o de aprofundamento, aspecto em que sempre foi soberana.

A paginação, o suporte físico, o lugar ocupado por uma notícia (a capa do jornal, a *homepage* ou a tela do dispositivo móvel) influenciam a circulação das notícias, que se desmembram e se aprofundam a partir de uma primeira, ou seja, os suportes constituem a notícia tanto quanto o seu conteúdo em si. Ou seja, "a página, unidade espacial intrínseca ao suporte de papel e desmaterializada na web, delimita uma cena de enunciação" (ibidem, p.46). Seja em papel ou desmaterializada na web, portanto, a "imprensa" (entendida como escrita jornalística de aprofundamento) mantém-se e renova-se, sendo relevante compreender o seu funcionamento discursivo. A relevância não está no meio e nem na mensagem, mas na interconexão entre ambos.

2
Quadro teórico-metodológico

O destacamento e a destacabilidade no quadro da Análise do Discurso francesa

Esta obra situa-se no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD) francesa, linha desenvolvida por Pêcheux na década de 1960 e em constante processo de atualização, a partir do trabalho de autores contemporâneos como Maingueneau, Paveau, Krieg-Planque e Angermuller (na França), Possenti e Orlandi e de diversos círculos de estudo no Brasil, país em que encontrou terreno fértil para se ressignificar.

Ainda que as abordagens desses e de outros autores possam enfatizar diferentes aspectos, compartilham de um quadro conceitual comum, segundo o qual o discurso é atravessado pelo interdiscurso, imbuído de ideologia e influenciado pelo inconsciente. Existe um "sempre já dito" por trás de todo e qualquer discurso, correlato aos lugares em que se situam os sujeitos que se colocam como responsáveis por tais discursos. A própria concepção de sujeito é correlata/dependente à de discurso, já que não se trata de um indivíduo no mundo ou de uma instituição

(o jornal, por exemplo), mas de uma entidade fiadora de determinados posicionamentos.

Para a AD, o discurso não tem um início e não pode ser limitado ao funcionamento interno do texto, uma vez que está ligado a suas condições de produção, à história e às relações humanas. Como diz Foucault (1971, p.21), todo discurso repousa secretamente sobre um já dito, que não é simplesmente uma frase já pronunciada, mas um "jamais dito". Assim, não é preciso, nem possível, "remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância", o que significa debruçar-se sobre as condições de produção que o sustentam, as quais não são estáveis ou homogêneas.

Por essa razão, o discurso deve ser compreendido na sua relação com o interdiscurso, noção indispensável para a concepção de discurso proposta por Pêcheux (1990, p.79), para quem "é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, [...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção". Daí a necessidade de especificar as condições (históricas, sociais, políticas, econômicas...) em que os discursos se apresentam, uma vez que é de acordo com essas condições que eles produzem os efeitos que produzem e alcançam determinados sentidos.

Pensar a AD na contemporaneidade implica considerá-la em sua realidade pós-estruturalista, influenciada pela epistemologia anti-humanista associada à "virada linguística" para as ciências humanas e sociais, havendo a necessidade de repensar constantemente a própria teoria, bem como a contribuição de teóricos visionários em seu tempo, como Jacques Lacan, Louis Althusser, Michel Foucault e Jacques Derrida (Angermuller, 2016).

Angermuller (ibidem) retoma o quadro teórico da AD instituído na França dos anos 1960 (Foucault, 1969;

Pêcheux, 1969), discorrendo a respeito das influências determinantes em sua constituição, como o método distribucionalista de Harris, a linguística saussureana, a conjuntura do estruturalismo, da psicanálise e do marxismo. Ressalta que Pêcheux e Foucault propuseram poucos instrumentos metodológicos que pudessem servir à pesquisa empírica, já que optaram por "inscrever o projeto da análise do discurso nos debates intelectuais sobre o sentido, o sujeito e a ideologia" (Angermuller, 2016, p.18). Com o declínio do modelo estruturalista no decorrer das "fases" discutidas (constituídas e repensadas) por Pêcheux (1990), ocorre o progressivo esfacelamento das fronteiras de um discurso bem delimitado, fortalecendo-se a dimensão pragmática da atividade linguageira. Angermuller (2016, p.36) observa que, no desenrolar da historicidade, a problemática da enunciação ocupa um lugar cada vez mais privilegiado na teoria e na prática linguística, desenvolvidas depois do final dos anos 1970, contemplando a "dimensão acontecimental do discurso".

Ainda conforme o autor, "passando de línguas abstratas fora de contexto aos discursos concretos contextualizados, a análise do discurso se constitui como um campo pós-estruturalista nas ciências da linguagem" (ibidem, p.161). O sentido, então, pode ser concebido como "um fenômeno heterogêneo constituído em diferentes estágios, revelando, assim, a divisão de um sujeito entrelaçado nas armadilhas do dizer" (ibidem, p.164), o que exige dos leitores um considerável trabalho interpretativo para compreender os posicionamentos implicados nos textos e seus consequentes sentidos.

Sabemos que, para existir, os enunciados devem ser constituídos em atos de enunciação. Apreender os "contextos" nos quais os enunciados adquirem significação implica a reflexão "da singularidade e da especificidade da enunciação" (ibidem, p.23). Com o conceito de *cenografia*,

Maingueneau (2005; 2006) rompe definitivamente com a separação entre textos e contextos, compreendendo que os textos organizam seus contextos ao mesmo tempo em que os contextos são validados pelos textos. A abordagem de Maingueneau sobre a cenografia subentende a hipótese de que os signos não são saturados, ou seja, dependem de contexto para adquirir significados particulares, ao mesmo passo em que convergem para a construção contextual. Explica Angermuller (2016, p.44): "como a materialidade simbólica retoma a si própria, o discurso está entre o pensamento e o mundo. É por essa razão que o texto e o contexto não estão em mundos separados existindo cada um por si".

Para Maingueneau (1997, p.46), "o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis", não havendo hierarquia entre o "conteúdo" e o modo de dizer, uma vez que a eficácia de um discurso (mensurada por sua capacidade de suscitar a crença) está diretamente ligada ao *ethos* que ele constrói e, ao mesmo tempo, sustenta. O autor concebe o *ethos* como imagem relacionada ao sujeito enunciador do discurso que se revela pelo *modo* como esse sujeito se exprime. Ou seja, o *ethos* é revelado não (só) pelo conteúdo (sem excluí-lo), mas pelo próprio *modo de dizer,* o que inclui elementos de diversas ordens (léxico, tipo de registro, estruturas sintáticas, marcas visuais etc.). Trata-se de um conceito bastante produtivo para os estudos atuais em AD, como demonstram os trabalhos de Maingueneau (2006; 2010, entre outros), Amossy (2005), Motta e Salgado (2008), Moraes (2016).

A enunciação, portanto, não é algo que se acrescenta à língua, mas, sim, que serve para detectar a própria instabilidade interna da língua, conforme já demonstraram estudos como os de Jacqueline Authier-Revuz (1990 [1982]), para quem a língua é confrontada à sua "não unidade" ao

fazer comentários sobre si mesma – por meio das retomadas enunciativas, que são as marcas de "heterogeneidade mostrada", ou seja, uma forma de "negociação" com a heterogeneidade constitutiva do discurso.

A contribuição de Authier-Revuz trouxe à tona, já na década de 1970, a dificuldade (que Coracini vê como impossibilidade) "de caracterizar as fronteiras dos objetos reais que correspondem aos conceitos fundamentais da AD, ou seja, formação discursiva, formação ideológica e condições de produção" (Coracini, 2013, p.32). É necessário enfrentar o desafio já apontado por Pêcheux quanto à natureza desses conceitos, que se esbarram na tendência científica de delimitar/quantificar as coisas. Ora, como dizer quantas Formações Discursivas (FD) pode conter uma Formação Ideológica (FI) ou quantas FI podem existir em uma dada formação social, se as fronteiras mesmas de tais formações são abstratas e difusas? A teoria assume, então, essa difusão e opacidade como características da interdiscursividade. O desejo inicial (de Pêcheux) de uma análise de discurso "exata" é suplantado pela importância de mostrar a opacidade e o simbólico que subjazem os discursos (do que são efeitos os destacamentos) e, consequentemente, a constituição de identidades de que esses discursos são contraparte. Assumir o equívoco da língua é, também, contemplar o inconsciente como impossibilidade do controle de si e do dizer, a inatingibilidade de estancar sentidos da qual a AD cada vez mais se dá conta, com a contribuição da psicanálise.

Da mesma forma que os sentidos, o contexto social é resultado de um trabalho interpretativo dos participantes do discurso. Ao considerar, nesta pesquisa, que o destacamento dos títulos de notícias, de certo modo, pode obstruir em algum grau a relação com seus contextos, é necessário, portanto, mobilizar uma noção discursiva de contexto, que contemple a inseparabilidade do que é

dito e do *modo de dizer*, segundo a já exposta concepção de Maingueneau. Conforme explica Angermuller (2016, p.165):

> [...] o contexto não é nem estável nem dado; ele se refere ao saber dinâmico que os leitores elaboram do contexto social e histórico mais amplo, no qual o texto foi produzido. A questão não é simplesmente saber qual é o contexto do texto; pelo contrário, trata-se de saber como os marcadores formais instruem o leitor sobre os contextos no centro dos quais ganham sentido.

Ao levar em conta o cenário atual da tecnologia dos dispositivos móveis, nossa pesquisa busca valorizar a importância dos novos suportes tecnológicos na sociedade, como elemento contextual, sem, no entanto, implicar um deslumbramento quanto à suposta sobreposição do suporte em relação a tudo aquilo que se veicula por meio dele, conforme já defendemos em trabalhos anteriores (por exemplo, Moraes, 2014). Em vez de simplesmente pensar que as novas tecnologias proporcionaram uma nova sociedade, pode-se considerar, de modo complementar, que a sociedade é hoje tal que permitiu o surgimento e o avanço de tais tecnologias. Em meio a esse avanço, têm sido propagadas as "pequenas frases" no sentido de Maingueneau (2014), com base em destacamentos, especialmente nas redes sociais, que se diluem e são reformuladas quase simultaneamente, muitas vezes desaparecendo com rapidez para que outras igualmente curtas surjam e se sobressaiam.

Compreendemos que as noções de destacamento e destacabilidade, tais quais propostas por Maingueneau (2010; 2014), são de importância fundamental para a pesquisa, uma vez que tratamos dos efeitos de sentido produzidos a partir dos "destaques" nos títulos. A ideia

do destacamento implica a constatação de que os trechos salientados de um texto correspondem a um posicionamento, podendo até implicar a subversão de seu sentido "original". É o caso, por exemplo, de títulos de reportagens que reproduzem falas entre aspas de determinados enunciadores, mas sem considerar, no título, as condições em que tais dizeres foram produzidos.

Maingueneau (ibidem) parte dos destacamentos para mostrar que determinadas frases seriam produzidas com uma convicção diante do mundo, que se apresenta como rica de sentido para todos, o que o leva ao conceito de aforização. O enunciado aforizante se dá ao mesmo tempo como memorável e memorizável. Embora, em princípio, o destacamento não leve necessariamente à aforização, pode conter marcas de enunciado aforizante. Esse autor tem contribuído significativamente para a atualização das pesquisas em AD, por meio de conceitos como o de aforização (idem, 2014), que ressalta os efeitos de sentidos – por vezes, inusitados – dos modos como pequenos textos têm sido produzidos na sociedade.

As condições atuais de produção do discurso são tais que impulsionam a emersão de frases destacadas, que podem vir a funcionar como fórmulas discursivas.[1] Não é especificamente de fórmulas que este trabalho trata, porém, as análises mostram que algumas características das fórmulas aparecem em enunciados destacados.

A noção de fórmula, conforme proposta por Alice Krieg-Planque (2010), permite entender, no quadro discursivo, que, em uma dada conjuntura, uma dada sequência linguística adquire estabilidade, "porque, a certa altura

---

1 Krieg-Planque (2010, p.9) designa a fórmula por "um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir".

de sua circulação, acumulam-se relações parafrásticas que delimitam um conjunto saturado de enunciados. E esse conjunto, atualizado em aforizações, configura posicionamentos" (Salgado, 2011, p.154). Krieg-Planque (2010, p.9) designa a fórmula por "um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir".

Tal concepção pode ser associada ao quadro teórico proposto por Maingueneau (2010, p.10), que, ao tratar da aforização (enunciados sem texto), aborda o problema dos "enunciados destacados" que funcionam aparentemente como "enunciados autônomos". Por um lado, no caso das máximas, dos provérbios, dos slogans, haveria um "destacamento constitutivo", por outro, é possível haver um destacamento por extração de um texto de seu contexto original, o que quase sempre acarreta alteração de sentido.

As tecnologias digitais têm papel fundamental para que acontecimentos adquiram visibilidade abrangente e instantânea. Os títulos destacados não se tornam necessariamente fórmulas (embora isso possa acontecer), mas podem adquirir características formulaicas, como a cristalização de sentidos ao salientar aspectos dos discursos que serão relembrados, transformados em memória, enquanto outros tornam-se acessórios e passíveis de esquecimento.

A reflexão sobre os diferentes destacamentos pela mídia nacional e internacional pode, também, ser enriquecida a partir de um debate ético em torno dos usos da linguagem, como propõe Paveau (2015), ao provocar a linguística com questões embaraçosas para a disciplina: haverá relação entre linguagem e moral? Pode-se dizer tudo? Paveau (ibidem) propõe enfrentar a questão a partir da noção de "virtude discursiva", parecendo-lhe legítimo que o linguista atente-se simultaneamente para as

manifestações linguageiras e discursivas, dentro de um programa global de interpretação dos usos da linguagem na realidade dos ambientes. Para este debate, a autora retoma ampla bibliografia da filosofia e da linguística, sugerindo "a hipótese de uma articulação entre ético, epistêmico e discursivo" (ibidem, p.55).

Pauveau (ibidem, p.83) observa que a ética poderá parecer menos alheia à linguística se considerada uma abordagem "que tome como objeto a língua em seus usos sociais, ou seja, o discurso, integrando os contextos de produção e as subjetividades de diferentes ordens (humanas, sociais, culturais etc.) que regem sua elaboração". Se incrementarmos a abordagem sobre o destacamento com o questionamento sobre a ética nos usos da linguagem, é possível considerar que os *modos de dizer*, a partir de diferentes recortes (por parte de diferentes veículos midiáticos), podem produzir efeitos que interferem na relação da linguagem com a moral. Em outros termos, variadas formas de discurso produzem diferentes avaliações morais por parte dos interlocutores.

Embora a discussão ética exija aprofundamentos que fogem aos limites de nosso trabalho, a questão de fundo é a de que os efeitos do destacamento midiático "moldam" as representações de identidade, nem sempre de forma comprometida com uma "moral".

Sobre as condições de produção do discurso jornalístico na contemporaneidade

A deontologia jornalística na contemporaneidade e o viés discursivo

Considerar as "condições de produção" dos discursos é imprescindível para a análise dos discursos mobilizados. Trata-se, aqui, de um *corpus* jornalístico da

contemporaneidade, e suas condições de produção são hoje tais que afetam os modos tradicionais de produção jornalística. Ao contrário do que acontecia até o final do século XX, a grande imprensa já não detém com exclusividade o papel de informante e interpretante da realidade. A internet modificou a hierarquia na cadeia de informação, fazendo, muitas vezes, com que a grande mídia paute-se pelo Twitter, por exemplo, não o contrário.

A ebulição dos processos de informação intensifica-se e torna-se mais complexa com o WikiLeaks, o que provoca efeitos no *corpus*. Um exemplo: concorrendo com outros canais de informação, o jornal tem mais necessidade de chamar a atenção para atrair audiência, o que faz por meio da intensificação dos efeitos de destacamento. A deontologia jornalística, que funciona como respaldo legitimador da profissão, depara-se com terreno mais movediço ao necessitar lidar com tais fatos, o que produz novos efeitos, entre os quais, a busca de legitimidade da notícia baseada no vazamento de informação não necessariamente comprovada. Assim, estudar o jornalismo na atualidade implica considerar que ele é afetado pela realidade pós-WikiLeaks, em que a deontologia depara-se com o terreno movediço dos vazamentos globais de informação (Christofoletti e Oliveira, 2011).

Christofoletti e Oliveira (ibidem) tratam da emergência de novas condições de operação para jornalistas e das questões ético-profissionais que o WikiLeaks[2] traz para o jornalismo. O vazamento de informações por parte do

2 Christofoletti e Oliveira (2011, p.89) explicam o funcionamento do WikiLeaks: "A organização não governamental transnacional funciona em rede, divulga documentos secretos, confidenciais ou sigilosos de governos e corporações, e provoca reações em mercados e em sistemas políticos. Criado em 2006, o WikiLeaks conta com uma equipe formada por dissidentes, provedores, jornalistas e profissionais de tecnologia espalhados pelo mundo, e que

WikiLeaks buscou respaldo em veículos convencionais (*The Guardian*, da Inglaterra; *The New York Times*, dos Estados Unidos; *Le Monde*, da França; *El País*, da Espanha; e a revista semanal alemã *Der Spiegel*), a partir dos quais se garantiu a certificação jornalística. Ou seja, houve um esforço comum entre a tecnologia *hacker* e a credibilidade da deontologia profissional, "a nova mídia precisou que a velha desse autenticidade ao seu produto" (ibidem, p.92). Simultaneamente, a velha mídia confrontou-se com a necessidade de enfrentar modelos alternativos de informação, colocando o jornalismo diante do dilema de lidar com novas possibilidades de acesso à informação.

Ringoot (2014, p.155) também salienta que o WikiLeaks, ainda que controverso em suas ações, transformou a prática do furo de reportagem e de sua difusão, compreendendo a imprensa clássica. Para essa autora, a renovação do jornalismo, pautada nessas novas ferramentas, "atrai a atenção para dois pontos. O primeiro concerne à dimensão internacional das enquetes e de sua repercussão. O segundo ponto é a importância das tecnologias na circulação e tratamento dos documentos com os quais os jornalistas são confrontados" (ibidem, p.156).

Em uma era em que qualquer usuário da rede mundial de computadores tem o potencial de tornar-se um emissor de notícias sem a mediação jornalística, a função do jornalista torna-se ainda mais essencial no sentido de contornar uma sobrecarga de informações e gerir o conteúdo noticioso. A chave dessa questão está no pressuposto de que os jornalistas estejam comprometidos com valores e princípios profissionais relacionados à

---

operam de maneira colaborativa, embora tenham à frente um mentor, um rosto enigmático que atende pela identidade de Julian Assange, ativista australiano que negocia as bases de trabalho com seus parceiros".

visão do jornalismo como um bem público. A imprensa tradicional evoca a deontologia para produzir o efeito da credibilidade na tentativa de resguardar seu papel contemporâneo, o que nos leva a considerar a deontologia como elemento constitutivo das condições de produção do discurso jornalístico.

Bertrand (1999) aborda o conhecido conflito entre a liberdade de imprensa e a liberdade das empresas jornalísticas. A própria noção de liberdade necessita ser problematizada, já que há consenso de que uma liberdade total da mídia seria intolerável (o autor questiona: quem teria o direito de incitar o racismo ou o ódio racial?), na mesma medida em que a censura à imprensa é marca de regimes ditatoriais. Ou seja, "em todas as democracias do mundo, há um consenso: a mídia deve ser livre e não pode sê-lo totalmente" (ibidem, p.22). A resposta para o aparente paradoxo estaria na deontologia, que, segundo o autor, pode assim ser definida:

> [...] um conjunto de princípios e de regras, estabelecidos pela profissão, de preferência em colaboração com os usuários, a fim de responder melhor às necessidades dos diversos grupos da população. [...] Para manter seu prestígio e sua independência, a mídia precisa compenetrar-se de sua responsabilidade primordial: servir bem a população. (ibidem, p.22)

Como informa o autor, a deontologia só pode ser desenvolvida se a imprensa for livre, e a liberdade enfrenta obstáculos tecnológicos, políticos e econômicos, entre outros relacionados a questões culturais, como o conservadorismo dos próprios profissionais de comunicação, da sociedade em que vivem e das tradições locais. Isso faz com que os aspectos destacados em notícias, constitutivos de memória discursiva (retratos dessa memória e simultaneamente mantenedores dela), dependam, como

não poderia deixar de ser, de toda a interdiscursividade de uma cultura dominante.

No cenário descrito, o jornalismo tido como tradicional – ou seja, vinculado às mídias convencionais, como é o caso do *Le Monde* e do UOL/Grupo Folha – tende, em teoria, a marcar ainda mais sua posição em termos de ética, demonstrando-se como um jornalismo sério e respeitado, cujas informações são checadas e, portanto, confiáveis, além de ter a fiança da mídia de credibilidade. Trata-se, porém, de efeito discursivo, já que o discurso jornalístico não tem propriamente um *ethos* (mas o simula), fundando-se em um enunciador que não encarna e tendo como fiador, portanto, um hiperenunciador sem posição clara. Já que não há um *ethos* evidente para tal enunciador/hiperenunciador, o efeito é que se simule um *ethos* de verdade, como se a própria voz da verdade fosse a fiadora dos fatos noticiados. Há, por definição do gênero (jornalístico informativo), apagamento do enunciador (mesmo quando as reportagens são assinadas, esse apagamento se dá por meio da linguagem construída como objetiva). Uma vez que quem avaliza a cena de enunciação é o fiador – a voz que, ao assumir um tom, constrói simultaneamente o mundo do qual trata (Maingueneau, 2001) –, esse fiador estrategicamente apagado simula a verdade das identidades que são construídas e/ou representadas no discurso.

Assim como outros tipos de textos que se apresentam como supostamente neutros – como costuma acontecer nas ciências naturais –, faz-se "crer num verdadeiro apagamento do sujeito e na plena objetividade dos fatos narrados", porém, o que se verifica é "uma longa história de convenções estabelecidas" (Salgado, 2008, p.83), que implica certo modo de dizer, de manobrar sentidos com efeitos de verdade. Esse modo de produção dos sentidos faz parecer que certas leituras sejam mais autorizadas do

que outras, que certas memórias atualizem-se enquanto outras tendem a perder-se.

O sujeito (jornalístico) que se apaga (in)conscientemente não deixa de ser assujeitado às práticas sociais, que regulam o que pode e deve ser dito de acordo com posições institucionais, concepção fundamental da AD desde seu surgimento. A subjetividade no discurso é efeito das formações discursivas, compreendidas como inacabadas.

Enquanto a enunciação jornalística interpela para si um sujeito amparado em uma voz "de verdade", mascarado em um "discurso sem sujeito", ela, ao mesmo tempo, autorregula-se com base em posicionamentos constituintes da sociedade, afinal, "à medida que falamos, a linguagem serve para nos regular, nos regular em relação aos outros e em relação a nós mesmos" (Culioli, 2002, p.196 apud Angermuller, 2016, p.51). Conforme demonstraram os teóricos pós-estruturalistas, o sujeito, qual seja (apresentado como evidente ou camuflado pela voz da neutralidade), não é a fonte constitutiva dos sentidos: "são as regras, leis e dinâmicas da linguagem que os produzem, definindo as posições do sujeito na linguagem" (Angermuller, 2016, p.161).

Analisar o discurso jornalístico: o problema da "informação"

Roselyne Ringoot (2014) trata da relevância do estudo das mídias para a compreensão da realidade social, sendo mesmo algo irremediável para as ciências humanas e sociais. Nessas áreas, sejam quais forem as disciplinas em que se inscrevam os objetos de uma investigação acadêmica, "a imprensa fornece uma documentação incontornável para compreender as questões sociais contemporâneas ou passadas" (ibidem, p.3). A autora ainda acrescenta que o jornalismo e os meios midiáticos são

objetos de pesquisa em si mesmos, não apenas documentos para compreender um tema ou problema, uma vez que frequentemente se considera a construção da realidade e do acontecimento que a caracteriza, ou mesmo as transformações ligadas às novas tecnologias, questões evidentemente concernentes à imprensa.

A ambição do trabalho de Ringoot é situar-se entre duas tendências, mobilizando as ciências da linguagem e a sociologia do jornalismo sem se estabelecer em uma ou outra isoladamente. Segundo a autora, trata-se de cruzar o discurso jornalístico e o profissional para se dar conta o mais refinadamente possível do discurso da imprensa, considerando jornais impressos e publicações online (ibidem, p.13). A abordagem nos interessa, pois buscamos privilegiar o olhar de analista do discurso sem, no entanto, desconsiderar os métodos de trabalho do jornalismo em si, acreditando que essa dupla abordagem seja enriquecedora para um estudo da cobertura da imprensa internacional.

Simultaneamente, é preciso compreender o risco de não se fazer análise do conteúdo, sem, no entanto, desconsiderar o conteúdo, já que aquilo *do que se fala* é contraparte de *quem fala* e de *como se fala*. Por essa razão, nossas análises, especialmente no Capítulo 3 (análises comparativas de reportagens), levam em conta o tema das reportagens, porém considerados como conteúdos indissociados da voz institucional que produz a divulgação dos assuntos em questão. Para delimitar a diferença da análise de conteúdo (inscrita no quadro conceitual da sociologia funcionalista norte-americana), é preciso demarcar que, além do conteúdo e mesmo de seus efeitos, levam-se em conta os efeitos do suporte, da linha editorial, do público, enfim, a polifonia discursiva que constitui o discurso da imprensa de modo heterogêneo.

Tratar discursivamente o objeto de estudo implica questionar o funcionamento do discurso (no caso, do

discurso jornalístico), apreendendo a linguagem em sua própria atuação e em função dos quadros discursivos e dispositivos enunciativos. Para Ringoot (ibidem), a análise do discurso pressupõe uma elaboração de *corpus* diferente, na medida em que sua visão qualitativa propõe questionar o funcionamento do discurso. Ela não dissocia "quem fala" de "como se fala". A linguagem é assim apreendida em termos de construção e de *mise en scène*, em função dos quadros discursivos e dispositivos enunciativos.

Assim, busca-se esmiuçar a construção discursiva da informação, o que, no caso do discurso jornalístico, implica questionar a identidade editorial, por um lado, de veículos específicos, e por outro, de um modo de se fazer jornalismo em si.

Diante deste quadro, Ringoot (ibidem, p.20) expõe um problema crucial para o estudo do jornalismo, calcado no preceito de que a informação – entendida pelo campo do jornalismo como matéria-prima e legitimadora da profissão –, a rigor, não existe "em abstrato".

A autora respalda sua afirmação em Mouillaud e Tetu:

> Seja qual for o objetivo que se coloque para analisar o discurso da imprensa (questionar o surgimento de um problema público, a construção de um evento, o tratamento de uma guerra ou de uma manifestação, ou a qualificação de um ator social), "a informação não existe 'em abstrato', [...] a informação só existe no seu modo de formatação e paginação/layout" (Mouillaud; Tetu, 1989). Em discurso jornalístico, o nível de pertinência não se situa unicamente no plano do conteúdo dos artigos, porque o jornal em si, com o conjunto de seus pré-construídos enunciativos, participa da materialidade das informações. (ibidem, p.20)[3]

3 No original: *Quel que soit l'objectif qui pousse à analyser le discours de presse (questionner l'émergence d'un problème public, la*

Embora *o todo* da identidade editorial seja inapreensível, contornamos essa dificuldade ao acrescentar a nossos procedimentos uma etapa de pesquisa sobre o funcionamento editorial do jornal *Le Monde*, base de nosso *corpus* (já que, a partir dele, buscamos o parâmetro comparativo na abordagem de UOL/Folha), que nos trouxe indicadores importantes para o entendimento de uma mídia que, de nosso ponto de vista brasileiro, é estrangeira. Tal etapa foi realizada essencialmente por meio de entrevista com o *médiateur* do jornal e pesquisa documental sobre os códigos de ética e conduta do grupo *Le Monde*, o que forneceu dados que respaldam o cruzamento de resultados que apresentamos no Capítulo 4. Por decisão metodológica, optamos por realizar esse cruzamento após a apresentação das análises das reportagens em si (Capítulo 3), por considerar necessária a consideração, *a priori*, do material que chega ao leitor.

Nesse sentido, propomos que as partes do trabalho caminhem para uma interpretação de resultados pautada na análise cruzada da "enunciação textual" (as reportagens em si) e da "enunciação editorial" (com ênfase nos modos de produção jornalística), conforme propõe Ringoot (ibidem). A enunciação editorial é, assim, entendida

> como um "texto segundo", no qual o significante é constituído não somente por palavras da língua, mas pela materialidade do suporte e da escritura, a organização do texto, sua

---

construction d'un événement, le traitement d'une guerre ou d'une manifestation, ou la qualification d'un acteur social), "l'information n'existe pas "in abstracto", (...) l'information n'existe que mise en forme et mise en page" (Mouillaud, Tétu, 1989). En discours journalistique, le niveau de pertinence ne se situe pas uniquement sur le plan du contenu des articles, car le journal lui-même avec l'ensemble de ses préconstruits énonciatifs participe à la matérialité de l'information.

> formatação, resumindo, o que faz a sua existência material. Esse "significante" constitui e realiza o "texto primeiro", ele lhe permite existir. (Souchier, 1998, p.144 apud Ringoot, 2014, p.20)

Ao propor a análise do discurso jornalístico, é possível colocar em evidência esses dois planos (textual e editorial) de uma forma reflexiva, que leve em conta o jornalismo como profissão e a identidade singular do jornal. Para tanto, ainda segundo Ringoot (ibidem), é importante observar o dispositivo do jornal em seu conjunto: sua política de títulos, escolha dos gêneros jornalísticos etc.

Para o campo do jornalismo, é problemático dizer que a "informação não existe em si mesma", visto que, como percebe Ringoot (ibidem, p.45), ela é ponto de sustentação dos textos fundadores do jornalismo. "É sacralizando a informação que o jornalismo autoproclama sua missão democrática." Proclamada como essência do jornalismo e, de certo modo, exterior a ele, a informação constrói-se de fato "nas redes discursivas das instituições que a proclamam inalienável" (ibidem, p.47).

Na ordem do discurso jornalístico, a informação torna-se, ainda, um "bem que se compra e se vende", intensificando a "tensão entre valor simbólico e valor comercial de informação [que] atravessa a história do jornal" (ibidem, p.50). Ringoot (ibidem) expõe que a chegada dos jornais gratuitos (no caso francês, no início dos anos 2000, especialmente com os jornais distribuídos em metrô) balançou a paisagem da imprensa. Na época, muito se falava da morte do ofício em detrimento da imprensa gratuita associada a um jornalismo minimalista e de baixa qualidade. A autora acrescenta um aspecto então menos debatido: o de que o caráter concorrencial da imprensa gratuita reside mais na capitação do mercado de anunciantes. Na mesma época do surgimento de jornais

gratuitos, a autoconcorrência entre a mídia impressa paga e a online gratuita, assim como a questão dos direitos autorais de jornalistas, trouxe novos problemas. "Essa situação provoca uma crise tanto no plano econômico quanto no plano simbólico da informação" (ibidem, p.53). Sobretudo no plano simbólico, é em torno da "informação" que se dá a elegibilidade dos jornais, "seja no plano qualitativo com a noção de atualidade, seja no plano quantitativo com o imperativo de um terço da página consagrada ao redacional 'de interesse geral'" (ibidem, p.55).

A informação está diretamente vinculada ao acontecimento, sendo que este é, em grande medida, construído pela máquina midiática. "As manchetes de capa dos jornais [*la une*, em francês], ao se tornarem um instrumento de seleção de informação e de captação de leitores, provocaram a obrigação do acontecimento" (ibidem, p.46). Enfatiza a autora: "em jornalismo, o acontecimento se inscreve a uma só vez no coração das práticas profissionais e no coração da dimensão editorial" (ibidem, p.78).

Nesse quadro, os títulos de notícias podem ser considerados um "pivô maior da elaboração de um *corpus* dedicado ao estudo do acontecimento" (ibidem, p.83). São principalmente os títulos que assumem a "função de epifania" (Charadeau, 1983; 1997 apud Ringoot, 2014, p.78). Por isso, estudar o acontecimento a partir dos títulos de informação é particularmente necessário por duas razões. Primeiro, porque os títulos acumulam desafios jornalísticos importantes tanto quanto garantem a identidade editorial do jornal e tanto quanto condensam o acontecimento. E igualmente porque os títulos facilitam uma aproximação qualitativa do acontecimento em caso de profusão da informação (Ringoot, 2014, p.79).

É a partir das chamadas e dos títulos de notícias que é possível observar as diferenças entre um tratamento ordinário do acontecimento e um tratamento alternativo

(ibidem, p.84). O modo de se expressar o acontecimento constrói uma linha de divisão entre informação "ordinária" e informação "extraordinária" (ibidem, p.202).

As considerações de Ringoot respaldam a ênfase de nosso estudo nos elementos destacados das notícias, especialmente os títulos, sem deixar de considerar o conjunto dos textos. A autora ainda enfatiza que o "estilo" do título representa marcadamente o estilo do jornal, podendo mesmo ser considerado um arquétipo (ibidem, p.102), do que é exemplo a clivagem incitativo/informativo [*incitatif/informatif*] ligada, na França, à oposição *Libération/Le Monde*. Não significa que *Le Monde* não possa utilizar eventualmente títulos incitativos, mas, a rigor, prioriza os informativos (ou seja, construídos como sendo informativos) como marca de posicionamento editorial.

A noção de identidade nacional

Conforme delimitado, nossa pesquisa teve como objetivo principal o estudo do funcionamento do discurso jornalístico em aplicativos na contemporaneidade e, ao tomar como *corpus* notícias sobre o Brasil, buscou complementarmente analisar em que medida o destacamento na circulação de notícias sobre o Brasil reforça (ou eventualmente modifica) estereótipos/visões sobre o país, à luz da noção da constituição de identidade(s). Analisar sentidos em torno da identidade do Brasil e do brasileiro por meio de notícias que coloquem em foco o país permite compreender a identificação (ou representação) do sujeito com uma posição *na* e *pelo* simbólico, já que "o lugar simbólico que os indivíduos ocupam no discurso é um lugar social. É um endereço simbolicamente definido e socialmente reconhecido que permite aos sujeitos tomar uns em relação aos outros" (Angermuller, 2016, p.29).

Coracini (2013) trata da constituição da identidade do brasileiro, com base no sentimento de identidade subjetiva, social e nacional, lembrando que falar de um povo ou de um grupo social é, por excelência, a forma de lhe dar existência. Assim, "ser brasileiro é ser o que dizem que somos e ver o outro do modo como o vemos" (ibidem, p.59). O que pensamos que somos e o que dizem sobre nós constituem a ilusão da unidade da identidade nacional. Ao mesmo tempo, o que pensamos que somos é diferente do que pensam sobre nós.

Coracini (ibidem, p.60) analisou um *corpus* constituído de artigos publicados em jornais e revistas de grande circulação, o que permitiu entrever "fios de identificações responsáveis pelas representações do estrangeiro sobre o Brasil e sobre o brasileiro e pelas representações do brasileiro sobre o estrangeiro e sobre si mesmo". O sujeito é fruto de múltiplas identificações e, "apesar da ilusão que se instaura no sujeito, a identidade não é inata nem natural, mas naturalizada, através de processos inconscientes, e permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação" (ibidem, p.61).

Tendo em vista que o discurso jornalístico atua na institucionalização social de sentidos e, assim, contribui para a cristalização da memória, a autora analisou as representações sociais que se naturalizaram sobre o brasileiro. Os traços da identidade social do brasileiro que vêm à tona no discurso jornalístico permitem entrever estereótipos apresentados como efeitos de verdade, já que o imaginário em torno da imprensa a coloca em um lugar autorizado a retratar o mundo. Coracini (ibidem, p.63-8) elenca alguns desses estereótipos fundamentados no discurso da imprensa:

a) O brasileiro é desorganizado e indisciplinado;
b) O brasileiro é desonesto, caloteiro e explora os estrangeiros;

c) Sob uma aparente cordialidade, o brasileiro é violento e desumano;
d) Os brasileiros são gastadores e grandes consumistas;
e) Os brasileiros confiam no "seu jeitinho";
f) Os brasileiros fogem da responsabilidade;
g) O Brasil é um país dependente;
h) O Brasil é campeão (em referência ao futebol e ao "cibercrime").

Tais representações podem manter-se ou atualizar-se (parcialmente) conforme os movimentos discursivos que interferem na memória social. Por isso, consideramos que o estudo da representação da identidade nacional deva ser uma constante, e, assim, propusemos testá-lo em um *corpus* em que esses traços de identidade tendem a aparecer de forma mais sutil do que em materiais tipicamente estereotípicos (informes turísticos, publicitários etc.). Diferentemente dos artigos de opinião assinados por um articulista, que se coloca como sujeito fiador de uma verdade, as notícias jornalísticas informativas, em sua representação de neutralidade, trazem à tona tais traços de identidades como se fossem respaldados por uma voz superior e incontestável, um *ethos* "de verdade".

Ressaltamos, ainda, que a identidade é compreendida na opacidade da língua nos movimentos discursivos em idiomas diferentes (no caso de nosso *corpus*, o português brasileiro e o francês), considerando, conforme expressa Coracini (ibidem, p.48), que "toda língua é materna e estrangeira ao mesmo tempo".

3
Análises comparativas: o Brasil em UOL/Folha e *Le Monde*

Política brasileira em foco: período pré-impeachment de Dilma Rousseff e repercussões

Neste tópico abordaremos um recorte do *corpus* que contempla notícias relacionadas ao cenário político brasileiro em um período de efervescência, a partir de dezembro de 2015, quando manifestações populares, acompanhadas pelo papel decisivo desempenhado pelas instituições políticas, legislativas e judiciárias, contra o governo da presidente Dilma Rousseff e a favor do pedido de *impeachment* colocavam o país em evidência também na mídia internacional. Tratamos, neste momento, de três notícias que dialogam entre si pelo fio condutor da política.

Para as análises, consideramos de forma primordial os destacamentos do jornal em títulos e subtítulos, eventualmente também em fotografias (parte integrante da semântica global), por entender que estes conduzem a leitura do público, especialmente na realidade atual descrita, em que há contato constante do usuário com a primeira camada de leitura do aplicativo, que pode ser compreendida como

um *feed de notícias*. No entanto, não deixamos de incluir em nossas análises a abordagem dos textos completos, evocados sempre que se fizer pertinente, inclusive para compreender parâmetros que podem apontar para diferentes interpretações, a depender da qualidade da leitura pelo público (se acessou somente os títulos, os subtítulos e as imagens destacados ou se realizou a leitura completa).

O aplicativo *Le Monde* (bem como a versão web do jornal francês) divulgou notícia com o seguinte título: "Brasil: busca na casa de Eduardo Cunha, o homem que ameaça Dilma Rousseff"[1] (*Le Monde*, 15 dez. 2015).

Já no título, o protagonista dessa notícia, Eduardo Cunha, é definido como "o homem que ameaça Dilma Rousseff". A expressão, utilizada como aposto ou alcunha, funciona, em termos discursivos, como um pré-construído, ou seja, uma informação que é dada, pelo texto, como verdadeira e inquestionável. Essa construção discursiva que opõe Cunha e Dilma é reforçada na continuidade do texto, em seu parágrafo inicial: "Eduardo Cunha, principal adversário da presidente de esquerda, Dilma Rousseff [...]"[2] (*Le Monde*, 15 dez. 2015).

Em seu conjunto, os dois enunciados constroem a imagem de Cunha em relação (de oposição) à de Dilma Rousseff, como adversário e como uma ameaça, claramente um opositor. Outro ponto a salientar é que a matéria caracteriza Dilma como "presidente de esquerda", o que serve para contextualizar a posição política do Governo brasileiro (um dado relevante em se tratando de imprensa internacional, já que o público pode não estar familiarizado com a conjuntura política brasileira)

---

1 *Brésil: perquisition chez Eduardo Cunha, l'homme qui menace Dilma Rousseff*

2 *Eduardo Cunha, principal adversaire de la présidente de gauche, Dilma Rousseff [...]*

e, simultaneamente, reafirma essa posição. O trecho a seguir, que esclarece o motivo da busca na residência de Eduardo Cunha, também complementa a caracterização de sua imagem, destacando o fato de se tratar de um deputado "evangélico" e "ultraconservador".

> Eduardo Cunha é o deputado evangélico e ultraconservador na origem do processo de impeachment contra a senhora Rousseff por maquiagem de contas públicas, enquanto ele próprio é acusado de corrupção e lavagem de dinheiro na investigação da rede de corrupção dentro da gigante petrolífera estatal Petrobras.[3] (*Le Monde*, 15 dez. 2015)

O excerto anterior também contribui para esclarecer o contexto político brasileiro. Revela, para um leitor provavelmente menos familiarizado com a política nacional, que há um pedido de *impeachment* em curso contra a presidente Dilma Rousseff, que esse pedido foi originado pelo deputado Cunha, enquanto o próprio é acusado por corrupção relacionada ao escândalo Petrobrás. Sem dizer diretamente, o jornal francês aponta a contradição: o acusador é também um acusado, o que põe em questionamento o direito moral de acusação.

Embora a matéria seja relativamente curta, ela fornece ao leitor certo número de informações (não necessariamente óbvias para um leitor estrangeiro) sobre a política brasileira: há uma solicitação de *impeachment* em curso contra a então presidente do Brasil; há um escândalo de corrupção relacionado à estatal Petrobras; há uma busca

---

3 *Eduardo Cunha est le député évangélique et ultraconservateur à l'origine de la procédure de destitution à l'encontre de Mme Rousseff pour maquillage des comptes publics, alors qu'il est accusé lui-même de corruption et blanchiment d'argent dans l'enquête sur le réseau de corruption au sein du géant pétrolier public, Petrobras.*

de evidências na casa de deputado envolvido com esse escândalo, que é o mesmo que originou o pedido de *impeachment* contra Dilma Rousseff. Quem lê apenas o título da notícia – o que é bastante comum na leitura em aplicativos – tem acesso à informação principal, sobre a busca na residência de Cunha, e também ao fato de que o protagonista da notícia em questão é opositor de Dilma Rousseff.

No mesmo dia, o portal UOL e seu aplicativo veicularam notícia sobre o mesmo tema com o seguinte título: "PF faz operação de busca e apreensão na casa de Eduardo Cunha em Brasília" (UOL, 15 dez. 2015).

A notícia relativamente curta (que reproduzimos a seguir), em seu imediatismo, não faz menção à presidente Dilma Rousseff:

> A Polícia Federal (PF) está na residência oficial do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), no Lago Sul em Brasília. Três viaturas da PF, com aproximadamente 12 agentes, isolam o local e cumprem mandados de busca e apreensão, no âmbito da Operação Lava Jato.
>
> Informações preliminares indicam que novos mandados estariam sendo cumpridos em outros locais de Brasília e em alguns estados.
>
> Hoje, o Conselho de Ética da Câmara pode votar o parecer sobre a representação contra Eduardo Cunha por suposta quebra de decoro parlamentar. O novo relator da representação movida pelo PSOL e pela Rede, o deputado Marcos Rogério (PDT-RO), apresenta o parecer favorável ao prosseguimento das investigações. (UOL, 15 dez. 2015)

Vale ressaltar, como diferença em relação à abordagem de *Le Monde*, que a notícia veiculada no portal UOL[4]

4 Assinada por Agência de Notícias Agência Brasil.

concentra-se no fato relativo à operação de busca e apreensão na casa de Eduardo Cunha, sem contextualizar suas relações com a presidente da República. Havia, naquele momento, em circulação na mídia brasileira outras notícias que tratavam da oposição entre Cunha e Rousseff, porém a notícia em questão não faz remissão a esse fato. Houve, ainda, outras notícias complementares sobre o tema divulgadas no mesmo dia, porém optamos por considerar a primeira delas, que apresenta o factual, a notícia quente do dia, ou seja, a apreensão na casa de Cunha, sem maiores contextualizações.

Já o jornal francês, mesmo em uma notícia curta, fez menção à referida oposição, destacando, dessa forma, um segundo aspecto relacionado à notícia em si: o fato de que o histórico político do deputado Eduardo Cunha enfraquece seu direito moral de acusação à presidente da República, argumento que não é informado explicitamente, mas vem à tona, discursivamente, ao vincular a caracterização de Cunha às suas relações políticas com Dilma Rousseff.

Considerando que muitos leitores acessam apenas o título das notícias, constata-se que o usuário do aplicativo *Le Monde*, neste caso, teve acesso a uma informação complementar não disponibilizada em notícia equivalente veiculada no portal brasileiro UOL. Isso se justifica parcialmente pela imagem do leitor-modelo dos veículos em questão. Por outro lado, também contribui para tornar um pouco mais "transparentes" eventuais nuances do tema para um leitor brasileiro, para quem alguns aspectos podem não ser tão óbvios como se poderia em princípio supor. Uma das implicações disso é que o leitor brasileiro que acompanhe notícias da mídia internacional (neste caso, um veículo francês) terá, consequentemente, acesso a mais elementos para uma interpretação de dados. Outra implicação é que essa visão, de um ponto de vista exterior,

contraposta a um destacamento na mídia nacional, revela que a mesma notícia produz efeitos de sentidos diferenciados, conforme os aspectos que são enfatizados, especialmente em seus títulos. Entendemos, assim, que a análise dos destacamentos em aplicativos de notícias conforme proposta neste trabalho contribui para a compreensão da realidade no contexto contemporâneo, caracterizado pela forte influência das mídias digitais na vida dos cidadãos.

O período que segue à notícia supracitada permanece efervescente para a política brasileira, que se mantém em destaque na mídia internacional. Para mais uma exemplificação, tratamos também de notícia sobre outro evento particularmente marcante, aquele em que Dilma Rousseff nomeia o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ministro, o que é considerado, pela oposição e por boa parte da população brasileira, como uma tentativa de livrar Lula de investigações. A nomeação é feita no dia 16 de março de 2016, porém, logo no dia seguinte, um juiz pede sua cassação. O caso ganhou ainda mais repercussão devido a um grampo telefônico registrando conversa entre Lula e Rousseff que conteria indícios para reforçar a tese da ilegitimidade da nomeação de Lula.

No dia 16 de março, a notícia é contextualizada no título de *Le Monde*: "Brasil: Lula, visado em um escândalo de corrupção, entra no governo de Rousseff"[5] (*Le Monde*, 16 mar. 2016).

Por sua vez, o UOL traz o seguinte título (remetendo à matéria do jornal *Folha de S.Paulo*): "Dilma nomeia Lula como novo ministro da Casa Civil" (UOL, 16 mar. 2016).

No destaque dado por *Le Monde*, é notável a explicação, ou a caracterização a respeito de Lula: "visado por um escândalo de corrupção". A contextualização poderia,

---

5 *Brésil: Lula, visé dans un scandale de corruption, entre au gouvernement Rousseff*

Figura 1 – *Le Monde*

M International

Lula, visé dans un scandale de corruption, entre au gouvernement Rousseff

LECTURE ZEN

Cette nomination devrait permettre à l'ancien président brésilien d'échapper un temps aux poursuites judiciaires en cours.

Le Monde.fr avec AFP | 16.03.2016 à 18h28 • Mis à jour le 17.03.2016 à 06h08

Abonnez vous à partir de 1 € | Réagir | Ajouter | Partager (8 789) | Tweeter

L'ex-président brésilien, Luiz Inacio Lula da Silva, a été nommé chef de cabinet de la présidente Dilma Rousseff, mercredi 16 mars. Lula, qui a présidé au boom socio-économique du Brésil entre 2003 et 2010, *« assumera le poste de ministre d'Etat, chef de la maison civile »* – une sorte de super-premier ministre en charge de la coordination de l'action du

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

por exemplo, resumir-se a "ex-presidente da República", mas é feita a opção de ressaltar, já no título, um aspecto que põe em xeque a moralidade da nomeação. O destacamento visual reforça esse questionamento moral por meio do registro fotográfico de um momento em que as duas

Figura 2 – Chamada no aplicativo *Le Monde*

●●○○○ VIVO 13:38 100%

EN DIRECT À 16H20

Les députés italiens adoptent une loi contre le gaspillage alimentaire

Le maillot de l'équipe de France pour l'Euro 2016 dévoilé

Le retour de Lula au gouvernement met le Brésil dans la rue SÉLECTION DE LA RÉDACTION

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

personalidades em foco apresentam-se como em uma "conversa de compadres", como se "tramassem algo".

Acompanhando a cobertura dos fatos nos dias subsequentes, em UOL e *Le Monde*, chamam a atenção os destaques dados às manifestações populares em torno da nomeação. *Le Monde* traz o seguinte título: "O retorno de Lula ao governo coloca o Brasil na rua"[6] (*Le Monde*, 17 mar. 2016).

A notícia é acompanhada de foto de uma multidão em que predominam os tons de verde e amarelo (em roupas e faixas), com os quais se tenta caracterizar o posicionamento contrário da população ao governo (o que é identificado ao ler o conteúdo da matéria). O UOL, por sua vez, traz os seguintes títulos: "Manifestações contra o governo acontecem em diversas cidades brasileiras" (UOL, 16 mar. 2016) e "Manifestação pró-Dilma reúne 95 mil pessoas em São Paulo, diz Datafolha" (UOL/*Folha de S.Paulo*, 18 mar. 2016).

O UOL, portanto, noticiou tanto a existência de manifestações contrárias ao governo quanto a de manifestações favoráveis, conforme reproduzido. A cobertura de ambas as manifestações caracteriza uma tentativa de se construir como mídia democrática, que aborda os diferentes lados de uma mesma questão, embora, como se sabe, a isenção seja apenas um efeito construído pela abordagem jornalística. Acompanhando rigorosamente as notícias sobre o Brasil divulgadas no aplicativo *Le Monde* nesse mesmo período, não foi encontrada divulgação sobre manifestações favoráveis ao PT, ao menos não em posição de destaque, predominando o caráter homogeneizador das manifestações contrárias ao Governo que repercutiram nesse momento. Tal fato talvez se explique, mais uma vez, pelo leitor-modelo de *Le Monde*, tendo o

---

6 *Le retour de Lula au gouvernement met le Brésil dans la rue*

veículo se pautado em fontes e/ou pontos de vista mais conservadores.

A concentração de leitura nos títulos das matérias, como é bastante comum nos dias de hoje, faz com que os aspectos destacados nos títulos possam apresentar características de fórmula, conforme vimos segundo a concepção de Krieg-Planque (2010), podendo adquirir o caráter cristalizado, a inscrição em uma dimensão discursiva, o funcionamento como referente social, além de poder comportar uma dimensão polêmica (que, por isso, pode ser contestada). Não significa que os títulos necessariamente constituam-se em fórmulas, mas que se assemelham a elas, servindo para criar efeitos de verdades. Por exemplo, de acordo com os destacamentos dos títulos citados, Eduardo Cunha passa a ser visto como "o opositor de Dilma", e Lula, como "o envolvido em escândalo de corrupção". Tais aspectos podem ser ressaltados ou camuflados, a depender do posicionamento do veículo que os noticia, mas sempre contribuem para caracterizar os sujeitos referentes aos personagens das notícias como alteridade, que "carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele" (Coracini, 2013, p.17).

Com respaldo em Paveau (2015), consideramos que os distintos *modos de dizer*, a partir de diferentes abordagens da mídia, podem produzir efeitos que interferem na relação da linguagem com a moral. Ou seja, variadas formas de discurso produzem diferentes avaliações morais por parte dos interlocutores. Assim, pode-se constatar que distintas "verdades morais" vêm à tona de acordo com as abordagens das notícias. No exemplo da notícia sobre a cassação de Eduardo Cunha houve um questionamento moral mais forte por parte de *Le Monde*, se considerada a ênfase na relação entre a acusação contra Cunha e o fato de ser ele o grande opositor de Dilma Rousseff. Da mesma

forma, houve questionamento moral em relação à nomeação de Lula para o cargo de ministro, já que foi destacado o fato de este estar associado a escândalo de corrupção.

Por outro lado, o recorte de *Le Monde* em relação à cobertura das manifestações após a referida nomeação de Lula silenciou a existência de movimentos favoráveis, os quais foram mostrados em cobertura do UOL/Folha. Nesse aspecto, ao menos em nível aparente, faltou contextualização em *Le Monde* e houve tentativa do UOL/*Folha de S.Paulo* de caracterizar-se como mídia pluralista, disposta a mostrar os diversos lados de uma questão, o que, na verdade, é apenas efeito da construção da suposta imparcialidade jornalística. Os exemplos mostram que o grau de "manipulação moral" deve ser considerado a cada caso nas diferentes abordagens e que, ao comparar os distintos destacamentos em diferentes títulos, torna-se mais constatável que os variados destaques produzem efeitos distintos. Ou seja, não há uma cobertura do real, mas de uma construção do real, o que, a rigor, impõe a necessidade de levantar a questão ética inerente ao funcionamento da linguagem. De acordo com o respaldo teórico-metodológico aqui mobilizado, sabemos que o real é, por definição, inacessível. O jornalismo, por sua vez, trabalha com o efeito de evidência do real, o que merece ser constantemente problematizado.

Tratamos, a seguir, de mais um exemplo.

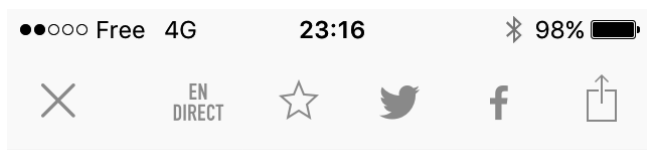
Em 30 de março de 2017, o aplicativo *Le Monde* trouxe a seguinte manchete: "No Brasil, Eduardo Cunha é condenado a quinze anos e quatro meses de prisão".[7]

---

7 *Au Brésil, Eduardo Cunha condamné à quinze ans et quatre mois de prison*

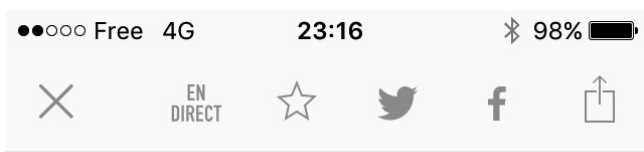
Figura 3 – Chamada no aplicativo *Le Monde* (30 mar. 2017)

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 4 – Matéria no aplicativo *Le Monde*

Au Brésil, Eduardo Cunha condamné à quinze ans et quatre mois de prison

Par Claire Gatinois (Sao Paulo, correspondante)
Le 30 mars 2017 à 20h58

—

L'ex-président de la chambre des députés, a été condamné, jeudi, pour « corruption », « blanchiment d'argent » et « évasion illégale de devises ».

La condamnation d'Eduardo Cunha intervient dans le cadre de l'enquête dite du « lava-jato » (lavage express), ce scandale de corruption mêlant l'élite de la politique et des affaires à une entreprise de pillage des caisses du groupe pétrolier Petrobras. | EVARISTO SA / AFP

—

Décrit comme un habile comploteur, un politicien sans vergogne, amoureux du pouvoir et

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Mencionamos aqui essa matéria, pois dialoga com a matéria de 15 de fevereiro de 2015 sobre a busca na casa

de Cunha, personagem caracterizado como "o homem que ameaça Dilma Rousseff". No novo contexto (março de 2017), o ex-presidente da Câmara dos Deputados já se encontra preso, julgado e condenado. A reportagem, assinada pela correspondente Claire Gatinois, trata do aspecto novo, "o fato quente", que é a divulgação da pena. A linha fina (subtítulo) descreve: "O ex-presidente da câmara dos deputados foi condenado, quinta [30.3.2017], por 'corrupção', 'lavagem de dinheiro' e 'evasão ilegal de divisas'"[8] (*Le Monde*, 30 mar. 2017)

Acompanhando os intertítulos, que funcionam como elementos destacados, encontramos os seguintes: "Ator-chave dos bastidores parlamentares"[9] (*Le Monde*, 30 mar. 2017) e "Seu poder de prejudicar"[10] (*Le Monde*, 30 mar. 2017).

O primeiro contextualiza a carreira política de Eduardo Cunha, resumindo sua história como a de alguém que passou das sombras para um papel determinante nas negociações parlamentares. O segundo item retoma o fato, já abordado na matéria analisada antes, de que o ex--deputado foi determinante na construção do cenário que levou ao *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, tendo ele próprio, logo em seguida, passado à condição de réu na operação Lava Jato. Ressaltamos um trecho de contextualização:

> Mas aquele que apareceu sob o nome fictício (pseudônimo) "Caranguejo" na lista de distribuição de propina do grupo Odebrecht, protagonista da Lava Jato, foi pego pelo juiz Moro algumas semanas após a destituição de Dilma

---

8 *L'ex-président de la chambre des députés, a été condamné, jeudi, pour "corruption", "blanchiment d'argent" et* "évasion illégale de devises"

9 *Acteur clé de la coulisse parlementaire*

10 *Son pouvoir de nuisance*

> Rousseff, em agosto de 2016, e sofreu a perda de seu mandato parlamentar.[11] (*Le Monde*)

Novamente, portanto, Cunha é retratado como o "acusador sem moral", um exemplo de um modo prejudicial de se fazer política, com potencial de provocar danos. O *Le Monde* tem a caraterística de remeter o leitor a outras matérias relacionadas sobre o assunto, e desta vez faz remissão à seguinte reportagem: "Leia também: No Brasil, o reino da impunidade"[12] (*Le Monde*, 30 mar. 2017).

Assim, é feita uma associação entre um modo prejudicial de se fazer política, a exemplo de Eduardo Cunha, e o modo geral de se fazer política no Brasil, caracterizado como "reino de impunidade". Essa associação é ressaltada até mesmo para quem lê apenas parcialmente a matéria, pelo percurso dos elementos destacados. Tratamos aqui por "percurso" o caminho possível de leitura da reportagem, que pode ser variado: linear, cronológico, "leitura dinâmica" etc.[13] Consideradas as hipóteses deste trabalho quanto à maximização dos efeitos do destacamento em tempos de mídias digitais, é coerente pressupor que muitos leitores farão a leitura parcial do material jornalístico pelo percurso dos destacamentos. A quantidade

---

11 *Mais celui qui figurait sous le nom de code "Crabe" dans la liste de distribution de pots-de-vin du groupe Odebrecht, protagoniste du Lava Jato, a été rattrapé par le juge Moro quelques semaines après la destitution de Dilma Rousseff, en août 2016, et la déchéance de son mandat de parlementaire.*

12 *Lire aussi: Au Brésil, le règne de l'impunité*

13 Embora seja comum associar a "leitura cíclica" à internet e a "leitura linear" ao impresso, sempre foi possível ao leitor estabelecer caminhos próprios de leitura. Por sua vez, os veículos jornalísticos buscam condicionar esses caminhos por meio dos processos de edição, dos quais são elementos importantes os títulos, linhas finas, intertítulos, olhos, chapéus, o que em francês se chama de *habillage*, ou seja, "o conjunto de elementos que colocam em cena um artigo ou uma emissão" (Grevisse, 2015, p.314).

Figura 5 – Manchete no aplicativo UOL

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

de material disponível em um único jornal diário, hoje em dia, chega mesmo a impossibilitar a leitura completa, linha a linha, para um leitor envolvido com suas outras atividades do cotidiano.

Matéria equivalente, publicada também em 30 de março de 2017 pelo UOL, busca já no título dar voz à versão de Eduardo Cunha por meio da seguinte manchete: "Condenado, Cunha diz que Moro quer se transformar em 'justiceiro político'".

Com o chapéu (pequeno texto acima do título) "Vai recorrer", o título apresenta o argumento de defesa de Eduardo Cunha, que atribui sua condenação a um suposto desejo do juiz Sérgio Moro de ser transformado em "justiceiro do país". A defesa de Cunha, portanto, recai sobre uma acusação à suposta (i)moralidade do juiz em questão: "Esse juiz não tem condição de julgar qualquer ação contra mim, pela sua parcialidade e motivação política", escreveu o peemedebista, após a publicação da sentença, de dentro do Complexo Penal Médico paranaense" (UOL/*Folha de S.Paulo*, 30 mar. 2017).

A matéria traz, ainda, outras citações de Eduardo Cunha, colocando entre aspas (marca de heterogeneidade mostrada, marcada) que o ex-deputado considera como "agravante" o fato de que a decisão foi tomada "em tempo recorde", "mostrando que a sentença já estava pronta". Também apresenta alguns posicionamentos do juiz Sérgio Moro, na visão de quem, segundo relata a matéria, comportamentos de Eduardo Cunha após a prisão demonstraram que "sequer a prisão preventiva foi suficiente para fazê-lo abandonar o *modus operandi*, de extorsão, ameaça e chantagem". Esse *modus operandi*, mencionado pontualmente em citação do juiz Moro em relação a Eduardo Cunha, foi, na ocasião, um aspecto potencialmente mais desenvolvido na cobertura de *Le Monde*, conforme demonstra nossa investigação.

Jogos Olímpicos Rio 2016

A seguir abordamos duas matérias do *corpus* referente ao período das Olimpíadas Rio 2016, outro momento que coloca o Brasil em destaque devido à realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro em agosto daquele ano.

A matéria "Jogos Olímpicos: os incentivos transbordantes dos cariocas"[14] (*Le Monde*, 12 ago. 2016), assinada pelo correspondente Anthony Hernandez, enfatiza, por meio do adjetivo *débordant* no destacamento do título, o caráter intenso, vibrante e empolgante da torcida carioca/brasileira. Logo no início, destaca que esse modo de torcer (transbordante, intenso) implica agressividade em relação ao adversário.

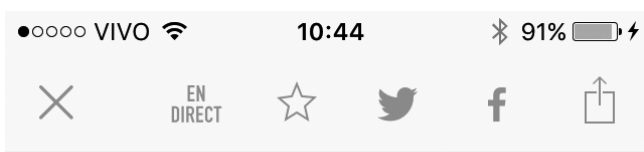
> Restam vinte segundos para jogar quando o jogador de basquete Pau Gasol se apresenta, na terça-feira, 9 de agosto, na linha de lance livre. Um verdadeiro alvoroço se desencadeia na Arena Carioca. Insultos irrompem, acompanhados por alguns dedos do meio. Essa pressão é a causa de suas duas falhas incomuns? A Espanha, que liderava por um ponto, se curva finalmente para a próxima ação (66-65) frente a seleção verde-amarela.[15]

O tom narrativo da notícia contribui para a caracterização intensa da torcida brasileira. Se há uma crítica em

---

14 *JO 2016: les encouragements débordants des Cariocas*

15 *Il reste vingt secondes à jouer lorsque le basketteur Pau Gasol se présente, mardi 9 août, sur la ligne des lancers francs. Une véritable bronca se déchaîne dans la Carioca Arena. Des insultes fusent, accompagnées de quelques doigts d'honneur. Cette pression est-elle la cause de ses deux échecs inhabituels ? L'Espagne, qui menait de 1 point, s'incline finalement sur l'action suivante (66-65) face à la sélection auriverde.*

Figura 6 – Matéria do *Le Monde*

JO 2016 : les encouragements débordants des Cariocas

Par Anthony Hernandez (Rio de Janeiro, envoyé spécial)
Le 12 août 2016 à 10h41

—

Depuis le début des Jeux, l'exubérance du public brésilien, inconditionnel de ses athlètes, frondeur et chambreur, ne laisse personne indifférent.

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

relação ao comportamento agressivo da torcida, há também um reconhecimento (parcial admiração, talvez) de sua empolgação:

> Desde o início dos Jogos Olímpicos, o público brasileiro, turno a turno em apoio incondicional, exuberante e às vezes excessivo por seus esportes, não deixa ninguém indiferente. Os próprios brasileiros se interrogam. O jornal *O Globo* trouxe o seguinte título na sua edição de terça-feira 9 de agosto: "Os brasileiros irritam os estrangeiros ao vibrar nas arquibancadas olímpicas como nos estádios de futebol".[16] (*Le Monde*, 12 ago. 2016)

Tal trecho caracteriza aspectos que seriam específicos da torcida brasileira, "incondicional, exuberante e às vezes excessiva", dos quais os próprios brasileiros teriam consciência, como demonstraria a manchete do jornal *O Globo*,[17] citada por *Le Monde*, ao afirmar que o comportamento vibrante de torcida de futebol é estendido, por parte dos brasileiros, às demais modalidades olímpicas. Assim, o caráter passional da torcida brasileira é tratado em aspectos complementares: como o de um povo que dá suporte entusiasta a seus atletas e, por outro lado, desestabiliza a concentração de outros times, o que pode ser mal visto pelos estrangeiros.

O subtítulo « Ziiiiika ! Ziiiiika » contribui para uma representação pitoresca da torcida brasileira. Trata-se de um coro proferido a cada jogada da goleira norte-americana Hope Solo, em uma referência jocosa a uma postagem que a atleta fizera em redes sociais, onde expressou seu medo relacionado à presença do vírus zika no país.

---

16 *Depuis le début des Jeux olympiques, le public brésilien, tour à tour soutien inconditionnel, exubérant et parfois excessif de ses sportifs, ne laisse en tout cas personne indifférent. Les Brésiliens eux-mêmes s'en interrogent. Le quotidien O Globo titrait ainsi dans son édition du mardi 9 août: "Les Brésiliens irritent les étrangers en vibrant dans les tribunes olympiques comme dans les stades de football."*

17 Em busca na internet, constatamos que esse título também foi veicula no UOL/*Folha de S.Paulo*.

> Incondicional por seus favoritos, crítico e zombeteiro até o limite, ao público carioca, por vezes, não falta humor. Em resposta à goleira dos Estados Unidos Hope Solo, que havia apresentado seu medo do vírus, a multidão repetiu "Ziiiiika! Ziiiiika!", satirizando o famoso mosquito e ridicularizando a paranoia da americana.[18] (*Le Monde*, 12 ago. 2016)

Por proximidade temática, abordamos a matéria "Primeiro dia dos Jogos mostra ao mundo 'jeitinhos' brasileiros de torcer", assinada por Gustavo Franceschini e publicada no UOL. Conforme indica o título, a notícia trata da "brasilidade" da torcida a partir de traços de seu chamado "jeitinho". Elenca cinco subtítulos que seriam correlatos a esses traços característicos do jeito brasileiro de torcer, expressos da seguinte forma:

> 1 – Brasileiros adotam azarões para torcer
> 2 – Cazaquistão virou "Osasco" no judô
> 3 – Novo grito de "Ôôô, zika!" para Hope Solo
> 4 – "Fura, ela!" e "Uh, vai morrer" viram gritos de incentivo
> 5 – Vaias incomodam tchecas no vôlei de praia (UOL, 7 ago. 2016)

Na situação número 1, diante do favoritismo do time norte-americano de basquete, formado por jogadores da NBA, os brasileiros optaram por dar suporte à equipe da China, homenageada com o coro: "Olê, olê, olê, olá, China! China!" e "Ah, vamos virar China!".

---

18 *Inconditionnel de ses favoris, frondeur et chambreur jusqu'à la limite, le public carioca ne manque parfois pas d'humour. En réponse à la gardienne de but des États-Unis Hope Solo, qui avait affiché sa peur du virus, la foule a redoublé de "Ziiiiika ! Ziiiiika !", singeant le fameux moustique et moquant la paranoïa de l'Américaine.*

Da mesma forma, a goleira Teresa Almeida, da seleção angolana, acima do peso padrão para as jogadoras da modalidade, ganhou apoio da torcida brasileira. Na número 2, um grito de torcedores cazaques é associado pelos brasileiros ao som da palavra Osasco, fazendo com que o nome da cidade paulista fosse dito em coro, o que é compreendido como apoio ao judoca do Cazaquistão. A número 3 refere-se ao coro promovido com humor para a goleira norte-americana, segundo a matéria, eleita para a "zoeira" da torcida. A frase número 4 retrata uma situação criticada pela imprensa estrangeira, em que o brasileiro recorre a gritos para intimidar os rivais, prejudicando os atletas em esportes que exigem concentração, como a esgrima. A situação número 5, sobre vaias para o time feminino de vôlei de praia da República Tcheca, destaca o depoimento, entre aspas de uma das jogadoras estrangeiras:

> "Eu jogo há dez anos e nunca vivi isso. É um tipo de patriotismo. Eu acho que não é nada pessoal contra nós, eles só não sabem o limite entre o que é apropriado para o momento e o que não é mais. E eles querem apoiar tanto a sua equipe que eles não percebem que também somos seres humanos", disse Marketa Slukova. (UOL, 7 ago. 2016)

Por meio dessa fala destacada, a nação brasileira é representada como patriota sem limites, caracterizada por um comportamento semelhante ao da criança que age por empolgação ao não ter discernimento a respeito de consequências de um ponto de vista mais adulto. As aspas são marcas de heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 1990), indicando distanciamento, por parte da mídia, do posicionamento atribuído à atleta estrangeira, como se representasse uma visão internacional dentro de uma abordagem de viés nacional.

Em seu conjunto, as duas matérias supracitadas destacam elementos que reforçam certos estereótipos sobre a identidade nacional: o de um povo festivo, alegre, bem-humorado, fiel (apoia incondicionalmente seus atletas), de bom coração (dá suporte tanto aos atletas brasileiros quanto àqueles considerados mais fracos), porém que ainda não atingiu um estágio de discernimento que o colocaria em um patamar maduro, "Ocidental", zeloso por regras como a do respeito ao adversário e ao ser humano em geral.

Escândalo "A carne é fraca"

No dia 17 de março de 2017, outro escândalo veio à tona no Brasil e colocou o país em destaque na mídia internacional, desta vez relacionado à fraude na inspeção de produtos alimentícios (produzidos em frigoríficos) distribuídos no mercado interno, o que gerou a suspeita de extensão do embuste ao mercado de exportação.

O *Le Monde* (20.3.2017) repercute o assunto na editoria de economia por meio da matéria "*Viande avariée: le Brésil face à des représailles*" (Carne avariada: o Brasil diante de represálias), destacando na linha fina que "*La Chine et le Chili ferment leur porte aux produits brésiliens. L'Europe impose des restrictions*" (China e Chile fecham suas portas aos produtos brasileiros. A Europa impõe restrições).

No início, o texto contextualiza o encontro emergencial, realizado na véspera em uma churrascaria brasileira, entre o presidente Michel Temer e representantes de outros países.

> Ar enganosamente descontraído, ele engoliu, juntamente com cerca de vinte representantes de países estrangeiros, salsicha, cordeiro, bife e várias peças das carnes

Figura 7 – Manchete no aplicativo *Le Monde*

●●●○○ Free 4G 14:09 86%

EN DIRECT À 11H01

Viande avariée: le Brésil face à des représailles

Élection présidentielle 2017 + Suivre

En direct : que retenir du débat des candidats à la présidentielle ?

Les rendez-vous manqués de l'affaire Merah

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

> mais macias e saborosas em uma "churrascaria", um típico churrasco brasileiro. Uma hora depois, satisfeito e saciado, o presidente brasileiro Michel Temer deixou o restaurante "*Steak Bull*", em Brasília, certo de que os diplomatas tinham "entendido perfeitamente a mensagem".[19] (*Le Monde*, 20 mar. 2017)

A imagem que acompanha o texto verbal também contribui para retratar o "ar enganosamente descontraído", em que se destaca a figura do presidente Michel Temer sendo servido de uma peça de carne.

Logo em seguida, a matéria esclarece porque o ar é apenas "enganosamente descontraído", já que se trata, ao contrário, de tentativa de conter um início de pânico ligado ao consumo da carne brasileira a partir do escândalo vindo a público dois dias antes, apelidado "Carne Fraca", sobre a fraude econômica e sanitária em torno da carne brasileira. Enfatiza, ainda, que a mensagem não provocou o efeito esperado (a mensagem provável seria a de que a carne brasileira é boa e apetitosa e que o escândalo em questão não refletiria a totalidade do produto brasileiro). Ressalta o custo do evento para as contas públicas brasileiras, iniciando o texto da seguinte forma: "*Las, malgré ce* dîner estimé à 14 000 reais (4 240 euros)" (*Le Monde*, 2017), ou seja, apesar do custo de 14 mil reais, o evento não teria conseguido produzir o efeito desejado.

O fracasso do evento fica ainda mais evidente com a citação destacada de Enrico Brivio, porta-voz do executivo

---

19 *L'air faussement décontracté, il a englouti aux côtés d'une vingtaine de représentants de pays étrangers saucisse, agneau, bavette et divers morceaux les plus tendres et les plus savoureux du bœuf lors d'une "churrascaria", un barbecue typiquement brésilien. Une heure plus tard, satisfait et repu, le président brésilien Michel Temer a quitté le restaurant Steak Bull de Brasilia, certain que les diplomates avaient "parfaitement compris le message".*

Figura 8 – Matéria no aplicativo *Le Monde*

Viande avariée : le Brésil face à des représailles

LE MONDE ECONOMIE
Le 21 mars 2017 à 10h58

—

La Chine et le Chili ferment leur porte aux produits brésiliens. L'Europe impose des restrictions.

—

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

europeu: "'Nós solicitamos ao Brasil a retirada imediata de todos os estabelecimentos implicados na fraude da lista' das sociedades aprovadas pela União Europeia para exportação"[20] (*Le Monde*, 21 mar. 2017).

A partir do próximo intertítulo, "*Trente-sept mandats d'arrêt ont été lancés*" (Trinta e sete mandados de prisão foram lançados), a matéria contextualiza a chamada operação "Carne fraca": trata-se de uma "ofensiva espetacular" lançada contra cerca de trinta sociedades de carne brasileira, incluindo gigantes como BRF, proprietária das marcas Sadia e Perdigão, e JBS, dona das marcas Friboi, Seara e Big Frango, indústrias suspeitas de falsificar o selo de qualidade no mercado nacional (e, possivelmente, internacional) por meio de uma vasta "organização criminosa" que contava com a cumplicidade de agentes do Ministério da Agricultura retribuídos com propina (em francês, *pots-de-vin*).

A matéria informa que a polícia fala em carne vendida com a data de validade ultrapassada, ácido sórbico (substância potencialmente cancerígena) injetado nas peças para amenizar a aparência de carne "podre" (*pourrie*) e, ainda, em cantinas escolares que recebiam falsas salsichas de peru e que, na verdade, eram de uma proteína de soja contaminada com salmonela.

Segundo informa a reportagem, a investigação tenta provar que os industriais exerciam pressão sobre o Ministério da Agricultura para escolherem, eles mesmos, os agentes de controle sanitário. O *Le Monde* destaca o comentário do juiz Marcos Josegrei da Silva, que pediu as prisões: « *Un scénario désolant* » (Um cenário desolador). Em seguida, o jornal faz uma significativa

---

20 *"Nous avons demandé au Brésil de retirer immédiatement tous les établissements impliqués dans la fraude de la liste" des sociétés approuvées par l'UE pour l'exportation*

contextualização do escândalo, relacionando-o com a sociedade brasileira em geral, por meio do intertítulo: "Proximidade insalubre entre poderes públicos e setor privado"[21] (*Le Monde*, 20 mar. 2017).

O trecho inicia da seguinte forma:

> O caso "Carne fraca" reforça a imagem da proximidade insalubre mantida entre os poderes públicos e o setor privado no Brasil, já trazida à luz pela operação denominada "Lava Jato" (em francês, *Lavage express*) em 2014: um grande escândalo de corrupção que envolve/mistura a empresa pública petrolífera Petrobras, gigantes de construção e obras públicas (BTP) como Odebrecht, e uma série de políticos de todos as faixas.[22] (*Le Monde*, 20 mar. 2017)

Ao associar esses dois grandes escândalos, a matéria, seguindo a linha do jornalismo interpretativo, aponta previsões sombrias: "Em um país devastado por dois anos de recessão profunda, este novo escândalo tem aparência de tragédia"[23] (*Le Monde*, 20 mar. 2017)

Prossegue, então, a contextualização: o Brasil é o primeiro exportador de carne bovina que pode ver as vendas à exportação desmoronar. Trata-se de um mercado de 15 milhões de dólares e de um setor que emprega 7 milhões de pessoas e representa 15% das exportações brasileiras. *Le Monde* apresenta a seguinte análise:

---

21 *Proximité malsaine pouvoirs publics et secteur privé*

22 *L'affaire "carne fraca" renforce l'image de cette proximité malsaine entretenue entre les pouvoirs publics et le secteur privé au Brésil déjà mise au jour par l'opération dite "Lava Jato" (lavage express) en 2014: un vaste scandale de corruption mêlant l'entreprise pétrolière publique Petrobras, des géants du bâtiment et des travaux publics (BTP) comme Odebrecht, et une kyrielle de politiciens de tout bord.*

23 *Dans un pays ravagé par deux années de profonde récession, ce nouveau scandale prend des allures de tragédie.*

> [...] de acordo com o gabinete de análise Capital Economics, esse escândalo "poderia inviabilizar a recuperação da economia do país", porque "o Brasil enfrenta uma perda potencial de exportação de cerca de 3,5 bilhões, o equivalente a 0,2% do PIB".[24] (*Le Monde*, 20.3.2017)

A matéria apresenta também a avaliação do ministro brasileiro da Agricultura, Blairo Maggi, segundo o qual, se os importadores deixassem de comprar carne brasileira, seria "um desastre". Reproduz o seguinte enunciado do ministro: "Eu espero, eu rogo, eu penso, eu trabalho para que isso não aconteça"[25] (*Le Monde*, 21 mar. 2017), demonstrando o desespero do brasileiro.

O subtítulo "*Contre-feux*" (Contra-ataque) apresenta o ponto de vista brasileiro, que procura minimizar o escândalo, destacando a fala de Francisco Sergio Turra, presidente dos exportadores de proteína animal, em entrevista à *Folha de S.Paulo*: "É absurdo misturar, generalizar, vender a ideia de que o Brasil não vale nada, que tudo é podre. [...] É o contrário, nós somos o país com a maior biossegurança"[26] (*Le Monde*, 20 mar. 2017).

A matéria relata, ainda, que, segundo Turra, a investigação contém "erros técnicos" e acrescenta citação de fala de uma professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): "'Das irregularidades mencionadas, nenhuma comporta risco para a saúde', assegura também Marise Aparecida Rodrigues Pollônio, professora da

---

24 *[...] selon le cabinet d'analyse Capital Economics, ce scandale "pourrait faire dérailler la reprise économique du pays", car "le Brésil fait face à une perte potentielle d'exportations d'environ 3,5 milliards de dollars, l'équivalent de 0,2 % du PIB".*

25 *"J'espère, je prie, je pense, je travaille pour que ça n'arrive pas."*

26 *"C'est absurde de tout mélanger, de généraliser, de vendre l'idée que le Brésil ne vaut rien, que tout est pourri. (...) C'est le contraire, nous sommes le pays avec la plus grande biosécurité"*

Unicamp, Universidade Estadual de Campinas, no estado de São Paulo"[27] (*Le Monde*, 20 mar. 2017).

Ao traçar o percurso de um leitor que leia apenas os elementos em destaque (título, linha fina e intertítulos), teríamos o seguinte esquema de leitura:

> Carne avariada: o Brasil perante represálias
>
> China e Chile fecham suas portas aos produtos brasileiros. A Europa impõe restrições
>
> Ar enganosamente descontraído [...]
>
> Trinta e sete mandados de prisão foram lançados[28]
>
> Proximidade insalubre entre poderes públicos e setor privado[29]
>
> Contra-ataque[30]

Dos cinco elementos em destaque (título, linha fina e três intertítulos), quatro focam aspectos negativos. Para quem lê a primeira linha da notícia em si, a negatividade também se reforça com a descrição "ar enganosamente descontraído", que converge tanto para a falsa casualidade do churrasco oferecido aos diplomatas pelo Governo brasileiro quanto para o caráter enganoso/fraudulento do assunto em questão. O intertítulo "proximidade insalubre entre poderes públicos e setor privado" joga com a insalubridade do tema (literalmente, um produto alimentício falsamente certificado como adequado para consumo) e a insalubridade política brasileira em geral, onde se misturam corrupções públicas e privadas, do que é exemplo conhecido a investigação deflagrada pela operação

---

27 *"Sur les irrégularités mentionnées, aucune ne comporte de risque pour la santé", assure aussi Marise Aparecida Rodrigues Pollônio, professeure à l'université Unicamp dans l'État de Sao Paulo.*

28 *Trente-sept mandats d'arrêt ont été lancés*

29 *Proximité malsaine pouvoirs publics et secteur privé*

30 *Contre-feux*

Figura 9 – Exemplo de matéria sobre o caso "Carne Fraca" (UOL, 21 mar. 2017)

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 10 – Repercussão sobre o caso "Carne Fraca" (UOL, 21 mar. 2017)

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

"Lava Jato". Somente o último intertítulo é neutro, no sentido de apresentar o ponto de vista brasileiro, funcionando mais como menção burocrática ao outro lado da questão. É bastante provável que uma visão geral com base nos destacamentos da matéria provoque o efeito de suspeita em relação ao consumo da carne brasileira, bem como é pouco provável que o argumento da defesa brasileira de que a corrupção não deva ser generalizada alcance um peso maior na interpretação dos fatos pelo público-leitor.

Evidentemente, o assunto foi bastante abordado pela imprensa brasileira, país pivô do escândalo vinculado à chamada "Operação Carne Fraca". Exemplos:

Abordamos aqui uma das matérias que trata de tópico equivalente ao apresentado pela matéria de *Le Monde*, antes descrita, a saber: "Coreia do Sul volta atrás e retoma a compra de carne de frango do Brasil".

Essa matéria apresenta um "segundo passo" das negociações, quando a Coreia do Sul, após decidir aplicar sanções ao Brasil, teria flexibilizado ao ter a confirmação do Ministério da Agricultura brasileiro de que nunca teria adquirido produto estragado do Brasil. Apresenta, no entanto, restrições ao informar que o país asiático decidiu "intensificar a fiscalização do produto brasileiro". Além disso, China, União Europeia e Chile também anunciaram restrições à carne brasileira. A matéria esclarece:

> Depois do anúncio das restrições, o Ministério da Agricultura suspendeu a licença de exportação dos 21 frigoríficos que estão sob investigação na Operação Carne Fraca. O governo brasileiro permitirá, no entanto, que as mesmas fábricas continuem a vender o produto no mercado interno.
>
> O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, afirmou que iria conversar com representantes dos mercados nesta semana para tentar evitar que o bloqueio atinja fábricas não atingidas pela operação.

> Essas 21 unidades estão sob um "regime especial de fiscalização" do governo. "Não posso simplesmente acabar com nosso sistema produtivo por uma suspeição", disse Maggi. "Nenhum deles está na lista [da PF] por adulteração de produtos." (UOL/*Folha de S.Paulo*, 21 mar. 2017)

A matéria de UOL/*Folha de S.Paulo* relata que a China "decidiu reter em seus portos toda carne do Brasil, independentemente da fábrica de origem", afetando, portanto, mesmo as empresas não envolvidas no escândalo. E que técnicos do ministério "planejavam se reunir por teleconferência com os chineses na noite desta segunda (20/3/17)". O ministro, citado na matéria, resume o objetivo da teleconferência: "Esperamos que com essa conversa consigamos minimizar a situação".

Relata, ainda, que, em relação à União Europeia, a decisão foi de suspender as importações das 21 empresas sob suspeita, sobre o que concluíra o ministro: "Não há retaliação por parte dos europeus, só preocupação". A matéria reforça a posição da União Europeia, por meio de afirmação de Enrico Brivio, porta-voz da comissão para assuntos de segurança alimentar: "Queremos certeza de que só carne com controle apropriado chegará ao mercado europeu".

Em relação ao Chile, que teria suspendido a importação de todo tipo de carne brasileira, o Governo brasileiro teria dito não compreender a decisão daquele país e ameaça com retaliação à importação de produtos de lá, como peixes e frutas, o que demonstra que o tema envolve todo um jogo de interesses entre nações, para além do escândalo brasileiro, temática que aparece em outras matérias na mídia brasileira (as quais apontam o fato de que o escândalo não somente interessa a uma questão de saúde, mas também beneficia outros importadores – argumento utilizado pela defesa ao produto brasileiro em pronunciamentos de governantes e empresários).

Já o Governo dos Estados Unidos teria anunciado que "aumentou a fiscalização sobre a carne do Brasil": "O produto, que já passava por reinspeção ao chegar ao território americano, passará agora por 'exames extras', segundo o governo" (UOL/Folha de S.Paulo, 21 mar. 2017).

No subtítulo "desastre", a matéria afirma que o governo "corre contra o tempo para evitar perder mercados duramente conquistados". Um trecho:

> Segundo Maggi, o governo corre contra o tempo para evitar perder mercados duramente conquistados. "Não podemos permitir o fechamento de mercados. Para reabrir, serão muitos anos de trabalho", disse. Para ele, uma suspensão total das vendas brasileiras de carne ao exterior seria "um desastre".
>
> O ministro lembrou que as exportações de carne somam cerca de US$ 15 bilhões por ano. "Não estamos preocupados só com a balança comercial", disse. "O setor emprega 6 milhões de pessoas." (UOL/Folha de S.Paulo, 21. Mar. 2017)

Ao mesmo tempo em que, pode-se dizer, a matéria de *Le Monde* propõe contextualizações mais amplas, associando o escândalo da carne a um "modo de negócios brasileiro", segundo o qual público e privado misturam-se de forma indecorosa – contextualização ausente na matéria do UOL/*Folha de S.Paulo* –, também se pode notar que a matéria do veículo brasileiro, de certo modo, contextualiza melhor a versão nacional dos fatos, segundo a qual não se deve generalizar o tipo de procedimento. É certo que, neste caso, interessa ao Brasil essa relativização da suspeita, uma vez que a penalização a esse mercado por outros países não afetaria apenas os supostos corruptos, mas também toda uma cadeia econômica e social, incluindo os empregos do setor.

Figura 11 – Chamada da matéria "Ida de Temer à churrascaria..." (UOL, 20 mar. 2017)

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Além de título e linha fina, a matéria relatada traz apenas dois intertítulos sucintos, constituídos cada um por uma única palavra: 1. **Certeza** (em referência à exigência de garantia da qualidade do produto requerida pela União Europeia) e 2. **Desastre** (em referência às possíveis consequências para a economia brasileira).

O tema repercute com prioridade na imprensa nacional a partir da data de divulgação da operação. Como o país é pivô do fato em questão, a temática é tratada não somente nas editorias relacionadas aos assuntos ditos "sérios", como sociedade, política ou economia, mas também por meio de abordagens paralelas, de teor humorístico. Essa é a linha editorial da matéria "Ida de Temer à churrascaria em Brasília rende *memes* com papelão".

Assim é iniciado o texto:

> A ida do presidente Michel Temer a uma churrascaria em Brasília na noite deste domingo (19), acompanhado de embaixadores de países importadores de carne brasileira, rendeu pelo menos uma polêmica e inúmeros *memes*. Tão logo as fotos do evento começaram a ser divulgadas, brincadeiras com Temer e seus convidados tomaram as redes sociais. (UOL, 20 mar. 2017)

A polêmica refere-se a questionamentos sobre a origem da carne servida no churrasco, se nacional ou importada. A matéria retoma informação divulgada pelo jornal *O Estado de S. Paulo* de que a churrascaria *Steak Bull* servia apenas carne importada, segundo teriam relatado funcionários. Acrescenta, porém, que a *Folha de S.Paulo*, por sua vez, "ouviu do gerente do estabelecimento que a churrascaria tinha entre seus fornecedores uma das empresas investigadas pela operação da Polícia Federal". A versão oficial é divulgada da seguinte forma:

Figura 12 – Imagem do presidente Temer parodiada nas redes sociais (UOL, 20 mar. 2017)

O presidente Michel Temer (PMDB) em churrascaria de Brasília

A informação de que churrascaria Steak Bull servia apenas carne importada, divulgada pelo jornal "O Estado de São Paulo", com base no depoimento de

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 13 – *Meme* nas redes sociais

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 14 – *Meme* nas redes sociais

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 15 – *Meme* nas redes sociais

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

> Em nota, a Secretaria de Comunicação Social da Presidência informou que todas as carnes servidas neste domingo foram de origem brasileira. Em seguida, um gerente da churrascaria procurou "O Estado de São Paulo" e disse que a picanha vendida no restaurante é australiana, mas, excepcionalmente para o presidente Temer e sua comitiva, foi oferecido corte de marca brasileira. (UOL, 20 mar. 2017)

Em referência à suspeita levantada pela Operação Carne Fraca sobre possível esquema de venda ilegal de carnes no país, internautas repercutem o churrasco de Temer como "de papelão", uma vez que, segundo investigações, esse material teria sido misturado à carne para consumo. São apresentados alguns desses *memes*.

A repercussão dos *memes* nas redes sociais, interdiscursivamente, dialoga com o "ar ocasionalmente descontraído" segundo a abordagem de *Le Monde*, uma vez que retrata uma situação em que se debocha de uma tentativa de tratar com naturalidade (em uma ida à churrascaria) um assunto sério envolvendo corrupção e saúde pública. Se considerada, mais uma vez, a leitura pontual com base nos elementos destacados, as fotografias chamam bastante a atenção e condicionam a fixação do tema pelos leitores. São feitas montagens em que se substituem imagens de carne por papelão, bem como se tira proveito das expressões faciais do presidente durante o jantar. Uma das expressões é descrita por um internauta como "cara de você é o próximo", em uma alusão ao fato de que o povo é vítima das situações de fraude e corrupção no Brasil.

Os internautas comparam a situação também a um "ritual satânico", o que é favorecido pela imagem dos facões com churrasco e a predominância da cor vermelha na iluminação. A última abordagem, apresentada na Figura 16, aproveita da expressão séria de um diplomata

Figura 16 – *Meme* nas redes sociais

Flávio
@Flavio_Sampaio

O japa tava felizão na churrascaria com Temer.

12: 18 - 20 mar 2017

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

japonês para ironizar: "o japa tava felizão na churrascaria com Temer", já que a imagem "diz" o contrário.

Ao se considerar a possibilidade de leitura fragmentada pelos meios digitais, em que os tópicos mais chamativos são repetidamente compartilhados em redes sociais, o *ethos* que sobressai é o do escândalo e da tentativa de tratar dele de uma forma descontraída, mas que "não convence". Já houve um famoso mote segundo o qual, no Brasil, "tudo acaba em pizza". A ideia de "acabar em churrasco" é nítida na intertextualidade, porém em um contexto em que denúncias passam por investigações mais rígidas. Em um cenário de desconfiança, mesmo as instituições brasileiras não investigadas sofrem as consequências, como demonstrou, por exemplo, a decisão do Chile de suspender a importação de qualquer tipo de carne brasileira.

Dado o potencial dos destacamentos de cristalizar memórias, é provável que pouco se fixem, entre os internautas, questões menos enfatizadas, como as de que pode haver generalizações nas denúncias, erros técnicos etc. Da mesma forma, ao se construir discursivamente a necessidade de penalizar os responsáveis (além de combater a questão de fundo apontada por *Le Monde*, ou seja, a mistura insalubre entre o público e o privado), pouco se destaca a questão do impacto social que o tema pode causar, para a economia do país, perda de empregos etc.

Tendo em vista o impacto da questão, tanto por se tratar de algo relativo à saúde quanto pelo potencial de denegrir a imagem de um negócio, até mesmo entre empresas idôneas, com consequências econômicas e sociais, é necessário defender a importância de um jornalismo sério e investigativo – o que parece trivial, mas não em tempos em que comentários sem comprovação disseminam-se entre usuários das redes. Vive-se um tempo digital em que *memes* compartilhados podem ser compreendidos como

verdades, tornando-se parte integrante do que é registrado como *memória*. Assim, mesmo a leitura de mais de uma mídia pode não ser solução para uma compreensão ampla dos fatos, porém é mais significativa e construtiva do que a informação apenas por meio de compartilhamentos em redes sociais, onde justamente elementos de potencial cômico e impactante ganham maior destaque, não coincidindo necessariamente com uma apuração jornalística consistente e independente.

Crise econômica no Rio de Janeiro

As Olimpíadas de 2016 colocaram o Brasil em foco na mídia internacional, inclusive com elogios para a organização das cerimônias de abertura e encerramento, entre histórias pitorescas, como a dos quatro nadadores que mentiram sobre assalto supostamente sofrido.[31] Após sua realização, no entanto, veio à tona a crise econômica do estado do Rio de Janeiro, com ampla cobertura pela mídia nacional e que apareceu de maneira muito contundente na seguinte matéria de *Le Monde*, publicada em 21 e novembro de 2016: "No Brasil, o estado do Rio de Janeiro não responde mais".[32]

O título é bastante categórico com a expressão "não responde mais". Ainda que diversas matérias na mídia nacional tenham apontado os problemas políticos e

---

31 Sobre o caso: Globo.com. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/os-quatro-nadadores-mentiram-comite-dos-eua-sobre-assalto-diz-site.html>; *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1804257-entenda-o-caso-dos-nadadores-americanos-que-dizem-ter-sido-assaltados.shtml>. Acesso em: mar. 2017.

32 *Au Brésil, l'État de Rio ne répond plus*

Figura 17 – *Le Monde*, novembro de 2016

Au Brésil, l'Etat de Rio ne répond plus

LE MONDE ECONOMIE
Le 21 novembre 2016 à 10h27

—

A la crise économique et sociale s'ajoute un scandale politique.

—

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

econômicos do Rio de Janeiro, essa abordagem de *Le Monde* é mais enfática, com o título funcionando como argumento definitivo, cuja conclusão independe da leitura do restante do artigo: o estado desmontou-se, não responde mais, está falido.

Apesar do título categórico e com efeito de sentido de objetividade (uma ação acabada, objetiva), a matéria, situada na editoria de economia, inicia com texto em estilo narrativo, um recurso jornalístico que produz humanização da notícia. O fato é descrito não apenas como dado estatístico, mas a partir da exemplificação de um caso particular, representativo dos demais, de cidadãos que sofrem as consequências desse estado falido.

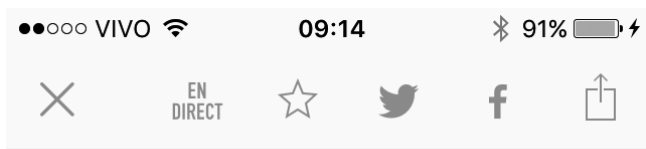
O trecho descreve a situação de uma cidadã, Daniela, que está há duas semanas no hospital, quando deveria ter ficado apenas uma, já que sua cirurgia não pôde ser realizada no dia marcado por falta do material necessário. Relata que a jovem sofre de cálculos na vesícula, e que uma amiga visitante realizou limpeza no quarto, que estava sujo e nem mesmo tinha papel higiênico.

Outros elementos destacados convergem para a compreensão da calamidade no estado do Rio de Janeiro. O intertítulo subsequente é: "Calamidade Pública"[33] (*Le Monde*, 21 nov. 2016).

Esse item trata de questões mais estatísticas, apontando o déficit de 17,5 bilhões de reais (€4,9 bilhões) do estado fluminense, descrito como "à beira da falência" – expressão que serviria para relativizar, em certa medida, o fato de o estado já estar falido (estaria prestes a falir, mas ainda não falido), mas aqui pode ser considerada basicamente como eufemística, uma vez que o título já sentenciou o estado como falido. A matéria retoma a recessão que abalou o país desde 2015, e enfatiza: "*Mais nulle*

---

33 *"Calamité publique"*

Figura 18 – *Le Monde*, novembro de 2016, início do texto

Daniela Correia Dos Santos est restée deux semaines à l'hôpital au lieu d'une. « *Le jour de l'opération, les médecins ne pouvaient pas m'opérer. Il n'y avait pas le matériel nécessaire* », explique-t-elle, jeudi 17 novembre, à la sortie de l'établissement. Quand elle a commencé à vomir, la jeune mère, qui souffre de calculs à la vésicule biliaire, a fini par être prise en charge. Son amie Edit, venue lui rendre visite, a dû se charger de faire un brin de ménage dans sa chambre. « *Tout était sale. Il n'y avait rien. Pas même de papier toilette !* », raconte cette dernière.

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

part la situation n'est aussi dramatique qu'à Rio" (Mas em nenhum lugar, ou seja, em nenhum outro estado do país, a situação é tão dramática como no Rio). Nesse tópico, a matéria assinala como causadores dessa situação a baixa

de arrecadação a partir do escândalo Petrobras, que se somou a uma "gestão dispendiosa de um governo regional atordoado pela copa do mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016", além de uma "gestão megalomaníaca", que evocou a construção de diversos centros de saúde, quando as condições dos estabelecimentos existentes deixavam a desejar.

> Isso se soma à gestão julgada dispendiosa de um governo regional atordoado pela Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos do Verão de 2016. Uma gestão "megalomaníaca", insiste o Dr. Jorge Darze, citando a construção de vários centros de saúde, quando a manutenção dos estabelecimentos existentes deixa a desejar.[34] (*Le Monde*, 21 nov. 2016)

O próximo intertítulo, "*Guerre fiscale*", remete às manifestações de diversos profissionais (policiais, bombeiros, professores, médicos), que, em suas falas destacadas, culpam a má administração e as isenções fiscais a empresas pelo não recebimento de seus salários. Alguns enunciados desses manifestantes são citados na reportagem:

> "O governo concedeu milhões de isenções fiscais para as empresas e hoje nós retampamos o buraco que ele cavou!", enraivece Carlos Augusto Nogueira, um ex-funcionário no campo da segurança, agora aposentado. "Nós pagamos pela orgia do governo", apoia Sergio Luis Quintanilha, professor de biologia, denunciando a corrupção generalizada de políticos e as suspeitas de superfaturamento de projetos das

34 *S'y ajoute la gestion jugée dispendieuse d'un gouvernement régional étourdi par la Coupe du monde de 2014 et les Jeux olympiques de l'été 2016. Une gestion "mégalomane", insiste le docteur Jorge Darze, évoquant la construction de divers centres de santé, quand l'entretien des établissements existants laisse à désirer.*

obras de infraestrutura implantadas nos últimos anos.[35] (*Le Monde*, 21 nov. 2016)

Os problemas do Rio de Janeiro são associados, na reportagem, a um problema mais geral do Brasil.

> A ruína do Rio expôs falhas no sistema de financiamento dos Estados brasileiros, onde reina uma guerra fiscal sem gratidão. Cada um dos 27 distritos federais se engaja em uma competitividade de descontos para atrair grandes grupos e evitar uma desindustrialização inexorável.[36] (*Le Monde*, 21 nov. 2016)

A matéria faz menção à "prisão espetacular do ex-governador do Rio de Janeiro", Sérgio Cabral (PMDB), acusado de desvio de fundos, e cogita ser pouco provável que o governador de então, Luiz Fernando Pezão, não tivesse conhecimento de tais desvios, já que era o vice do acusado. No trecho, a reportagem faz as seguintes avaliações:

> Na verdade, o escândalo político interfere na crise econômica. A prisão espetacular, quinta-feira 16 de novembro, do ex-governador do Rio de Janeiro, Sergio Cabral (PMDB),

---

35 *"Le gouvernement a accordé des millions d'exemptions fiscales pour les entreprises et aujourd'hui on rebouche le trou qu'il a creusé !", enrage Carlos Augusto Nogueira, un ancien employé dans le domaine de la sécurité, aujourd'hui retraité. "On paie pour l'orgie du gouvernement", appuie Sergio Luis Quintanilha, professeur de biologie, dénonçant la corruption généralisée des politiques et les soupçons de surfacturation des chantiers d'infrastructures mis en œuvre ces dernières années.*

36 *La ruine de Rio a mis à nu les failles du système de financement des États brésiliens, où règne une guerre fiscale sans merci. Chacun des 27 districts fédéraux se livrant à une surenchère de ristournes pour appâter les grands groupes et échapper à une inexorable désindustrialisation.*

no posto de 2007 a 2014, acusado de desvio de fundos de mais de 220 milhões de reais, **sugere que o Estado possa ser, pelo menos em parte, vítima de uma classe política tanto irresponsável quanto indecente**.

É pouco provável que o atual governador, Sr. Pezão, que foi o ex-vice do acusado, poderia ignorar essas atividades fraudulentas. No Rio, paira o sentimento de que a **resolução da crise financeira passará primeiro por uma limpeza política**.[37] (*Le Monde*, 21 nov. 2016, destaques nossos)

Dados objetivos sobre valores desviados e relações entre cargos oficiais misturam-se a avaliações por parte do jornal quanto à existência de uma classe política "irresponsável" e "indecente". Ambos os adjetivos são subjetivos, porém o primeiro encontra respaldo objetivo no texto, com base nos dados estatísticos de quantias desviadas. Já o segundo é mais valorativo (afetivo) e depende de valores morais mobilizados, contudo, nas condições contextuais em que se encontra, vincula-se ao *status* de efeito objetivo do adjetivo "irresponsável", já que ser irresponsável, entre outros aspectos, equivale a descumprir regras e a lei. São adjetivos relacionados a substantivos (irresponsabilidade e indecência) que podem ter diferentes compreensões, a depender de quem os mobiliza, no entanto, da forma como o texto foi construído, simulam um efeito de objetividade e, supostamente, corroboram

37 *De fait, le scandale politique s'immisce dans la crise économique. L'arrestation spectaculaire, jeudi 16 novembre, de l'ancien gouverneur de Rio de Janeiro, Sergio Cabral (PMDB), en poste de 2007 à 2014, accusé de détournement de fonds de plus de 220 millions de reais, laisse penser que l'État serait, au moins en partie, victime des méfaits d'une classe politique aussi irresponsable qu'indécente.*
Peu imaginent que l'actuel gouverneur, M. Pezao, qui fut l'ancien vice -président de l'inculpé, ait pu ignorer ces agissements frauduleux. A Rio plane ainsi le sentiment que la résolution de la crise financière passera d'abord par un nettoyage politique.

os elementos destacados em títulos e intertítulos: estado que não responde mais, calamidade pública, guerra fiscal – um estado de responsabilidade e indecência.

Essa matéria pode ser considerada como uma "abordagem de síntese" de toda a cobertura sobre os problemas no estado do Rio de Janeiro. Na ocasião, a mídia televisiva brasileira, por sua vez, mostrou continuamente imagens de manifestações de trabalhadores com salários atrasados e retratou a falta de materiais e de higiene em hospitais. Durante nossa pesquisa, o tema das dificuldades financeiras do Rio de Janeiro continuou repercutindo na imprensa nacional, a exemplo das seguintes manchetes da *Folha de S.Paulo*:[38]

> Sistema da Polícia Civil do Rio pode sair do ar por falta de pagamento (4 abr. 2017)
>
> Com operação da PF, Pezão pede ajuda a Temer para socorro financeiro (30 mar. 2017)
>
> Justiça do Rio impede que Pezão corte 30% dos salários de servidores da UERJ (28 mar. 2017)
>
> Rio promete depositar 13º de parte dos aposentados ainda nesta segunda (23 mar. 2017)
>
> Rio deposita R$ 920 milhões em salários de policiais e professores (14 fev. 2017)
>
> Crise no Rio de Janeiro sucateia rede de atendimento a mulheres (1º fev. 2017)
>
> Policiais civis e agentes penitenciários fazem paralisação no Rio (17 jan. 2017)
>
> Acordo para salvar Rio prevê redução de jornada e salário de servidores (11 jan. 2017)
>
> Rio de Janeiro é o primeiro Estado a negociar recuperação com governo (9 jan. 2017)

---

38 Disponível em: >http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/rio-dejaneiro/>. Acesso em: abr. 2017.

Figura 19 – Recurso verbo-visual – ao clicar nas setas, outros nomes de políticos são apresentados

poder

Rio de Janeiro enfrenta ressaca política e econômica

POLÍTICA ESTREMECIDA

A crise no Estado envolve nomes tradicionais da política fluminense e altera o xadrez nacional

Sérgio Cabral (PMDB-RJ)

Ex-governador do Rio foi preso nesta quinta (17), acusado de comandar organização criminosa que desviou ao menos R$ 224 milhões em recursos públicos e 'lavou fortunas', inclusive mediante aquisição de bens de luxo, segundo o MPF. Peemedebista teria recebido "mesadas" de até R$ 500 mil das empreiteiras Carioca Engenharia e Andreade Gutierrez.

Fonte: *Print screen* gerado da página UOL pelo autor

Embora a matéria de *Le Monde*, descrita anteriormente, não seja equivalente, portanto, a uma única matéria de UOL/*Folha de S.Paulo*, é possível estabelecer uma relação particular, por proximidade temática e temporal, considerando a metodologia adotada neste trabalho, com a seguinte matéria publicada em UOL/*Folha de S.Paulo* em 16 de novembro de 2016:[39] "Rio de Janeiro enfrenta ressaca política e econômica".

Em termos de destacamento e contextualização, a matéria apresenta semelhanças com a de *Le Monde*, associando a crise política à econômica. Atentando-se ao percurso de leitura com base nos elementos destacados, a reportagem apresenta os seguintes destaques, após o título:

---

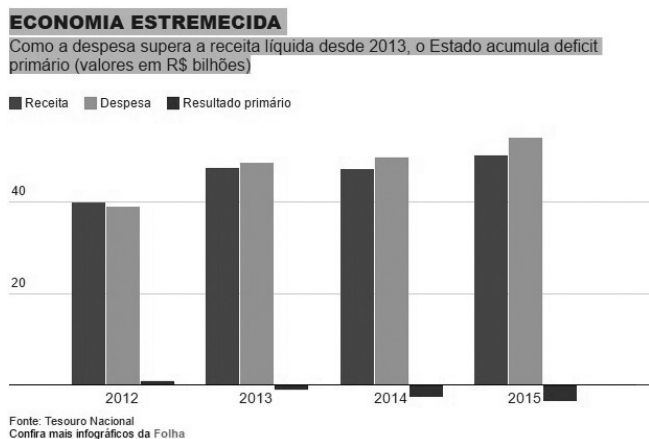
39 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1833228-rio-de-janeiro-enfrenta-ressaca-politica-e-economica.shtml>. Acesso em: abr. 2017.

Linha fina – a crise no estado envolve nomes tradicionais da política fluminense e altera o xadrez nacional.

Recurso verbo-visual – com destaque para nome e perfil de políticos envolvidos na questão, a saber: Sérgio Cabral (PMDB-RJ), Eduardo Cunha (PMDB-RJ), Anthony Garotinho (PR-RJ), Luiz Fernando Pezão (PMDB-RJ), Eduardo Paes (PMDB-RJ), Moreira Franco (PMDB-RJ), Jorge Picciani (PMDB-RJ), Leonardo Picciani (PMDB-RJ), Hudson Braga e Adriana Ancelmo.

Intertítulo:

Economia estremecida – acompanhado de infográfico explicando "como a despesa supera a receita líquida desde 2013, o Estado acumula déficit primário (valores em R$ bilhões)".

Figura 20 – Infográfico

Fonte: *Print screen* gerado da página UOL pelo autor

Intertítulo:

Euforia e Revés – contextualiza a mudança de cenário a partir do segundo mandato de Cabral, quando "a presidente Dilma Rousseff substituiu repasses diretos de verbas

federais por aval para empréstimos", o que teria mantido os investimentos, mas aumentado a dívida do estado, "fora do limite da Lei de Responsabilidade Fiscal".

Intertítulo:
Lava Jato – o trecho explica que a Operação Lava Jato, deflagrada em 2014, afetou a situação financeira do Rio de Janeiro "ao paralisar a cadeia de negócios da Petrobras, instalada no Estado". Informa que a crise agravava-se enquanto as investigações contra Cabral avançavam, culminando com sua prisão "quando a ausência de recursos no Estado atingiu seu ápice".

No seguinte trecho, em particular, é citado um exemplo que poderia corroborar a "irresponsabilidade e indecência" citada por *Le Monde*:

> Enquanto a crise se agravava, as investigações contra Cabral avançaram. O MPF mostrou que em agosto do ano passado, quando o salário dos servidores já sofria atrasos, o ex-governador comprou uma tela do artista Marcos Cardoso por R$ 14 mil, com desconto de 50%. (UOL/*Folha de S.Paulo*, 16 nov. 2016)

Assim, pode-se notar que a crise financeira do Rio de Janeiro é associada à crise política tanto pela cobertura da imprensa brasileira quanto pela de *Le Monde*, sendo mobilizados por ambos os veículos elementos que respaldam essa associação.

"Manifestações sem paixão" em março de 2017

Na história recente deste século XXI, o Brasil tem sido palco de consideráveis manifestações sociais, em especial

desde 2013. Naquele ano houve um movimento iniciado a partir do aumento de tarifas de ônibus urbanos em São Paulo (fato que abordamos em Moraes, 2015), seguido por reivindicações contra a corrupção que, em parte, juntamente de outras ações políticas e institucionais, culminaram no *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. A operação Lava Jato, em curso, continuou revelando escândalos de corrupção, e algumas vezes houve questionamentos por setores da sociedade sobre o porquê de as manifestações terem diminuído significativamente após a mudança de governo, em maio de 2016.

Em 27 de março de 2017 houve novas manifestações de caráter generalizado, que foram tratadas da seguinte forma em título e linha fina de *Le Monde*:

> **Manifestações sem paixão no Brasil para apoiar a operação "Lava Jato"**
>
> Milhares de pessoas andavam pelas ruas, domingo, para protestar contra a impunidade dos políticos, mas a mobilização era bem menos forte do que em movimentos[40] anteriores deste tipo.[41]

---

40 A palavra *rassemblement* tem uma forte conotação política na França. Tem o sentido de reunião, encontro, movimento, marcha, agrupamento, mas se pode dizer que não há uma tradução precisa. Seus efeitos de sentido compreendem um desejo de unidade em torno de um ideal coletivo, uma causa maior. É sempre evocada em pronunciamentos políticos, como neste do ex-presidente francês François Hollande: "Neste período tão doloroso, tão grave, eu faço apelo à união, ao encontro [*rassemblement*], ao sangue frio" (14 nov. 2015). É, também, tipicamente evocada nos discursos do presidente eleito em 2017, Emmanuel Macron.

41 ***Des manifestations sans passion au Brésil pour soutenir l'opération "Lava Jato"***
Des milliers de personnes ont arpenté les rues, dimanche, pour protester contre l'impunité des politiciens, mais la mobilisation était bien moins forte que lors des précédents rassemblements de ce type.

Figura 21 – Chamada de *Le Monde*

●●○○○ Free 4G 10:55 72%

EN DIRECT À 01H26

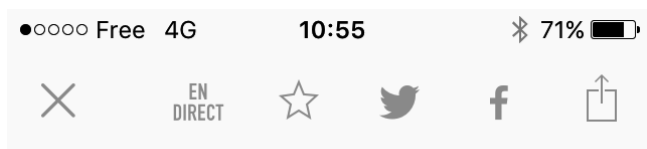
Des manifestations sans passion au Brésil pour soutenir l'opération « Lava Jato » RÉCIT

HIER À 23H50

Russie : l'opposant Alexeï Navalny et des centaines de personnes arrêtées lors d'une manifestation

Mise à jour de 23h50 : En fin de journée, le site OVD-Infos comptabilisait « au moins 933 » interpellations à Moscou et des dizaines en province. La police en a pour sa part fait état de 500 dans la capitale mais aussi de plus de 130 à Saint-Pétersbourg.

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 22 – Matéria de *Le Monde*

Des manifestations sans passion au Brésil pour soutenir l'opération « Lava Jato »

Par Claire Gatinois (Sao Paulo, correspondante)
Le 27 mars 2017 à 01h04
Mis à jour le 27 mars 2017 à 10h14

—

Des milliers de personnes ont arpenté les rues, dimanche, pour protester contre l'impunité des politiciens, mais la mobilisation était bien moins forte que lors des précédents rassemblements de ce type.

—

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

O título encarrega-se de classificar essas manifestações como "sem paixão", expressão que, no interdiscurso, se contrapõe a uma característica mais efusiva geralmente atribuída ao povo brasileiro, em comparação, por exemplo, com a visão sobre a torcida nas Olimpíadas, cujo comportamento foi caracterizado como transbordante (*débordants*), antes neste capítulo. Lido nessa interdiscursividade, o "sem paixão" adquire também um sentido de excepcional, incoerente ao comportamento mais característico do brasileiro, que tenderia a ser passional.

No início, a matéria faz associação com as manifestações anteriores, contra Dilma Rousseff, de modo a mostrar certa desproporção entre os atuais movimentos e aqueles contrários à ex-presidente (o que vem ao encontro de impressões relatadas por setores da sociedade brasileira, especialmente em redes sociais). O texto, assinado pela correspondente Claire Gatinois, argumenta que os ares de semelhança entre essas manifestações são apenas uma primeira impressão.

> Na mesma avenida em São Paulo, onde, um ano atrás, eles marcharam em massa para reivindicar a destituição de Dilma Rousseff, presidente odiada à frente de um Partido dos Trabalhadores dito corrupto, vestidos com as mesmas camisetas verdes e amarelas, sinal de seu amor pela pátria, os brasileiros vieram demonstrar uma vez mais a sua raiva dirigida a uma classe política considerada desonesta e pervertida. Na capital econômica, mas também em Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasília e mais de uma dúzia de outras grandes cidades do Brasil, os últimos movimentos pró-destituição mobilizaram suas tropas, domingo, 26 de março, para explicar que a luta contra a impunidade não tinha terminado.
>
> Bem. O evento teve a aparência de um compromisso não atingido. A uma multidão frequentemente esparsa

> juntou-se a confusão de reivindicações, a ponto de suscitar mal-estar entre alguns organizadores. O apoio à operação "Lava Jato", que revelou o maior escândalo de subornos na história do país, conhecido como "caso Petrobras", deveria ser a primeira motivação dos manifestantes. Ela juntou-se, na realidade, a outras demandas, que vão desde a liberdade do porte de armas até a intervenção militar "Já".[42] (*Le Monde*, 27 mar. 2017)

Essa citação, apesar de longa, parece-nos importante por detalhar elementos que caracterizam o *tom* da reportagem, ao descrever o caráter contraditório de tais manifestações, sem unidade de objetivos, incompatível ao espírito que em francês é descrito como de *rassemblement*, vinculado à união em torno de um ideal coletivo, acima de aspirações individuais. A reportagem de *Le Monde* traz algumas citações de manifestantes que cumprem a função de corroborar essa dispersão de objetivos, já que as reivindicações apresentadas soam personalizadas, ou, dito em termos mais discursivos, representativas de

---

42 *Sur la même avenue de Sao Paulo où, un an plus tôt, ils avaient défilé en masse pour réclamer la destitution de Dilma Rousseff, présidente haïe à la tête d'un Parti des travailleurs dit corrompu, revêtus des mêmes tee-shirts jaune et vert, signe de leur amour pour la patrie, les Brésiliens sont venus manifester une fois de plus leur colère envers une classe politique jugée malhonnête et pervertie. Dans la capitale économique, mais aussi à Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Brasilia et dans plus d'une dizaine d'autres grandes villes du Brésil, les mouvements hier pro-destitution ont remobilisé leurs troupes, dimanche 26 mars, pour expliquer que le combat contre l'impunité n'était pas terminé.*
Las. L'événement a pris des allures de rendez-vous manqué. A une foule souvent éparse s'est ajoutée la confusion des revendications, au point de susciter le malaise chez certains organisateurs. Le soutien à l'opération "Lava Jato" (lavage express), qui a révélé le plus grand scandale de pots-de-vin de l'histoire du pays, connu comme l'"affaire Petrobras", devait être la première des motivations des manifestants. Elle s'est en réalité ajoutée à d'autres requêtes allant de la liberté du port d'armes à feu à une intervention militaire "Já" (tout de suite).

posicionamentos ideológicos de pequenos grupos, e não de uma vontade coletiva da nação.[43] Algumas dessas posições podem ser conferidas no seguinte trecho:

> João Luiz Deus Deu, assistente de vendas de produtos químicos, e sua esposa, Sibelle, aposentada, fazem parte desses espíritos tentados por medidas marciais. Desgostoso com uma classe política que lhe causa vergonha, o casal gostaria que os soldados "fizessem a limpeza". "Nós precisamos deles para mudar o sistema político", explica Sibelle Deus Deu, acrescentando: "Podemos bem dizer, o regime militar [Ditadura de 1964-1985] não era tão ruim quanto isso. Na época, tínhamos mais poder de compra". Por falta de opção aceitável, ela e seu marido pensam em votar, na eleição presidencial de 2018, para Jair Bolsonaro, personagem temível, conhecido por diatribes homofóbicas, racistas e machistas. Um homem que, à medida dos escândalos, sobe nas pesquisas e figura na segunda posição das intenções de voto, de acordo com uma pesquisa CNT/MDA divulgada em meados de fevereiro.[44] (*Le Monde*, 27 mar. 2017)

---

43 Em termos discursivos, mesmo que houvesse um objetivo coletivo explicitamente definido, a existência de uma "vontade coletiva" seria, ainda assim, uma "construção discursivo-ideológica". Posições são vinculadas a grupos, interesses "pessoais" e "coletivos" que se afinam e se mesclam. Trata-se mesmo de um paradoxo conceitual: a "vontade coletiva" deveria ser pautada em um consenso entre "vontades individuais", que, para tanto, seriam "apagadas" em nome de tal "vontade coletiva". No entanto, é como *efeito* que a reportagem trata essa ausência de consenso, de unidade, com base em um imaginário em que a unidade seria possível.

44 *Joao Luiz Deus Deu, assistant de vente de produits chimique et son épouse, Sibelle, retraitée, font partie de ces esprits tentés par des mesures martiales. Écœuré par une classe politique qui leur fait honte, le couple aimerait que les soldats "fassent le ménage". "On a besoin d'eux pour changer le système politique", détaille Sibelle Deus Deu, ajoutant: "On a beau dire, le régime militaire [dictature de 1964 à 1985] n'était pas si terrible que ça. A l'époque on avait plus de pouvoir d'achat." Faute d'option acceptable, elle et son mari imaginent voter*

A posição do casal, nesse relato, é evidentemente estereotípica e, de forma explícita, leva em conta fatores pontuais (a visão do casal sobre o poder pessoal de compra) e desconsidera toda uma história sobre a Ditadura Militar. Trata-se de posição afinada à de um grupo que compartilharia das mesmas percepções, e, em contrapartida, contestada por posições que contemplem uma *memória*[45] sócio-histórica sobre a Ditadura.

Sobre o percurso de leitura com base nos elementos destacados, retomando título, linha fina e intertítulos, registra-se o seguinte:

> **Título** – Manifestações sem paixão no Brasil para apoiar a operação "Lava Jato"[46]
>
> **Linha fina** – Milhares de pessoas andavam pelas ruas, domingo, para protestar contra a impunidade dos políticos, mas a mobilização era bem menos forte do que em movimentos anteriores deste tipo[47]
>
> **Intertítulo –** Clima de ressaca[48]

O último intertítulo é vago para um leitor desprovido de contexto. O trecho que segue o intertítulo busca

---

lors du scrutin présidentiel de 2018 pour Jair Bolsonaro, redoutable personnage connu pour ces diatribes homophobes, racistes et machistes. Un homme qui, au fur et à mesure des scandales, grimpe dans les sondages et figure même en deuxième position des intentions de votes, selon une enquête CNT/MDA rendue publique mi-février.

45 É importante, nesse aspecto, contrapor a *memória* em sentido histórico à memória (cognitiva) pessoal do casal, relacionada às suas eventuais lembranças a respeito de um aspecto mencionado, o poder de compra.

46 *Des manifestations sans passion au Brésil pour soutenir l'opération «Lava Jato»*

47 *Des milliers de personnes ont arpenté les rues, dimanche, pour protester contre l'impunité des politiciens, mais la mobilisation était bien moins forte que lors des précédents rassemblements de ce type.*

48 *Climat de gueule de bois*

interpretar "um sentimento que mistura decepção e desgosto por parte da sociedade brasileira" (*un sentiment mêlant déception et* dégoût) diante da antiga crença de que o Partido dos Trabalhadores teria institucionalizado a corrupção em Brasília, e da nova crença que ora se sobrepõe, a de que a corrupção seria característica do conjunto da classe política brasileira, de esquerda e de direita (*l'ensemble de la classe politique brésilienne, de gauche comme de droite, est mêlé aux affaires*). O texto explica que nomes de outros partidos como PMDB e PSDB também são citados na operação Lava Jato. Cita novos dizeres empunhados em cartazes em substituição ao antigo "Vem pra Rua"[49] e assinala que, na falta de nomes políticos, o nome do juiz Sérgio Moro aparece como "herói dos manifestantes". É citada a fala de uma psicóloga, Suzy Fleury,

---

49 A análise de tais dizeres permitiria um estudo paralelo, que fugiria aos objetivos de nossa pesquisa. Para conhecimento do recorte de frases por parte de *Le Monde*, considerar o trecho: "*Sur le char de "VemPraRua" à Sao Paulo, mouvement qui fut parmi les leaders des manifestations de 2016, on pouvait ainsi lire "Nettoyage général". "On ne va pas se taire ! Temer doit tenir sa parole (…). C'est un message pour le président. Il n'y aura pas d'amnistie de politiciens", criait l'un des leaders du mouvement. Une allusion à une tentative du Congrès d'amnistier les crimes de "Caixa 2" (caisse noire) pour le financement de campagnes et de partis politiques. La foule appelle aussi à mettre fin au statut de "Foro privilegiado", une "juridiction privilégiée" offerte aux politiciens en exercice qui ne sont redevables que devant la Cour suprême, lente, surchargée et parfois trop clémente*". (*Le Monde*, 27 mar. 2017)
Tradução: No lugar de "VemPraRua" em São Paulo, movimento que estava entre os líderes das manifestações de 2016, podia-se ler "limpeza geral". "Não vamos ficar em silêncio! Temer deve manter sua palavra [...]. É uma mensagem para o presidente. Não haverá anistia para os políticos", gritou um dos líderes do movimento. Uma alusão a uma tentativa do Congresso de perdoar os crimes de "Caixa 2" para o financiamento de campanhas e partidos políticos. A multidão pede também o fim do *status* de "Foro privilegiado", um "foro especial" oferecido aos políticos no poder, que respondem apenas ao Supremo Tribunal, lento, sobrecarregado e, por vezes, demasiado clemente.

que corrobora a análise de *Le Monde*: "A corrupção é endêmica" ("*La corruption est endémique*"), acrescentando que todo o sistema precisaria ser modificado.

O intertítulo, portanto, não traz um aspecto novo, mas corrobora o clima "sem paixão" das manifestações, conforme expresso no título. Toda a matéria e as citações durante o texto remetem a uma manifestação protocolar, sem convicção, diferente das anteriores à destituição da ex-presidente. Pode-se propor a hipótese de que a análise de *Le Monde* seja condescendente: talvez a falta de paixão se deva à desilusão política do povo brasileiro.

Conforme é característico do estilo jornalístico do aplicativo *Le Monde*, são citadas, no decorrer da matéria, outras reportagens que dialogam com o mesmo tema e, por sua vez, ampliam a rede de leitura com base nos destacamentos, por meio da indicação "*Lire aussi*" (Leia também). Neste caso, são indicadas as seguintes reportagens:

> **Leia também:** A cronologia do caso Petrobras, retorno aos três anos que marcaram o Brasil[50]
>
> **Leia também:** No Brasil, o reino da impunidade[51]
>
> **Leia também:** Brasil enfrenta a pior crise de sua história[52]
>
> **Leia também:** Sérgio Moro, o juiz que faz tremer o Brasil[53]

Em seu conjunto, as matérias destacam a imagem de corrupção existente no Brasil, independentemente da leitura completa de todas elas.

---

50 ***Lire aussi***: *La chronologie de l'affaire Petrobras, retour sur les trois années qui ont marqué le Brésil*

51 ***Lire aussi***: *Au Brésil, le règne de l'impunité*

52 ***Lire aussi***: *Le Brésil face à la pire crise de son histoire*

53 ***Lire aussi***: *Sergio Moro, le juge qui fait trembler le Brésil*

O aplicativo UOL, por sua vez, havia destacado o seguinte título em 26 de março de 2017: "Em protesto com baixa adesão, manifestantes defendem Lava Jato e criticam Congresso".

O título vem acompanhado do chapéu "Lava Jato"[54] (alcunha que serve para caracterizar do que trata a matéria), e não há linha fina. A matéria apresenta recurso gráfico, com vinte imagens das manifestações em diversas cidades e estados do país. Cada uma das imagens (acessadas ao clicar nas setas) é tratada jornalisticamente como "fotolegenda" e remete a outra matéria específica, por meio do hipertexto "Veja mais". O texto assim se inicia:

> Com movimento abaixo do esperado, segundo a própria organização, manifestantes se reuniram em várias cidades do Brasil para protestar, neste domingo (26), a favor da Operação Lava Jato e contra a impunidade da classe política. Os grupos que organizaram as manifestações são os mesmos que saíram às ruas pelo impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) no ano passado e já chegaram a reunião [sic] mais de três milhões de pessoas pelo país. (UOL, 26 mar. 2017)

A matéria enfatiza a baixa adesão às manifestações tanto no título quanto no parágrafo inicial ("com movimento abaixo do esperado"), porém, diferentemente do veículo francês, trata desse dado em termos quantitativos, destacando o número de pessoas abaixo do esperado, e não qualitativamente, como fez *Le Monde* ao interpretar

54 Em busca posterior na internet, encontramos a mesma matéria com o chapéu "Política". São modificações comuns quando se trata de material online. Para esta análise, consideramos a primeira versão veiculada no aplicativo UOL e na *homepage* do site.

Figura 23 – Título e recurso gráfico 1, aba 2

Em protesto com baixa adesão, manifestantes defendem Lava Jato e criticam Congresso 356

Jéssica Nascimento, Marcela Lemos e Nivaldo Souza*
Colaboração para o UOL, em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo
26/03/2017 | 11h23 > Atualizada 26/03/2017 | 19h28

Ouvir texto Imprimir Comunicar erro

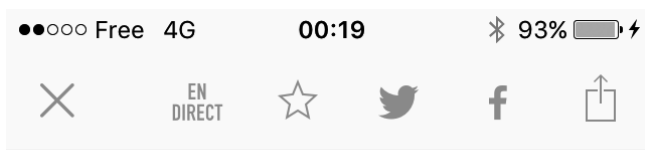
Em protesto, manifestantes defendem Lava Jato e criticam Congresso 20 fotos

26.mar.2017 - Manifestantes se reúnem na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, para protestar a favor da Operação Lava Jato e contra a impunidade da classe política. Segundo a própria organização, o movimento foi abaixo do esperado
VEJA MAIS >
Imagem: Wilton Junior/ Estadão Conteúdo

Com movimento abaixo do esperado, segundo a própria organização, manifestantes se reuniram em várias cidades do Brasil para protestar, neste domingo (26), a favor da Operação Lava Jato e contra a impunidade da classe política. Os grupos

Fonte: *Print screen* gerado da página UOL pelo autor

a baixa adesão como "falta de paixão". Uma das possíveis explicações para a baixa adesão é dada por uma militante, por meio de uma citação destacada: "'O brasileiro está em processo de cidadania, processo para aprender a abdicar do conforto de casa, de ir para rua manifestar. O processo é de altos e baixos. É assim mesmo', afirmou Adriana Balthazar, uma das líderes do movimento" (UOL, 26 mar. 2017).

Figura 24 – *Le Monde*, título e linha fina

Manifestations au Brésil : un « échauffement » avant la grève générale

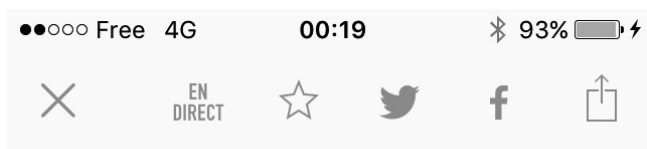
Le Monde.fr avec AFP
Le 1 avril 2017 à 03h51
Mis à jour le 1 avril 2017 à 10h20

—

Vendredi, les Brésiliens ont de nouveau manifesté contre les mesures du gouvernement Temer, dont le controversé projet de réforme des retraites.

—

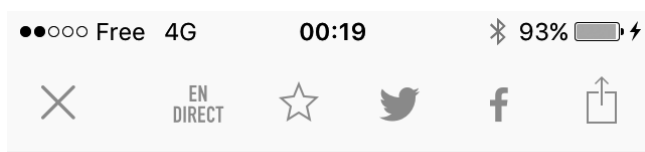
Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 25 – *Le Monde*, início da matéria

Des manifestants se sont mobilisés à Sao Paulo, au Brésil, vendredi 31 mars. | NELSON ALMEIDA / AFP

—

Des dizaines de milliers de Brésiliens sont redescendus manifester dans les rues vendredi 31 mars pour protester contre les mesures d'austérité imposées par le gouvernement du président Michel Temer, un

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 26 – *Le Monde*, intertítulo (Tradução: Medidas de austeridade impopulares)

Des mesures d'austérité impopulaires

Un sondage paru vendredi révèle que seulement 10 % des personnes interrogées ont une opinion positive de l'action du gouvernement conservateur. Et que 55 % considèrent sa gestion *« mauvaise ou lamentable »*.

Lire aussi : Brésil : le lourd tribut économique du retour à l'éthique

Arrivé au pouvoir en 2016, après la destitution de la présidente de gauche Dilma Rousseff, Michel Temer a lancé une série de mesures d'austérité impopulaires pour tenter

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Em termos de destacamento, a matéria trabalha com negritos nos nomes dos estados brasileiros, conforme são mencionados nos textos. Alguns intertítulos abordam a cobertura local das manifestações, sendo eles: Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba, Recife, Belo Horizonte, Salvador, Porto Alegre e Fortaleza.

Ao final, há outro recurso gráfico do mesmo tipo do primeiro, trazendo uma retrospectiva das manifestações, sendo a primeira aba: "'Voz das ruas' perdeu fôlego após a saída de Dilma. Veja dois anos de protestos" (UOL, 26 mar. 2017).

A matéria, dessa forma, mostra a "perda de fôlego" das manifestações, dado que respalda essencialmente na questão numérica. Assim como *Le Monde*, trata de uma "baixa adesão", mas não explicita o "desencantamento", diferentemente do quotidiano francês.

Vale anotar que o *Le Monde* continuou trazendo o tema das manifestações no Brasil nos dias consecutivos, a exemplo da seguinte reportagem: "Manifestações no Brasil, um 'aquecimento' para greve geral. Sexta-feira, os brasileiros novamente manifestaram contra as medidas do governo Temer, inclusive o controverso projeto de reforma da aposentadoria"[55] (*Le Monde*, 1 abr. 2017).

Essa matéria mencionada, no conjunto de seu título e intertítulo, destaca o que poderia ser a razão principal das manifestações em questão no Brasil: a impopularidade das medidas de austeridade. No conjunto de destacamentos, *Le Monde* parece trazer à tona, de um modo um pouco mais explícito, o fato de que a mudança de governo não resolveu os problemas relacionados à insatisfação do brasileiro, o que leva o veículo a tratar o tema pelo viés da decepção, de modo mais contundente.

---

55 *Manifestations au Brésil: un "échauffement" avant la grève générale. Vendredi, les Brésiliens ont de nouveau manifesté contre les mesures du gouvernement Temer, dont le controversé projet de réforme des retraites.*

Figura 27 – Chamadas do *Le Monde*

Affaire Petrobras : retour sur les trois années qui ont marqué le Brésil

SÉLECTION DE LA RÉDACTION

Apple + Suivre

La justice chinoise annule l'interdiction des ventes d'iPhone 6

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Le Monde também inclui esporadicamente o tema do Brasil em retrospectivas, a exemplo da seguinte: "Caso Petrobras: retorno aos três anos que marcaram o Brasil"[56] (*Le Monde*, 26 mar. 2017).

Uma vez que o Brasil consta com frequência da cobertura jornalística de *Le Monde*, veículo de grande circulação internacional, as abordagens deste contribuem para a fixação de certa imagem do Brasil para um leitor global. Por sua vez, a forma como circulam as notícias hoje em dia, nos aplicativos e sites em geral, em um contexto superfaturado por ofertas de notícias, faz ressaltar os efeitos dos destacamentos. Como demonstra a tela reproduzida na Figura 27, notícias circulam como "listas", como em um *feed* de notícias. Um leitor apressado informa-se rapidamente, na mesma tela, sobre os três anos do caso Petrobras e sobre o fato de a justiça chinesa ter anulado a interdição de vendas de iPhone 6. Essa é uma forte característica de um funcionamento contemporâneo da mídia, sobre o qual tratamos mais detalhadamente no capítulo a seguir.

---

56 *Affaire Petrobras: retour sur les trois années qui ont marqué le Brésil*

4
Funcionamento do jornalismo contemporâneo: "notícias destacáveis"

No capítulo anterior, apresentamos cinco análises comparativas de notícias equivalentes divulgadas nos aplicativos estudados. As possibilidades de mobilização do *corpus* mostraram-se inesgotáveis, portanto, acreditamos ter apresentado uma amostragem representativa. O contato imersivo com o *corpus* permitiu-nos refinar as hipóteses sobre o destacamento na mídia, especialmente em aplicativos de notícias acessados por dispositivos móveis. É desse aspecto que tratamos neste capítulo, tendo em vista aprofundar uma metodologia para analisar o discurso jornalístico, com base em seu funcionamento contemporâneo, substanciado na potencialização dos efeitos dos destaques. Para tal refinamento, prosseguimos com a mobilização analítica de dados do *corpus*, caminhando para a análise de resultados.

A fim de estudar o funcionamento midiático de um ponto de vista discursivo, Roselyne Ringoot (2014) sinaliza a importância de se levar em conta *'qui' parle* e *comment*, ou seja, *quem fala* e *como*, em termos de posicionamento. No caso do jornalismo, deve-se ter em vista que tal processo de enunciação dá-se a partir de um quadro editorial.

O funcionamento do jornalismo em si reforça o vínculo de reciprocidade entre *quem* fala e *como* se fala, já que todo o modo de escrita jornalístico se dá por uma construção (em parte simulação) de efeito de objetividade. Assim, ao analisar o discurso jornalístico, é pertinente considerar, de maneira entrelaçada, o *acontecimento* retratado e as modalidades de construção de tal discurso. Nesse aspecto, conforme sinaliza a autora, os títulos são elementos cruciais do jornalismo porque cristalizam a construção do acontecimento (ibidem, p.6).

O jornalismo tem uma forma específica de se apropriar da linguagem e da língua (Radut-Gaghi, 2017) por meio de um *modo de dizer*, do qual faz parte um conjunto de técnicas de levantamento da informação (apuração, investigação de dados, entrevistas etc.) e um modo de escrita (redação e edição) pautado em textos preferencialmente "objetivos", iniciados com *Lead* (respostas às perguntas quem, o quê, quando, onde, como, por quê?), formatados com títulos, linhas finas, subtítulos e olhos (frases destacadas no decorrer do texto). A existência desses procedimentos funciona como garantidora de credibilidade. Em outras palavras, a credibilidade jornalística é assegurada pelas técnicas que constituem o jornalismo, enquanto essas técnicas são discursivamente construídas como legitimadoras, ou seja, são a *causa* e o *efeito* do discurso jornalístico. Relação paradoxal: o que dá credibilidade à profissão é *efeito* de um discurso sobre como deve ser a atuação jornalística. "Para credibilizar, é preciso que faça falar" (Maingueneau, 2017).[1] A imprensa constrói e retrata o *acontecimento*, assim como constrói o seu *modo de dizer*. Como efeito, tais procedimentos soam como rigor profissional.

---

1 Notas de aulas. Paris, Sorbonne, 26 de abril de 2017.

Maingueneau (ibidem) expõe que a fala jornalística depende da *crise*, já que é de crise, do que foge ao convencional, ou é desestabilizador, que trata o jornalismo. Diante da necessidade de noticiar, o jornalismo busca a crise, fundamentando-se, assim, em um discurso que "fabrica a crise (filosófica, política...) e se legitima ao fabricá-la" (ibidem). O enunciador jornalista legitima-se nesse processo, em que a crise permite a razão de seu dizer.

O funcionamento contemporâneo da mídia, caracterizado por um "excesso de notícias", é tal que favorece a leitura de títulos listados ao modo de um *feed* de notícias, os quais se misturam e proporcionam ao leitor a sensação de estar informado sobre tudo, porém, de maneira superficial. Paradoxalmente, a lacuna sentida pelo aprofundamento de informação (que antigamente costumava ser associada ao jornalismo impresso, em contraponto ao audiovisual) tem levado a mídia a caminhar na produção dos chamados webdocs, ainda raros, como aponta Ringoot (2014). A autora anota, como elemento marcante dos últimos anos, a presença de vídeos nos jornais online, o que é recorrente nos aplicativos com os quais trabalhamos, que mesclam elementos característicos do impresso (o verbal e o icônico, em geral fotográfico) à oferta de vídeos, que constituem um fator de diferenciação desses aplicativos para dispositivos móveis em relação aos jornais impressos a ele correspondentes. Tais associações de gêneros (impresso, audiovisual) vêm ao encontro da proposta de Maingueneau (2010; 2017b), para quem a internet constituiria um hipergênero (com remissão a outros gêneros), e não um novo gênero do discurso.

Para Ringoot (2014, p.7), "a renovação dos gêneros do discurso se refere também a projetos editoriais que reivindicam duração e abrangência, em formatos impressos ou multimídia". Daí a proliferação de livros-reportagem e/ou grandes reportagens consagradas à vida política, que,

segundo a autora, participam da atualidade e, às vezes, por si, "fazem o acontecimento". Esses formatos longos e "cuidadosos" já aparecem na web, mas, de acordo com a autora, ainda é difícil dar uma definição a esses webdocs, que fazem os relatos jornalísticos parecerem imersivos, onde "o redacional e o multimídia se combinam em tela cheia" (ibidem, p.8).

Habitualmente, a imprensa é entendida como um conjunto de textos a analisar ou a produzir (é a visão convencional entre estudantes de jornalismo), mas, para compreender esses textos, é necessário reportá-los aos discursos que lhes dão sentido. Analisar a imprensa implica, portanto, avaliar a especificidade do discurso jornalístico e a maneira pela qual ele se distingue de outros discursos sociais. Essa dimensão é, segundo Ringoot (ibidem, p.9), fundamental, porque é exatamente aí que se dá a identidade discursiva do jornalismo, sua capacidade de legitimar-se e garantir um posicionamento específico. Caso contrário, ele diluir-se-ia em outras enunciações e perderia sua credibilidade.

Ao considerar a realidade das novas tecnologias, defendemos que elas não são, *a priori*, as responsáveis pelo funcionamento do jornalismo pautado nos destacamentos, mas potencializam esse modo de funcionar que sempre foi característico da máquina midiática. Nas palavras de Ringoot (ibidem), artigos e notícias são "atomizados" de modo a serem referenciados: "enviar a um amigo", "dar um *like*", escrever comentários. "Esses textos podem circular sem contexto, mas, em contrapartida, são identificados, carimbados pela marca do jornal" (ibidem, p.5).[2]

---

2 No original: *"Ces textes peuvent circuler sans cotextes, mais ils sont en revanche identifiés, estampillés par la marque du journal"*.

Com base nessas considerações, propomos a atenção a esse *funcionamento ao modo de listas de notícias* que é característico da comunicação contemporânea. Neste trabalho, mostramos que os destacamentos editam um *modo de dizer* e direcionam a leitura e consequente interpretação de sentidos. Com frequência, embora a leitura da reportagem completa proporcione acesso a detalhes, o conjunto do texto não contradiz a leitura superficial dos elementos destacados, mas quase sempre a confirma. Os textos completos, no entanto, *precisam estar ali* como garantidores da legitimidade dos elementos destacados e, de fato, mobilizam esforços por parte da produção jornalística. Independentemente das críticas que possam ser feitas à profissão (em termos de intenções questionáveis ou manipulação de dados, por exemplo), há uma classe de profissionais que, dia e noite, trabalha com uma série de cruzamento de dados e fontes. Apura, escreve e edita, cumprindo as etapas necessárias para que a divulgação possa ser legitimada pelo nome de um jornal. É por isso que os aplicativos considerados de mais credibilidade são aqueles vinculados a redações jornalísticas de tradição (no caso do UOL, o jornal *Folha de S.Paulo*; e no de *Le Monde*, o jornal de mesmo nome). Há todo um trabalho por trás do que é veiculado como um *feed* de notícias ou "listas de informações", do qual o público nem sempre tem a dimensão, e, ao mesmo tempo, é esse trabalho que legitima a existência do *feed* e provoca, no leitor, o efeito de estar informado mesmo sem ter lido a notícia toda.

No caso de nosso *corpus*, que privilegia um recorte de notícias que tematizam o Brasil, o destacamento sobre tais notícias circula entremeado por assuntos de diversas outras ordens, de acordo com o funcionamento contemporâneo midiático.

Em maio de 2017, as eleições para a Presidência da República na França foram, por razões evidentes, o

Figura 28 – Manchetes em *Le Monde* enfatizam a candidata Marine Le Pen e seu partido (FN)

Comment les idées du FN se sont installées dans l'air du temps SÉLECTION DE LA RÉDACTION

Selon le « Corriere della Sera », Marine Le Pen a traité François Fillon de « merde »

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 29 – Manchetes em *Le Monde* sobre os presidenciáveis franceses

●●●○○ Free 4G 14:53 96%

EN DIRECT À 12H18

Pourquoi Emmanuel Macron et Marine le Pen utilisent-ils le mot « patriote » ?

Élection présidentielle 2017

Présidentielle en direct : Marine Le Pen chahutée à Reims SÉLECTION DE LA RÉDACTION

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 30 – Manchete em *Le Monde* sobre a seca no Brasil, seguida por manchete relacionada às eleições presidenciais francesas e outra sobre astronomia

●●●○○ Free 4G 14:54 96%

EN DIRECT À 11H33

Photo + Suivre

Au Bresil, « la sécheresse cogne »

Elections législatives 2017

Jean-Luc Mélenchon et le PCF en instance de divorce

Astronomie

Arianespace met les bouchées doubles pour rattraper le retard

Élection présidentielle 2017

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 31 – Manchete no *Le Monde* sobre a preocupação da ONU com um suposto ataque a índios no Brasil (*L'ONU s'alarme de l'attaque d'une tribu indienne par des propriétaires terriens au Brésil*), seguida por outros assuntos, e outra notícia sobre o Brasil, a respeito da condenação pela justiça brasileira de oito pessoas por apologia ao terrorismo na ocasião dos jogos olímpicos (*La justice brésilienne condamne lourdement huit personnes pour apologie du terrorisme*)

●●●○○ Free 4G 14:55 96%

EN DIRECT À 06H12

L'ONU s'alarme de l'attaque d'une tribu indienne par des propriétaires terriens au Brésil

Au Bataclan, Yassine Belattar fait revivre le rire devant Hollande

Le chorégraphe Benjamin Millepied va réaliser un long-métrage adapté de « Carmen »

La justice brésilienne condamne lourdement huit personnes pour apologie du terrorisme

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

principal assunto veiculado pelo aplicativo *Le Monde*, já que o segundo turno entre os candidatos Emmanuel Macron e Marine Le Pen ocorreria no domingo, 7 de maio. Mesmo assim, e por ossos do ofício, assuntos variados, seja sobre o Brasil ou outros diversos, estiveram presentes na mídia francesa na semana pré-eleitoral. Precisamente no dia 5 de maio de 2017, o aplicativo veiculou três notícias sobre o Brasil em meio ao "conjunto jornalístico" no qual sobressaíam as eleições francesas.

Mesmo que tais assuntos não sejam prioritários para parte dos leitores do aplicativo/jornal, o fato de estarem presentes no *feed* os constitui como *acontecimentos* para esses leitores, assim como os demais temas presentes, sejam aqueles relacionados às eleições francesas ou à editoria de cultura, a exemplo de manchete sobre o coreógrafo Benjamin Millepied. Como contrapartida, outros assuntos não pautados por essa mídia *não acontecem* para seu leitor.

O leitor/internauta que acessa a matéria sobre a seca depara-se com outra importante forma destacada de informação, a fotografia, cujo efeito é potencializado pelo fato de essa matéria ser trabalhada em formato de gráfico digital, no qual se clica nas abas para acessar as imagens.

A matéria sobre o ataque a índios também impacta pela fotografia ao enfatizar os rostos ("a parte nobre do corpo", como interpreta Maingueneau, 2010, ao tratar da aforização) de pessoas caracterizadas como indígenas, havendo uma senhora com a expressão facial de choro.

No mesmo período, a imprensa brasileira, por sua vez, priorizou seus assuntos locais, com maior ênfase aos desdobramentos da Operação Lava Jato, tema que ocupava maior espaço e tempo da mídia no Brasil, em proporção semelhante à cobertura das eleições para a mídia francesa. Da mesma forma, assuntos sobre a Lava Jato são entremeados por outros de ordens diversas, inclusive sobre

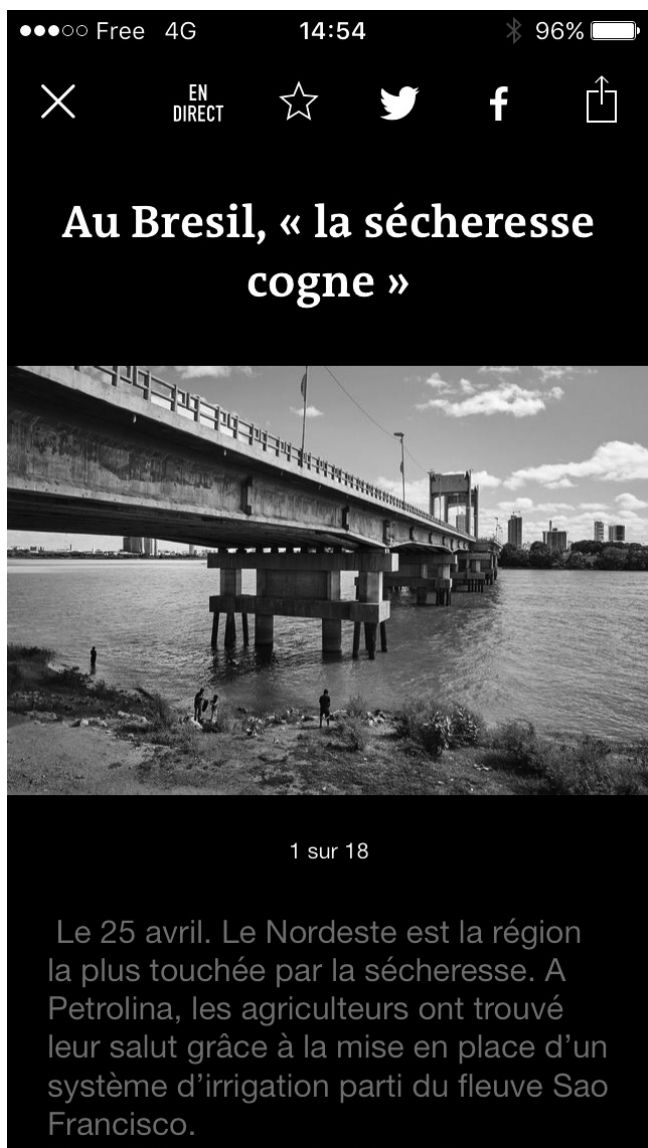
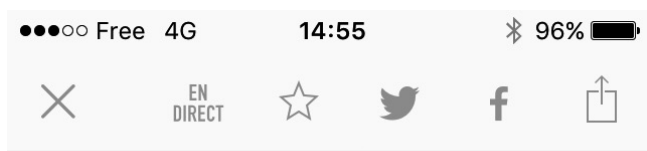
Figura 32 – Matéria em *Le Monde* sobre a seca no Brasil. A aba 1 enfatiza o Nordeste como a região mais afetada

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 33 – A aba 2 apresenta uma cidade de Pernambuco. As abas seguintes, sucessivamente, abordam outras cidades

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 34 – Imagem destacada na matéria em *Le Monde* sobre índios do Brasil

Les indiens de la tribu Gamela affirment que les terres qu'ils occupent aujourd'hui leur ont été promises à l'époque coloniale. | LUNAE PARRACHO / REUTERS

—

L'ONU a réagi jeudi 4 mai à la « *grave* » attaque menée dimanche par des propriétaires terriens contre des indiens de la tribu Gamela au Brésil. Les affrontements sont la conséquence d'un litige sur

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

aqueles considerados amenidades, como o mundo das celebridades.[3]

Um dado interessante é que, enquanto as matérias sobre política veiculadas pelo UOL, em geral (mas com exceções), contam com o aval do nome *Folha de S.Paulo* (instituição jornalística que funciona como fiadora), as notícias sobre celebridades, com grande frequência, não recebem o mesmo "selo", construindo uma representação do que seja jornalismo sério em relação ao entretenimento.[4]

No dia 6 de maio de 2017, véspera das eleições francesas, o depoimento de Lula no Brasil encontra espaço em *Le Monde*, entremeado essencialmente pelos temas relacionados ao segundo turno na França.

Não se trata de um ou outro país receber lugar especial no veículo francês, trata-se de considerar o que é ou deixa de ser notícia em nível internacional. As recorrentes manifestações na Venezuela, por exemplo, também figuram com frequência nas páginas de *Le Monde* nesse período. A análise de um *corpus* específico faz perceber com mais detalhe o funcionamento da cobertura internacional, revelando quais temas da interdiscursividade contemporânea potencializam a divulgação global sobre o país.

---

3 Exemplos: "Bruna Marquezine e Sasha se divertem em parque de Nova York", "'Ser fitness é mais do que ter corpo sarado', relata modelo no Instagram" (UOL, 4 maio 2017).

4 Trata-se de uma diferença entre os aplicativos *Le Monde* e UOL. Enquanto o primeiro acompanha necessariamente o nome próprio do jornal (agregando conteúdos digitais além do impresso, como vídeos e webgráficos), o segundo corresponde ao portal de notícias vinculado ao grupo Folha, que exerce, de certa forma, o papel de aplicativo do jornal *Folha de S.Paulo* para "não assinantes", permitindo sua popularização, por isso sua escolha para *corpus* desta pesquisa. Não há, no entanto, uma regra geral: as matérias de UOL podem ou não estar vinculadas ao nome *Folha de S.Paulo*. Para manter um parâmetro organizacional nas análises, optamos por privilegiar notícias que enfatizam o trato jornalístico, e não aquelas mais próximas ao colunismo social.

Figura 35 – Algumas entre várias manchetes no UOL relacionadas ao Escândalo Petrobrás, a corrupção e a reformas

Opinião

Rossi: se não houvesse tanto ódio, talvez se pudesse discutir reformas

Durante audiência

Ex-assessor de Pezão chora, confessa e pede prisão domiciliar

Há 2 horas

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 36 – Ênfase no caso "MacronLeaks" em *Le Monde*

« MacronLeaks » : les questions qui se posent après le piratage d'En Marche !

SÉLECTION DE LA RÉDACTION

Qui est le militant pro-Trump qui a relayé les « MacronLeaks » ?

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 37 – Novas acusações sobre Lula são pauta em *Le Monde* (*Um ancien directeur de Petrobras met directement en cause l'ex-président Lula* – Tradução: Um antigo diretor da Petrobras coloca diretamente em causa o ex-presidente Lula)

●●○○○ Free 4G 17:36 93%

EN DIRECT À 05H39

Un ancien directeur de Petrobras met directement en cause l'ex-président Lula

Royaume-Uni : les tories écrasent le Labour et le UKIP aux élections locales

Etats-Unis : un policier texan inculpé du meurtre d'un adolescent noir

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Ainda no que diz respeito ao Brasil, no dia 16 de maio de 2017, entre a predominância de notícias sobre o novo governo Macron, então eleito, o aplicativo *Le Monde* destacou dois temas brasileiros: 1) "No Brasil, primeiro ano difícil para o presidente Michel Temer"[5]; 2) "No Brasil, o recuo massivo da epidemia de zika é um enigma".[6]

O tema sobre o primeiro ano do governo Temer, por interesse local, é fortemente coberto pela mídia brasileira. Já o tema do zika vírus, nesse período, ocupava menos espaço na mídia nacional, desde o recuo da epidemia – recuo caracterizado pela matéria de *Le Monde* como um "enigma". No mesmo dia, ou em período aproximado, o tema não foi notícia no aplicativo UOL/*Folha de S.Paulo*.

O dia 18 de maio de 2017 foi bastante intenso para a política brasileira e, consequentemente, para a cobertura midiática desta editoria. Novas denúncias da Operação Lava Jato expuseram os nomes do senador Aécio Neves e do presidente da República Michel Temer, fazendo com que o assunto fosse predominante na mídia brasileira e no aplicativo UOL. O aplicativo *Le Monde*, em seu *feed* de notícias, traz uma matéria que contextualiza o leitor sobre os acontecimentos no Brasil: "No Brasil, o presidente Temer é 'salpicado' com novas revelações.[7]

Com a cobertura em tempo real pelas mídias digitais, as listas de títulos são infindáveis, e as possibilidades de análises, por sua vez, inesgotáveis. O que se enfatiza aqui é um *fazer jornalístico* que, ao tratar do acontecimento, constrói o acontecimento em si, já que ele só existe para o público que a ele tem acesso e, no contexto atual, de uma forma *imediata*, dado o funcionamento instantâneo do *feed* de notícias em aplicativos. Em um momento em

---

5 *Au Brésil, première année difficile pour le président Michel Temer*
6 *Au Brésil, le recul massif de l'épidémie de Zika est une énigme*
7 *Au Brésil, le président Temer éclaboussé par de nouvelles révélations*

que as pessoas se informam substancialmente pela internet, sobretudo pelos dispositivos móveis, especialmente o celular, figurar ou não no *feed* é essencial para *ser acontecimento*. Outras características dos aplicativos contribuem para a fixação de notícias como acontecimentos registrados como *memória discursiva*, como a escolha editorial daquelas que merecerão alertas sonoros[8] ou que serão mantidas como destaque na parte alta do *feed*.

No entanto, não basta haver um *feed* de notícias que funcione como uma listagem de títulos, é preciso que a matéria completa possa ser acessada pelo leitor, que seu link ou *print* (foto da tela) possa ser compartilhado em mídias sociais, que possa obter *likes* dos amigos. Ainda que o conteúdo não seja lido na íntegra por todas as pessoas, o *fazer jornalístico* que respalda as listas é essencial para a constituição de sua credibilidade e serve de argumento para firmar o lugar essencial do jornalismo em contraponto à diversidade de informações sem "um nome fiador" que figura nos compartilhamentos em redes sociais.

O próprio Facebook fez recentemente (2017) uma campanha contra a "informação falsa", o que registra a preocupação dessa rede social em não ter seu nome vinculado a notícias inverídicas, as quais podem ser definidas como boatos criados e espalhados sem investigação jornalística ou sem um nome de empresa de comunicação que as avalize. Esse tipo de preocupação com a notícia falsa (preocupação legítima, mas não legitimadora) faz parecer,

---

8 Conforme observamos em acompanhamento rigoroso do aplicativo *Le Monde*, o alerta sonoro é dedicado a notícias de alta relevância jornalística, o recurso não tende à banalização. Merecem alertas notícias sobre atentados, falecimentos de personalidades ou atualização de eventos relevantes (eleições, premiações). Assuntos relativos à condenação e prisão do ex-presidente Lula suscitaram o disparo do alerta sonoro.

de certo modo, que há uma contraposição transparente entre notícia falsa e verdadeira, sem considerar que as notícias apuradas também não constituem acesso à verdade *em si*, mas comportam efeitos de sentido sobre acontecimentos que também são discursivamente construídos.

No imaginário autocriado, o jornalismo coloca-se como "voz (quase) isenta da verdade", e o jornalista, como um profissional pessoalmente comprometido com esse princípio, o que é demonstrado por diversas declarações de jornalistas, a exemplo da seguinte, do editor do *Le 1*, em prefácio ao livro *Macron par Macron*, ao tratar do papel do jornalismo em relação à política:

> O periódico Le 1 não tem vocação para apoiar um candidato, quem quer que seja. Nós somos jornalistas. O senso crítico, para não dizer o ceticismo, é nossa segunda natureza, uma higiene mental. Por outro lado, é de nossa alçada tentar compreender o que se chama 'fenômeno Macron'. Nosso dever de curiosidade o exige. (Fottorino, 2017, p.10)

Nessa declaração, contundente e representativa de outras de profissionais da imprensa, o editor atribui supostas virtudes do jornalismo (senso crítico, ceticismo) a um "dever de curiosidade" que seria inerente ao profissional jornalista. Ao dizer que o jornal "não tem vocação de apoiar um candidato", afirma que a isenção é uma "vocação", algo que estaria no DNA jornalístico, como se assim se pudesse comprová-la. Constrói o efeito de comprovação a partir de uma afirmação tácita: "Nós somos jornalistas". Em seu discurso, ser jornalista equivale automaticamente a não ter vocação para o partidarismo. Assim, nesse discurso, ser jornalista seria a garantia da isenção e curiosidade que asseguram a investigação crítica, e, por sua vez, tais características definiriam o jornalismo.

Em prefácio ao livro *Déontologie du journalisme*, de Benoît Grevisse, Garapon (2016, p.7) aborda esse problema nos seguintes termos:

> Toda fala jornalística, com efeito, tem uma dimensão poética, no sentido etimológico do termo, pela qual ela cria pelo verbo uma realidade nova. Uma reportagem é certamente descritiva, mas igualmente performativa; ao contar a realidade, os jornalistas lhe dão forma, enquanto contestam deter esse poder.

Essa "dimensão poética" pode ser prejudicial ao exercício de autoavaliação constante, que deveria ser ainda mais refinado hoje em dia, diante das novas interfaces tecnológicas. Garapon (ibidem) reconhece a necessidade de "autorregulação" da profissão como um tema sensível e polêmico para o jornalismo, o que não deveria significar, absolutamente, censura, mas um chamado à responsabilidade. Para esse autor, retomando, por sua vez, alguns termos poéticos da profissão, "o heroísmo do testemunho, a obstinação da verdade e a coragem da informação devem ser celebrados, mas não a ponto de servir a um corporativismo duvidoso" (ibidem, p.7).

Grevisse (2016, p.50), por seu turno, trata das "ligações perigosas entre a identidade profissional e a deontologia". Preocupado com a deontologia do jornalismo, esse autor questiona: "O que é a profissão jornalística? Num primeiro momento, a resposta parece evidente. Ela é, no entanto, extremamente complexa e exige que se tome distância, opostamente, das representações mais correntes" (ibidem, p.50). Lembra que figuras como o apresentador de jornal televisivo, o grande repórter, o investigador são minorias no espaço profissional, no entanto, são eles os "porta-bandeiras simbólicos para o grande público" nessa profissão que, em boa medida, sustenta-se por seu

imaginário. Ressalta que a deontologia não é importante só para garantir o exercício ético da profissão, mas para a manutenção de seu próprio lugar simbólico: "para o conjunto do grupo profissional, a afirmação de uma deontologia implica igualmente a reivindicação de um papel significativo no espaço público" (ibidem, p.68).

O olhar atento aos pré-construídos que fundamentam os discursos é importante para clarear o fato de que não existe uma contraposição evidente entre divulgação falsa e verdadeira, o que não significa desmerecer o trabalho jornalístico (já que existe, por seu turno, uma contraposição entre notícia apurada e boato espalhado). Porém, o imaginário sobre a profissão deixa uma lacuna quanto à questão de que *comunicar é sempre apropriar-se da linguagem e do discurso* por meio de um viés, fundamento que precisa ser enfrentado a fim de proporcionar a efetiva educação para as mídias por parte dos cidadãos.

Acrescentamos que, se todo ato de comunicação é uma apropriação da linguagem, o mesmo vale para divulgações não jornalísticas, que podem ou não estar comprometidas com uma ética. A rigor, não há lugar neutro de fala.

5
Modos de produção de uma sintaxe do destacamento

A análise dos dados demonstrou que a investigação sobre o *destacamento* das notícias pelos aplicativos em questão requer uma base teórico-reflexiva inovadora, focada no funcionamento discursivo dos aplicativos, tendo em vista *uma sintaxe do destacamento* que leve em conta as condições de produção contemporâneas. Não remetemos à pretensão de uma discursividade nova (no sentido de Foucault, 2000), mas à de atentar para a necessidade de novos cruzamentos entre as ferramentas da Análise do Discurso (AD), a disponibilidade dos recursos online e a adaptação do jornalismo à realidade digital. Consideramos que o próprio *corpus* deva guiar os ajustes necessários para a mobilização de tais ferramentas, o que vem ao encontro da concepção da AD como teoria em constante reformulação.

A explicitação de tal sintaxe corresponde a um clareamento do funcionamento do discurso jornalístico, pautado em novos elementos impostos pela comunicação digital. Observada a questão de que a comunicação digital modifica o funcionamento do discurso jornalístico, é então necessária a investigação de *como se dá* esse novo

funcionamento, a partir de um respaldo que leve em conta a polifonia dos discursos inerente à assunção de posicionamentos que encontram espaço na mídia, enquanto outros são silenciados, considerado o potencial de maximização desses efeitos.

Tendo em vista a análise da cobertura internacional, privilegiamos, desde o primeiro recorte do *corpus*, notícias sobre o Brasil que fossem divulgadas por um veículo internacional, *Le Monde*. Levantamos algumas hipóteses, que puderam ser investigadas nas análises e, a fim de compreender melhor as condições de produção de tal cobertura, realizamos uma entrevista com o *médiateur*[1] do jornal *Le Monde*, Franck Nouchi, o que possibilitou confrontar dados. Salientamos que o ponto de vista oficial do jornal, expresso por meio de seu *médiateur*, é para nós uma informação importante, mas não suficiente, já que deve ser cruzada com a reflexão respaldada no aparato teórico-metodológico aqui mobilizado.

Ao priorizar o estudo dos destacamentos, em especial dos títulos, buscamos considerar a polifonia desses títulos: por que um (ponto de vista) e não outro? Como os títulos

---

1 Optamos por manter a terminologia original *médiateur*, pois se trata de uma função diferenciada em relação às existentes nas redações brasileiras, aproximada à do *ombudsman*, um responsável pela "mediação" com leitores do jornal e pela (auto)avaliação crítica do veículo. Trata-se de profissional com ampla experiência jornalística, que exerceu por mais de quinze anos a função de redator-chefe, responsável pela coerência editorial do veículo e, na prática, pela conferência de títulos e produção de manchetes de capa (*la une*). Em entrevista à jornalista Annette Levy-Willard, da RCJ, Franck Nouchi assim define sua função: "O *médiateur* no Monde é um jornalista que tem um estatuto particular, porque ele não depende de ninguém, escreve o que quer, quando quer, sem ser relido, ele não depende da direção do jornal, ele não tem um superior. [...] Tudo que escrevo sou eu que decido, em função dos leitores do jornal, em função das correspondências recebidas..." (Nouchi, entrevista à Annette Levy-Willard, 2017).

fazem evidenciar certa posição de sujeito? Eventualmente, expressam diferenças de poder ou dissimetrias? Confirmam o posicionamento oficial do jornal (pautado na proposta de ser informativo) ou deixam margem para a pluralidade de vozes?

A análise das matérias leva a alguns questionamentos. Por que certos assuntos sobre o Brasil (e não outros) são pautados por um veículo midiático francês? O que faz uma notícia sobre o Brasil ter sentido para um leitor de *Le Monde*? Ou, como se constrói, discursivamente, a relevância para o público? Em primeiro lugar, deve ser considerado que a proposta de *Le Monde*, segundo confirma seu *médiateur*, é a de ser um veículo internacional, daí seu nome "Mundo". Assim, pautar o Brasil, bem como outros países, é parte da política editorial do veículo. O *Le Monde* tem uma ampla rede de correspondentes internacionais, com quatro escritórios nos Estados Unidos e outros espalhados por todo o globo. A decisão de ter um correspondente fixo em um país depende da relevância da cobertura e também de condições propícias. Por exemplo, o *médiateur* nos informa que haveria muito interesse por parte do jornal em ter um escritório na Argélia e na Venezuela, mas as autoridades desses países dificultam o processo.

Conforme nos explica o *médiateur*, há dois jornalistas correspondentes no Brasil (um permanente e um substituto), sendo a permanente, Claire Gatinois, especializada em economia, o que significaria, segundo o próprio porta-voz do jornal, que a economia (diretamente relacionada à política) do país, por ocupar um lugar relevante na América do Sul, seria de interesse para o leitor do veículo.

> Há interesse pelos países que são emergentes, o Brasil faz parte dos BRICS... se faz questão de eleger a cobertura do Brasil. Quando é necessária a decisão de fechar um escritório para abrir outro, se considera que o Brasil é um país

importante para ter um correspondente. (Nouchi; Moraes, 2018, p.207)

Sobre a escolha de temas, levantamos a hipótese de que são abordados aqueles assuntos de relevância internacional, cujos efeitos vão além do Brasil. A opção de pautar certos temas, de forma semiconsciente, dá-se no limite entre o que soa relevante para o público do jornal e o que certos *clichês* advindos de uma memória discursiva fazem parecer relevantes. É assim que parece se justificar, em *Le Monde*, a presença de notícias sobre a seca no Brasil (segundo uma memória interdiscursiva, a Amazônia brasileira é o "pulmão do mundo" e o meio ambiente brasileiro é uma preocupação para o mundo todo, relacionada ao aquecimento global e à preservação ambiental), sobre possível agressão a membros de tribo indígena (em uma visão cultural globalizada, o índio, em especial, merece ser respeitado e preservado), e o zika vírus (tema que pôs o planeta em alerta com o risco de uma epidemia global).

A questão faz pensar que, possivelmente, quando a imprensa trata de outro país, é, de fato, de um ponto de vista globalizado que o faz. Assim, a resposta sobre *quem fala* sobre o Brasil poderia ser um locutor inserido na globalização que, de fato, não trata do Brasil em si, mas de aspectos de um mundo globalizado do qual o país faz parte. Seriam, portanto, notícias mais sobre o mundo do que sobre o Brasil em si (o mesmo poderia ser dito sobre notícias a respeito de outros países).

Quando perguntamos sobre o público a quem se dirige a cobertura a respeito do país, Nouchi nos responde que há, especialmente, três grupos de leitores: franceses, brasileiros e aqueles, entre ambos, que vivem no país diferente de sua nacionalidade (franceses no Brasil e brasileiros na França). É a esse público heterogêneo, portanto, que o veículo se dirige. Assim, podemos dizer

que a hipótese sobre um público globalizado parcialmente confirma-se, porém, as especificidades de cada um desses grupos representam algumas nuances. O *médiateur* falou-nos, inclusive, sobre a forte repercussão que suscitam as notícias sobre o Brasil, especialmente em período de tensão política. Contou que recebeu muitas manifestações, tanto de brasileiros quanto de franceses, com queixas sobre possível parcialidade da cobertura política feita por *Le Monde*.

Quanto aos assuntos relacionados à política interna brasileira, que são recorrentes em um período caracterizado por efervescência na política nacional,[2] a hipótese da relevância internacional parece colar-se à outra, mais trivial e cotidiana do fazer jornalístico, a de que determinados assuntos, por serem impactantes ainda que para uma população não local, precisam ser tratados como *acontecimentos*. Precisam *acontecer*, e, em nível de inserção na memória discursiva, é o jornalismo que constrói o *acontecimento*. Se algo afeta um grande número de pessoas, ou chama atenção pelo exótico, não pode deixar de ser dito.

A presença de correspondentes estrangeiros não dispensa o papel das agências de notícias na cobertura internacional. *Le Monde* assina as principais agências que considera "de confiança" e recorre a elas especialmente para o que avalia como notícias mais "cotidianas" (France

---

2 O período da pesquisa compreende a repercussão do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016, desdobramentos da Operação Lava Jato, acusações envolvendo o presidente Michel Temer e novas manifestações em 2017 pedindo o afastamento do então presidente. Assim, embora a política não tenha sido uma delimitação do *corpus*, é inevitável que o assunto seja recorrente na mídia analisada. Como metodologia, propusemos não delimitar o *corpus* em uma única editoria (a exemplo de política) justamente porque outros assuntos – que eventualmente poderiam ser considerados mais amenos ou despretensiosos – podem clarear hipóteses sobre quais seriam as preocupações internacionalizadas.

Presse, Reuters, entre outras). A forma como a imprensa internacional cobre assuntos de outros países passa, portanto, também pelo filtro dessas agências, fazendo com que parte das matérias possa ser semelhante em jornais de países diferentes, podendo trazer títulos já globalizados. No entanto, existem outros filtros, entre os quais o trabalho dos correspondentes estrangeiros e os próprios mecanismos de edição do veículo jornalístico. Sobre o processo de edição, o *médiateur* informa-nos que um título passa por até quatro olhares: (1) o jornalista (correspondente) propõe um título inicial, que, em seguida, pode ser modificado por um (2) editor, por um (3) editor-chefe e, finalmente, pelo (4) chefe de redação.[3]

A redação que chega ao leitor, já intermediada pelos processos de edição, expressa a formulação sintático-semântica dos títulos destacados no *feed* de notícias, ao modo de listagem. Ao investigar como são fabricadas linguisticamente as tais listas e como nelas se dá a *formulação* de títulos sobre o Brasil, é preciso considerar que essa diversidade de vozes está presente em sua construção, atrelada a critérios do que se acredita representar um jornalismo informativo[4] alinhado a uma linha editorial.

Não é necessário que exista um manual sobre como abordar (construir títulos etc.) as notícias internacionais. É mais interessante observar que existe uma *prática* que faz com que certos parâmetros sejam mais ou menos frequentes nas abordagens, da mesma forma como a presença de conteúdo sobre o Brasil é regular no aplicativo *Le Monde*.

---

3 Adaptamos para a terminologia brasileira as equivalentes francesas: éditeur, *chef en service*, rédacteur chef.

4 O esforço de ser informativo é reservado à divulgação de notícias. O jornal conta, ainda, com espaço de interpretação e debate, onde realiza o jornalismo opinativo.

O jornalismo, de forma semiconsciente, atua como um princípio organizador da realidade social. Assim, quando se toma como objeto de análise um veículo francês, ainda que de proposta internacional, o ponto de vista de partida é o europeu, francês neste caso, de um veículo específico. O *médiateur* fala-nos sobre um princípio organizador do jornalismo a partir de um ponto de vista particular:

> Podemos dizer que temos a nossa própria leitura da atualidade, nossa própria maneira de hierarquizar a atualidade. Claro que não dizemos tudo da mesma maneira que um jornal de São Paulo ou outro jornal brasileiro. Fazemos da nossa maneira. É um jornal francês, portanto, com uma maneira francesa de ler a atualidade, mas de audiência internacional. (ibidem)

Se os assuntos são locais (franceses), podem vir categorizados pela temática, a exemplo de *Présidentielle* (cobertura das eleições francesas). Se o assunto é relativo a outro país, é quase uma regularidade que o nome desse país – compreendido como "outro" – apareça logo no início, para situar o leitor. Quase sempre isso ocorre com o uso da palavra "Brésil" como uma retranca (*rubrique*), ou utilizada logo no início do título, ou ainda com o uso da adjetivação "brasileiro/brasileira", a exemplo dos seguintes títulos publicados no mesmo dia: "No **Brasil**, a seca agride"[5] (*Le Monde*, 5 maio 2017, destaque nosso) e "A justiça **brasileira** condena duramente oito pessoas por apologia ao terrorismo"[6] (*Le Monde*, 5 maio 2017, destaque nosso).

---

5 *Au Brésil, "la sècheresse cogne"*

6 *La justice brésilienne condamne lourdement huit personnes pour apologie du terrorisme*

Conforme já observamos, assuntos sobre o meio ambiente são recorrentes e justificam-se por uma preocupação global, como é o caso da matéria sobre a seca no Brasil, supracitada. O tema ambiental é retomado em outras matérias sobre o Brasil, por exemplo, no dia 24 de junho de 2017: "Desmatamento no Brasil: a operação 'greenwashing' de Michel Temer fracassou".7 E como indício de que se trata realmente de uma preocupação geral do jornal, são constantes as matérias relacionadas aos efeitos do aquecimento global sobre a França, a exemplo de reportagens sobre o fenômeno da canicule (ondas de calor), sobre um estudo a respeito do aumento de temperaturas (*A França poderia experimentar picos de calor de 50 °C no final de século*, 21.7.2017) e mesmo sobre a seca na França (*27 departamentos em estado de crise: compreender a seca que afeta a França*, 25.7.2017).

A notícia sobre o possível ataque a uma tribo indígena, por sua vez, mencionada antes, não enfatizou o Brasil no início do título (o advérbio "no Brasil" foi destinado ao final da frase), transferindo a ênfase principal para o nome ONU: "A ONU se alarma com um ataque a uma tribo indígena por proprietários de terra no Brasil"[8] (*Le Monde*, 5 maio 2017).

A formulação com ênfase no nome ONU reforça a hipótese de que o assunto em questão é tratado como algo global, universal, por seu caráter humanitário, dizendo respeito mais ao mundo do que pontualmente ao Brasil. Nessa matéria, lê-se que a ONU citada refere-se ao órgão brasileiro da entidade, mas é seu nome global que garante o peso para o destacamento.

---

7 *Déforestation au Brésil: l'opération "greenwashing" de Michel Temer fait long feu*

8 *L'ONU s'alarme de l'attaque d'une tribu indienne par des propriétaires terriens au Brésil*

Assuntos locais do ponto de vista do veículo (franceses) não precisam de maiores explicações, evidentemente, devido ao repertório do leitor-modelo de um jornal francês. Assim, nos títulos seguintes, é um pressuposto saber que Bataclan refere-se a uma casa de shows que foi alvo de ataque terrorista em novembro de 2015, bem como se supõe conhecido do público o coreógrafo mencionado: "No Bataclan, Yassine Belattar faz reviver o riso diante de Holland"[9] (*Le Monde*, 5 maio 2017) e "O coreógrafo Benjamin Millepied vai realizar um longa-metragem adaptado de 'Carmem'"[10] (*Le Monde*, 5 maio 2017).

O título do dia 6 de maio de 2017 de *Le Monde* aponta para o fato de que o nome Lula é internacionalmente conhecido, já que o nome Brasil é, nesse caso, dispensado pelo jornal na formulação do título. Tal independência do nome Lula é curiosa quando observada a posição que a manchete ocupa na lista, seguida por outros temas que se iniciam com a rubrica dos nomes Reino Unido e Estados Unidos.

> Um antigo diretor da Petrobras põe diretamente em causa o nome Lula[11] (*Le Monde*, 6 maio 2017)
>
> Reino-Unido: os Tories esmagam o Partido Trabalhista [Labour Party] e o UKIP nas eleições locais[12] (*Le Monde*, 6 maio 2017)
>
> Estados Unidos: um policial texano é culpado pela morte de um adolescente negro[13] (*Le Monde*, 6 maio 2017)

---

9 *Au Bataclan, Yassine Belattar fait revivre* le rire *devant Holland.*

10 *Le chorégraphe Benjamin Millepied va réaliser un long-métrage adapte de "Carmen"*

11 *Un ancien directeur de Petrobras met directement en cause l'ex-président Lula*

12 *Royaume-Uni: les tories écrasent le Labour et le UKIP aux élections locales*

13 États-Unis: *un policier texan inculpé du meurtre d'un adolescent noir*

Os dados indicam que, do ponto de vista do jornal, o nome Lula tem mais peso internacional que o do presidente Michel Temer, já que o nome Brasil sempre acompanha notícias relacionadas ao emedebista.

De 18 a 20 de maio de 2017, circularam as seguintes matérias com a retranca "Brasil" no aplicativo:

> Brasil: o presidente Temer recusa a renúncia e pleiteia sua inocência[14] (*Le Monde*, 18 maio 2017)
>
> Brasil: o presidente Michel Temer é acusado de obstrução da justiça[15] (*Le Monde*, 19 maio 2017)
>
> Brasil: o presidente Michel Temer reclama a suspensão do inquérito que o visa[16] (*Le Monde*, 20 maio 2017)

Confirmamos a questão sobre o nome Lula na entrevista com o *médiateur*, que relatou não haver necessidade de referência ao Brasil nesse caso, afirmando que "Lula é como Obama", ou seja, um nome que não precisa estar colado à sua nacionalidade, já que todos sabem quem é. "Diz-se Lula e todo mundo sabe quem é. Pelé é parecido. Não há necessidade de dizer Brasil. Há pessoas que são mundiais. Se dizemos 'Dilma', devemos dizer Brasil", explica Nouchi. Sobre esse aspecto, o *médiateur* avalia que são poucos nomes assim, mundiais. Segundo ele, por exemplo, o nome Merkel (da primeira-ministra alemã) tem esse peso na França, dispensando que se diga Alemanha, mas não no mundo todo, o que seriam casos mais raros. O nome de Lula, inclusive, foi o primeiro lembrado quando conversamos sobre a relevância de cobertura internacional sobre o Brasil: "Um personagem como Lula

---

14 *Brésil: le président Temer refuse de démissionner et plaide son innocence*

15 *Brésil: le président Michel Temer accusé d'obstruction à la justice*

16 *Brésil: le président Michel Temer réclame la suspension de l'enquête qui le vise*

Figura 38 – Matéria em *Le Monde* sobre o presidente brasileiro Michel Temer (Tradução: O presidente brasileiro colocado em causa pela justiça)

Le président brésilien mis en cause par la justice

Par Claire Gatinois (Sao Paulo, correspondante)
Le 27 juin 2017 à 02h11
Mis à jour le 27 juin 2017 à 10h27

—

Michel Temer est accusé de corruption passive. Pour qu'il soit inculpé, la demande de mise en examen doit être approuvée par les deux tiers des députés.

—

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

Figura 39 – Destaque para o rosto de Michel Temer em *Le Monde*

Le président brésilien Michel Temer à Brasilia, le 26 juin. | UESLEI MARCELINO / REUTERS

—

Quelques heures avant que le procureur dépose sa demande de mise en accusation pour crime de *« corruption passive »*, Michel Temer a semblé s'adresser à la justice, prévenant, plein de morgue : *« Rien ne nous détruira. »*

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

é muito popular aqui na França, seguimos muito [o que ele faz]. Sua responsabilidade política é reclamada, solicitada. Então, é importante cobrir Lula, o que ele diz. Em todo caso, isso interessa ao público que lê *Le Monde*" (Nouchi; Moraes, 2018, p.201).

A necessidade de uso do nome Brasil (ou do adjetivo "brasileiro") é confirmada na investigação de outras matérias, por exemplo, em título de 27 de junho de 2016.

A não necessidade, do ponto de vista francês, da rubrica "Alemanha" para o nome de Merkel e a necessidade da rubrica "Brasil" para o nome de Michel Temer confirma-se em listagem de manchetes do dia 27 de junho de 2016.

Ainda sobre os modos de produção dos títulos, conversamos com o *médiateur* sobre a contextualização presente na matéria "Brasil: busca na casa de Eduardo Cunha, o homem que ameaça Dilma Rousseff"[17] (*Le Monde*, 15 dez. 2015, ver Capítulo 3). O profissional nos relatou que a tentativa de contextualização muitas vezes não foi assim compreendida pelo leitor. Brasileiros "de direita" veriam um título como esse como defesa ao Partido dos Trabalhadores, enquanto brasileiros "de esquerda" considerariam pouco assertivo. Conta que o jornal recebeu críticas de diversas ordens relacionadas à cobertura da política brasileira na fase do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, especialmente de leitores percebidos pelo *médiateur* como de "extrema esquerda brasileira". Relata também ter havido, embora em menor quantidade, leitores que se queixaram de uma "cobertura de direita", incluindo tanto leitores brasileiros quanto franceses. Sobre tais críticas, avaliou o *médiateur*:

---

17 *Brésil: perquisition chez Eduardo Cunha, l'homme qui menace Dilma Rousseff"*

Figura 40 – Lista de manchetes de *Le Monde* inclui assuntos sobre Merkel e Temer

HIER À 23H28

Angela Merkel se dit favorable à une relance des négociations sur le TTIP

Au Brésil, Temer à l'offensive pour dénoncer une justice de « fiction »

Enquête du ministère des armées sur des soupçons d'utilisation privée d'un Alphajet

Sécurité informatique

Le parquet de Paris ouvre une enquête en France sur le virus Petya

Fonte: *Print screen* gerado do aplicativo pelo autor

> [Leitores brasileiros] Pensam que nós fomos parciais na informação. Naquela época [da matéria sobre a busca e apreensão na residência de Cunha], não se sabia exatamente o que ele havia feito. Nos acusaram de reler a ação de Cunha. Você não pode imaginar o número de leitores brasileiros muito ideológicos, muito marcados à esquerda... que nos reprovaram, nos acusaram de não sermos equilibrados. [...] Sabemos que nossa correspondente trabalha bem, mas trabalha sobre a vigilância de um grande número de leitores brasileiros (ou mesmo franceses que vivem no Brasil) que são muito engajados politicamente e que têm a ideia de que *Le Monde* pouco informava. [...] O que você diz [sobre contextualização] não é sempre compreendido pelo leitor. E em particular por certos leitores brasileiros que têm uma tendência a reagir muito rapidamente e às vezes violentamente. (ibidem)

Nesse processo, o *médiateur* informa que houve muitas conversas entre ele e a correspondente no Brasil, a fim de avaliar se havia erros na cobertura. Sobre isso, escreveu uma coluna,[18] no espaço de opinião, cuja tradução foi reproduzida por diversos veículos brasileiros, o que, em sua interpretação, demonstraria que "o Brasil se interessa pelo que *Le Monde* diz a seu respeito". Essa coluna faz parte da edição para assinantes de *Le Monde* e não circulou no aplicativo.[19]

Retomando a matéria supracitada, considerada a polifonia do título "*Brésil: perquisition chez Eduardo Cunha, l'homme qui menace Dilma Rousseff*" no quadro descrito

---

18 *Brésil: "Le Monde" a-t-il été partial? Le Monde*, "Débats & Analyses", édition de 25.04.2016.

19 O *médiateur* aponta que a cobertura mais completa e aprofundada é a do jornal impresso, por razões complementares: a credibilidade do impresso e a necessidade de assinantes. Considera equivocado que alguns leitores compreendam a versão gratuita do aplicativo como "a verdadeira cobertura". Para efeitos de análise, porém, interessa a versão popularizada do jornal por meio de seu aplicativo.

de condições de produção, observa-se uma tentativa de conciliação de algumas posições discursivas. Uma posição representa a proposta oficial do jornal de ser informativo/objetivo: informar que houve uma busca na casa de Eduardo Cunha. Outra posição retoma da memória discursiva a responsabilidade do ex-deputado Cunha pelo *impeachment* de Dilma Rousseff (na ocasião dessa notícia, ainda em processo), caracterizando-o como "o homem que a ameaça". Uma terceira posição, ao cruzar as duas informações, põe em questionamento a moralidade do ato de um deputado também acusado por corrupção solicitar o impedimento da presidente.

Acrescentando à interpretação desse título o parâmetro das críticas relatadas pelo *médiateur* de *Le Monde*, a primeira posição, que informa a busca na casa de Cunha, poderia contemplar os leitores considerados "de esquerda", solidários ao então governo do PT. A segunda posição também legitimaria o ponto de vista de "esquerda" ao atribuir o pedido de *impeachment* a um deputado acusado de corrupção. A terceira posição, ao associar os dados, tenta representar o ponto de vista do jornal como informativo e analítico, mas não opinativo. Se interpretadas por um prisma entendido como "de direita", as posições poderiam ser entendidas como leitura favorável ao PT. No conjunto com outras matérias de *Le Monde*, que cobriram outros aspectos das acusações ao governo, o título pode ser lido como uma tentativa de neutralidade, de mostrar "outro lado", de não resumir as notícias a acusações ao PT, o que também pode representar uma espécie de diálogo "conciliatório" com os leitores compreendidos como de "extrema esquerda" (alguns dos quais teriam entrado em contato com o jornal, segundo o *médiateur*).[20]

---

20 Uma observação a ser feita é a de que, na política francesa, os termos esquerda e direita são um pouco mais marcados do que na

Esse modo de funcionamento dos títulos nos aplicativos de notícias está inserido a um só tempo nas práticas de produção jornalísticas e nas especificidades do espaço de circulação digital, compreendido como um hipergênero (Maingueneau, 2010). O suporte digital mantém características dos gêneros aos quais se associa (no caso, o jornalístico) e, ao mesmo tempo, potencializa e redimensiona seu funcionamento por meio das possibilidades permitidas pela interface, como a de modificar/atualizar títulos, a maneira própria de remeter hipertextualmente a outras notícias e a possibilidade de gerar interação mais rápida e eficaz entre produtores e leitores.

De acordo com o quadro teórico-metodológico mobilizado nesta pesquisa, reforçamos que a relevância dos títulos é maximizada pelos potenciais das tecnologias contemporâneas, que devem, portanto, ser consideradas.

Sobre o papel determinante das interfaces disponíveis, Melo (2017) discute como os discursos implicados em títulos de divulgação científica estão articulados com o suporte virtual, atualmente de modo muito particular pela interface do Facebook. Para o autor (ibidem, p.7), "componentes e funcionalidades da rede influenciam

---

brasileira, ao menos segundo um ponto de vista razoavelmente conservador, como é o caso do *Le Monde*. A esse respeito, chama atenção a importância, para *Le Monde*, de situar os partidos como de esquerda, direita, centro etc. Em uma matéria com referência ao PSDB, este partido foi apresentado como "*historiquement centre gauche mais désormais étiqueté centre droit*" (historicamente de centro-esquerda, mas agora rotulado como centro-direita) (*No Brasil, o presidente Temer comprometido por novas revelações*, de 18.5.2017). Nossa impressão, como leitora brasileira e analista, é de que *Le Monde* tenta apreender e objetivar uma nuance que não é assim tão evidente em nossa realidade. Outra observação é a de que, ainda que se trate de um veículo específico, por ser exterior ao Brasil, a cobertura de *Le Monde* referente ao Brasil apresenta um caráter mais "globalizado" do que a da *Folha de S.Paulo*, divulgada no aplicativo UOL.

o discurso e o modo como esse discurso se apropria do suporte para fazer circular determinadas informações tidas como tácitas", graças a um suposto embasamento de uma autoridade jornalística construída alhures (o exemplo do autor, mais específico, articula a construção de uma autoridade jornalística em conjunto com uma autoridade de ciência). Ao serem compartilhados pelo Facebook, os títulos são influenciados por um processo que o autor chama de "interação para si", conforme explica:

> A partir da interação humano-computador-humano e da configuração contextual pode-se observar uma "interação para si" no Facebook: as ações são sempre relacionadas a postagens ou notificações da plataforma da rede, o que chama sempre à monitoração de quem postou. A interação para si é a propriedade que o sujeito tem de agir com o outro, mas essencialmente voltando-se para si através da interface. (ibidem, p.6)

A interação para si implica uma suposta personalização do conteúdo, porém altamente influenciada pela atuação da plataforma.

> Há uma ação na interface que envolve não apenas como as pessoas compartilham textos, imagens e links, mas como desenvolvem uma série de ações. O usuário pode até crer que está no controle de suas ações, "interagindo" com quaisquer outros, mas a interface também o direciona a discursos específicos, quando postagens que aparecem no topo são as mais relacionadas a assuntos que ele visualiza e quando tudo que ele diz volta mais para si próprio do que é direcionado para esses outros, já que ele é sempre notificado sobre curtidas, compartilhamentos e comentários de sua postagem, sem contar a expectativa gerada para si mesmo. (ibidem, p.6)

Nesse universo de redes, o leitor "deixa de ser apenas leitor, é divulgador a seu modo, dentro das limitações e possibilidades da configuração contextual da plataforma" (ibidem, p.9). Melo (ibidem, p.10) observa que "as pessoas leem só títulos, mas também muitos títulos falsos e os divulgam conforme estejam de acordo com suas crenças", e, assim, notícias falsas proliferam: "não necessariamente as notícias são intencionalmente modificadas, mas pode-se partir dos mesmos fatos para dar novos enquadres e teores aos discursos, com formas de destacamento específicas e uso das funcionalidades que a plataforma dispõe no momento" (ibidem, p.10).

Um exemplo do autor sobre postagens a respeito de uma das notícias de divulgação científica analisadas em seu *corpus* leva-o à afirmação: "A verdade é que no percurso do artigo fonte original para a postagem no Facebook, praticamente nada é discutido do artigo referido. O que importa é manter no Facebook justificativas para suas opiniões" (ibidem, p.13).

Conforme tem sido possível observar nas mídias sociais, a possibilidade dessa interação para si corresponde a (e até incentiva) um desejo cada vez mais forte de imposição de pontos de vista particulares dos usuários. No entanto, como a maioria dos usuários da rede não reflete conceitualmente a respeito dos posicionamentos ideológicos inerentes à comunicação (o que é do campo mais específico da Análise do Discurso – AD), os posicionamentos "pessoais" são confundidos com a verdade em si. Reflexo disso, conforme interpretado pelo *médiateur* de *Le Monde*, é a maneira como as críticas de leitores são dirigidas ao jornal, de acordo com posicionamentos ora advindos de uma visão alinhada à *esquerda*, ora alinhada à *direita*.

Ocorre, paralelamente, que, ainda que o jornalismo tenha uma semiconsciência de que a produção e recepção de discursos sofrem interferência da adesão ideológica,

o tema atravessa o próprio modo de funcionamento da profissão. E se certo grau de consciência pode permitir um trabalho mais ético, falta ainda trazer à tona a questão de que a informação, matéria-prima que sustenta o jornalismo, é também construída discursivamente por ele. Um problema, porém, é que tal concepção abala os pilares da profissão e, por sua vez, não pode ser radicalizada para o extremo oposto, o de que qualquer troca de informação seria um exercício jornalístico.

A prática dos veículos alicerça-se em códigos de deontologia, e no caso de *Le Monde*, existe a "*Charte d'éthique et de déontologie du groupe Le Monde*", de 3 de novembro de 2010 (última versão). Trata-se de um código comum ao conjunto das publicações e sites do grupo *Le Monde*, ao qual se juntam códigos e acordos adotados precedentemente por cada um dos títulos, desde que não se contradigam. Apresenta-se com o objetivo de "lembrar os princípios essenciais de independência, de liberdade e de confiabilidade da informação e de precisar os direitos e deveres dos jornalistas, dirigentes e acionistas" (*La Charte*..., 2010). Embora possam ser feitas ressalvas ao imaginário da "vocação do jornalista" implícito no código, ele contém princípios norteadores com os quais são comprometidos os jornalistas, que os diferenciam de um divulgador "comum" de informações.

Sobre o imaginário da vocação, o próprio termo é evocado pelo código: "A **vocação** dos títulos do grupo *Le Monde* é de fornecer, em todos os seus suportes, uma informação de qualidade, precisa, verificada e equilibrada. Os jornalistas devem ter um olhar crítico sobre a informação e fazer eco ao pluralismo de opiniões" (ibidem, destaque nosso).

Quanto aos princípios norteadores, estes se baseiam em um compromisso de "independência editorial dos jornais do grupo *Le Monde*, em relação aos seus acionistas,

anunciantes, dos poderes públicos, políticos, econômicos, ideológicos e religiosos" como "condição necessária para a informação livre e de qualidade". Dessa forma, assume--se formalmente que o desafio de manter tais princípios demanda ações efetivas, entre as quais uma diferenciação precisa entre as funções dos diretores de redação, responsáveis pelo conteúdo editorial, e dos gestores econômicos. O código busca alinhar-se à *Déclaration des devoirs et des droits des journalistes* (Munique, 1971), que pontua a necessidade de equilíbrio entre direitos e deveres bastante difundidos da profissão, incluindo o dever de não confundir a função de jornalista com a de publicitário e o direito de não ser pressionado a fazê-lo. Outra ação concreta refere-se ao respeito às associações de jornalistas (*bureau des sociétés des journalistes*, SDJ), que podem ser consultadas em caso de dúvidas e questões éticas. Mais uma vez, em meio a orientações concretas, é ressaltado certo romantismo em torno da sacralidade do nome jornalista, por exemplo, nas palavras conclusivas da "Declaração dos Deveres" (1971): "Todo jornalista *digno desse nome* deve se fazer o dever de observar estritamente os princípios enunciados acima" (destaque nosso).

Com o respaldo do quadro teórico-metodológico da AD e as análises apresentadas nesta pesquisa, buscamos contribuir para uma reflexão que, por um lado, problematize os princípios sustentadores da profissão entendidos como um dom ou vocação (quando amparados em uma visão poética do jornalismo) e, por outro, complementar, valorize tais princípios compreendidos como exercício ético, sem deixar de assumir o caráter de construção discursiva inerente à própria informação.

Considerações finais

O fato de a contemporaneidade ser marcada pela tecnologia produz efeitos sobre os discursos. Como defende Maingueneau (2001; 2010 etc.), o *midium* não se resume a mero suporte, mas impacta nos modos de dizer e consequentes efeitos de sentido.

Paveau (2015, p.320), por sua vez, considera que o que chama de *dispositivos tecnodiscursivos* "constituem câmaras de ressonância que levam tanto à banalização quanto à sensibilização para a dimensão moral dos discursos". Observa a autora que as tecnologias discursivas produzidas por esses discursos estão longe de ser apenas seus suportes técnicos, representando, mais do que isso, seus *elementos constitutivos*.

O destacamento é característico do funcionamento dos veículos midiáticos, estando o jornalismo especialmente envolvido na produção de efeitos de sentido por meio de seus títulos. O aumento de disponibilidade de notícias ocorrido com o desenvolvimento da web 2.0 e demais tecnologias digitais potencializa esses efeitos do destacamento. Por sua vez, a forte presença das redes sociais na vida das pessoas intensifica os efeitos suscitados por

notícias, já que podem ser compartilhadas e comentadas, por meio das novas ferramentas disponíveis, sem que seus conteúdos tenham sido lidos necessariamente na íntegra. Esse cenário aumenta a responsabilidade dos títulos na produção e proliferação de efeitos de sentido e registros de memória. Entendemos, assim, que a análise dos destacamentos em aplicativos de notícias, como proposta neste trabalho, contribui para a compreensão da realidade no contexto contemporâneo, caracterizado pela forte presença da comunicação digital na vida dos cidadãos.

Esses aplicativos são influenciadores da produção de sentidos na atualidade, já que as pessoas cada vez mais informam-se e trocam conteúdo a partir dos dispositivos móveis, especialmente celulares. Mesmo quem ainda não tenha se habituado a ler notícias por meio dos aplicativos pode fazê-lo de maneira muito similar diretamente pelos navegadores online, seja digitando a URL de jornais ou buscando informações por motores de pesquisa como o Google, embora os *apps* tenham suas especificidades, conforme mostramos. O portal UOL é um dos sites mais acessados no Brasil e, portanto, constitutivo dos efeitos de sentido sobre nossa realidade. Já a leitura de mídias internacionais exige outros fatores, como o domínio de língua estrangeira ou mesmo o interesse pelo acesso a visões distintas sobre um mesmo tema.

O cruzamento de leituras de teor internacional em diferentes mídias toca em um ponto sensível do jornalismo, já que, conforme Grevisse (2016, p.19), a aceleração da midiatização internacional imediata, ao conter falhas deontológicas, pode "marcar fortemente os espíritos".

Se a leitura de notícias em diferentes aplicativos (e veículos) não resolve o problema do viés editorial sobre os fatos, ao menos traz à tona a não transparência da

linguagem, ou seja, torna mais palpável a questão de que não é possível ter acesso aos fatos se não pela linguagem, o que já é sempre interpretação. O acesso a veículos internacionais/estrangeiros pode contribuir para novos parâmetros de interpretação sobre a realidade brasileira. Nesse aspecto, vale postular que seria fundamental o papel das escolas na formação, por um lado, em línguas estrangeiras e, por outro, em educação para as mídias.

Como questão adjacente, o cruzamento de abordagens de notícias em mídia nacional e estrangeira revela matizes nas representações de nossa identidade, por nós mesmos e pelo "outro". De ambos os olhares, interno e externo, o brasileiro é visto como um povo festivo, porém a ênfase pode estar na indulgência, de um lado, e na ingenuidade, de outro. Estudos a respeito da identidade do Brasil e do brasileiro nas mídias apontam a caracterização de nosso país como "um diferente" (em relação ao civilizado, ao europeu, ao "ocidental" – entendido como representação, e não como localização geográfica). Apesar da aparente divisão, uma representação afeta a outra e constitui o que se entende por identidade brasileira, já que não devemos nos esquecer da opacidade intrínseca ao funcionamento das línguas e do *simbólico* que subjaz os discursos – e, consequentemente, a constituição de identidades de que esses discursos são contraparte.

Uma vez que a cobertura internacional ocupa um lugar fundamental na construção de identidades globalizadas, é necessário considerar o vínculo entre o papel do jornalismo e a circulação de discursos sobre imaginários, bem como promover a constante reflexão ética sobre a profissão, sem idealizá-la, seja como profissão heroica, segundo aqueles que defendem sua permanência, seja como vilã, segundo aqueles que a veem como manipuladora incorrigível. Sempre há nuances diversas entre uma posição estanque e outra. Conforme Grevisse (ibidem, p.52), "muito

mais do que do fim do jornalismo, pode ser do crescimento exponencial de sua esfera que será preciso falar". Esse autor aponta, ainda, que as dificuldades da profissão estão longe de limitar-se à imprensa escrita, às vezes ingenuamente considerada como oposta à comunicação online, enumerando contratempos que afetam todas as mídias, dentre os quais destaca o desafio em manter a marca: "para permanecer sendo uma referência, em jornalismo, é preciso demonstrar o interesse de seus conteúdos editoriais e investir numa oferta digital, enquanto, ao mesmo tempo, as receitas diminuem" (ibidem, p.11-2).

O desenvolvimento da pesquisa permitiu alcançar os objetivos propostos, entre os quais aprofundar o estudo das noções de destacamento e destacabilidade no quadro teórico da Análise do Discurso (AD), bem como as possibilidades de (inter)relação entre os estudos de discursividade e funcionamento jornalístico. Ao selecionar um *corpus* de notícias sobre o Brasil, pudemos, também, trazer à tona a memória discursiva em torno da identidade do Brasil e do brasileiro, com base nas representações em mídia nacional e internacional, especificamente em *Le Monde*, veículo francês de abrangência global. O trabalho propôs uma metodologia que pode e deve ser testada no estudo de outros veículos internacionais, ao que, aliás, estamos dando continuidade.

Defendemos que o respaldo teórico-metodológico da AD francesa, mobilizado em conjunto com a deontologia jornalística, fortalece a visão da profissão e deve ser integrado à formação do profissional de jornalismo, não como mera possibilidade utilitarista para análise de dados, mas como pilar de uma visão discursiva que, simultaneamente, problematiza e enriquece a abordagem do jornalismo.

Referências bibliográficas

AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso*: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ANGERMULLER, J. *Análise de discurso pós-estruturalista*. As vozes do sujeito na linguagem em Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Sollers. Campinas: Pontes Editores, 2016.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, dez. 1990, p.25-42. Edição original: 1982.

BERTRAND, C.-J. *A deontologia das mídias*. Bauru: Edusc, 1999.

CHARTE DEONTOLOGIE *LE MONDE*. La charte d'éthique et de déontologie du groupe *Le Monde*. 3.11.2010. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/actualite-medias/article/2010/11/03/la-charte-d-ethique-et-de-deontologie-du-groupe-le-monde_1434737_3236.html>. Acesso em: ago. 2017.

CHRISTOFOLETTI, R; OLIVEIRA, C. de. Jornalismo pós-WikiLeaks: deontologia em tempos de vazamentos globais de informação. *Contemporânea Comunicação e Cultura*, Universidade Federal da Bahia, v.9, n.2, agosto de 2011.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro* – arquivo, memória e identidade. 2.ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FOTTORINO, É. Avant-propos. In: ______. (Dir.) *Macron par Macron*. Le 1, Éditions de l'Aube, 2017

FOUCAULT, M. Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo Epistemológico. In: ______ et al. *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1971, p.9-55. Edição original: 1968.

______. *O que é um autor?* 4.ed. Lisboa: Veja, 2000. 44p.

GARAPON, A. Préface. In: GREVISSE, B. *Déontologie du journalisme* – enjeux éthiques et identités professionnelles. 2.ed. Paris : Deboeck supérieur, 2016.

GREVISSE, B. *Déontologie du journalisme* – enjeux éthiques et identités professionnelles. 2.ed. Paris: Deboeck Supérieur, 2016.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de "fórmula" em análise do discurso*: quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes; Editora da Unicamp, 1997.

______. Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez, 2001.

______. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

______. *Cenas da enunciação*. Tradução de Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006.

______. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

______. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola, 2014.

______. Gêneros do discurso e web – existem os gêneros web? Tradução de Érika de Moraes e Roberto Leiser Baronas. *Revista Abralin – Associação Brasileira de Linguística,* São Carlos, v.15, n.3, p.135-60, jul.-dez. 2016.

______. Notas de aulas. Curso ministrado para mestrado na Université Paris-Sorbonne no ano letivo de 2017.

MELO, L. B. Títulos em notícias de divulgação científica: estratégias discursivas e funcionalidades na interface do Facebook. *Linguagem em (dis)curso* – LemD, Tubarão, v.17, n.1, p.51-66, jan.-abr. 2017. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/4843>. Acesso em: 13 jun. 2017.

MORAES, É. de. O jornalismo on-line sob o viés discursivo – o novo e o já dado. In: BRUNELLI, A. F. et. al. (Orgs.). *Comunicação, cultura e linguagem*. 1.ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p.41-58.

______. Brasil "redemocratizado": um gigante que acordou? A discursivização midiática sobre os protestos de junho de 2013. Revista do Programa de Pós-graduação em mídia e cotidiano, [s. l.], v.6, n.6, p, 131-51, 2015.

______. (Org.). *Análise do Discurso*: conceitos essenciais e a contribuição de Dominique Maingueneau – análises práticas. Bauru: Canal 6 Editora, 2016.

MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

NOUCHI, F; MORAES, É. de. Le Monde e a cobertura internacional sobre o Brasil: entrevista com Franck Nouchi, *médiateur Le Monde. Intercom*, São Paulo, v.41, p.199-208, 2018. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3051/2132 >. Acesso em: 15 set. 2018.

______. Entrevista a Annette Levy-Willard. *Décryptage Annette Levy-Willard reçoit Franck Nouchi sur RCJ*. Transmitido ao vivo em 29 de março de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ve7PDxucpM>. Acesso em: ago. 2017.

PAVEAU, M.-A. *Linguagem e moral* – uma ética das virtudes discursivas. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Eni P.Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. Edição original: 1969.

RADUT-GAGHI, L. "Les appropriations journalistiques". Séminaire présenté à l'École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) à Paris, le 12 mai 2017. Organisé par Johannes Angermuller, Josiane Boutet, Marc Glady.

RINGOOT, R. *Analyser le discours de presse*. Paris: Armand Colin, 2014.

SALGADO, L. Um éthos para Hércules: produção dos sentidos e tratamento editorial dos textos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTAELLA, L. *Navegar no ciberespaço*. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

No cenário da comunicação digital, a crescente influência dos aplicativos de notícias – que abastecem instantaneamente o usuário por meio de um feed, com recortes de atualidades considerados relevantes – é decisiva para a construção de efeitos de sentidos a respeito dos fatos divulgados e consequentes registros de memória.

Este livro deriva de ampla pesquisa que investigou esses efeitos em notícias veiculadas em dois aplicativos, um nacional (UOL, vinculado a um dos portais mais acessados do país, que divulga conteúdo do jornal *Folha de S.Paulo*) e um internacional (*Le Monde*), com respaldo no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, priorizando as noções de destacamento e destacabilidade.

Em seu conjunto, os capítulos do livro permitem o aprofundamento da visão sobre a cobertura midiática a respeito do Brasil em nível internacional. Os resultados demonstram que a constituição de identidades é amplamente afetada pelos modos de funcionamento jornalístico, cuja discursividade pauta-se no que chamamos de uma sintaxe do destacamento.

Érika de Moraes é graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), e em Letras pela Universidade do Sagrado Coração (USC); é mestre e doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e possui pós-doutoramento pela Université Paris-Sorbonne (Paris IV). É professora do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Unesp, *campus* de Bauru, e atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto.